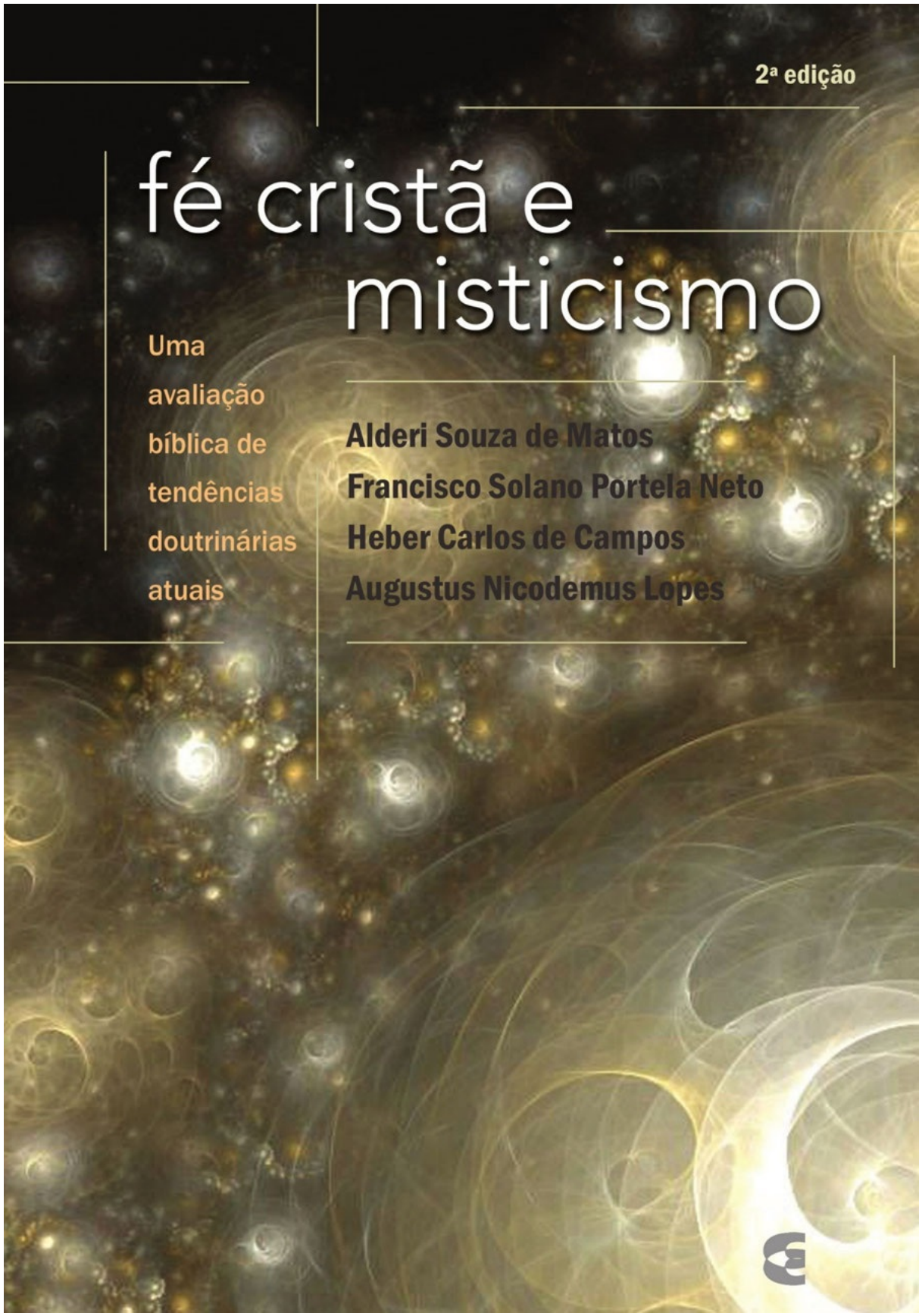
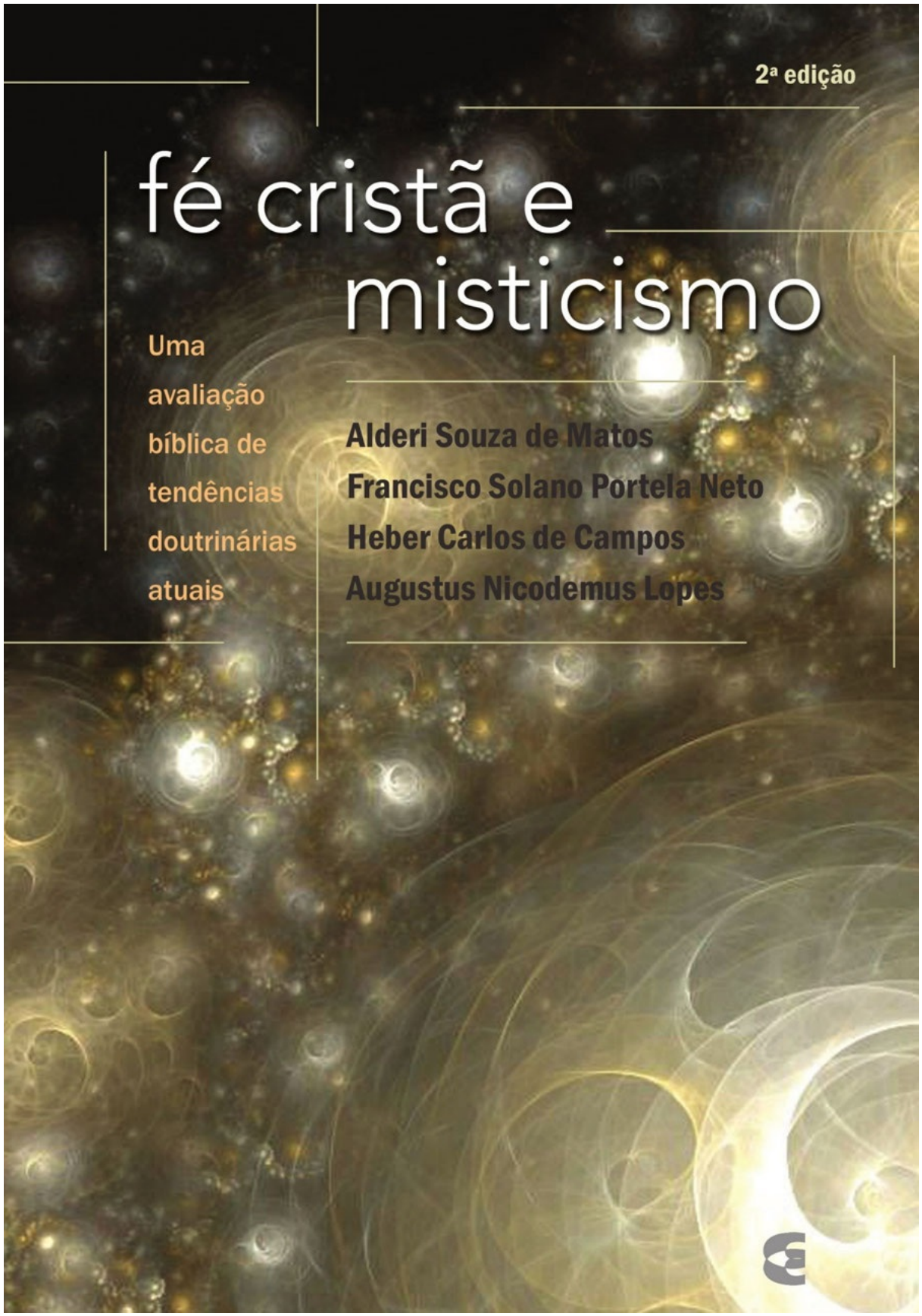

2ª edição
fé cristã e misticismo
Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais
Alderi Souza de Matos
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos
Augustus Nicodemus Lopes


2ª edição
fé cristã e misticismo
Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais
Alderi Souza de Matos
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos
Augustus Nicodemus Lopes

2ª edição

fé cristã e misticismo

Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais

Alderi Souza de Matos
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos
Augustus Nicodemus Lopes

Fé cristã e misticismo, Alderi Souza de Matos, Augustus Nicodemus Lopes, Francisco Solano Portela Neto, Heber Carlos de Campos © 2000, Editora Cultura Cristã.

Todos os direitos são reservados.

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Filipe Fontes Heber Carlos d

M4336f Matos, Alderi Souza de

Fé cristã e misticismo/ Alderi de Souza Matos, Augustus Nicodemus Lopes, Francisco Solano Portela Neto, Heber Carlos de Campos. _São Paulo: Cultura Cristã, 2013

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-024-8

1. Apologética 2. Vida Cristã I. Título

CDD 239

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela

denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci

01540-040 – São Paulo – SP – Brasil

Fone (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

0800-0141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Capítulo 1

Histórico do Movimento Neopentecostal no Brasil

Rev. Alderi Souza de Matos, Th.D.

Capítulo 2

Avaliando as Manifestações Sobrenaturais

P. Francisco Solano Portela Neto, Th.M.

Capítulo 3

Profecia Ontem e Hoje

Rev. Heber Carlos de Campos, Th.D.

Capítulo 4

A “Batalha Espiritual” em Perspectiva

Rev. Augustus Nicodemus Lopes, Ph.D.

Capítulo 1

Histórico do movimento

neopentecostal no Brasil

Alderi Souza de Matos

Como o próprio nome indica, o movimento neopentecostal se insere no âmbito do movimento mais amplo que lhe deu origem, o pentecostalismo, que originou-se nos Estados Unidos nos primeiros anos do século 20.[1] Pouco tempo depois, o movimento chegou ao Brasil. Quase que simultaneamente, duas igrejas pentecostais iniciaram suas atividades em solo brasileiro, uma no sul e a outra no norte do país. Em poucas décadas, esse movimento haveria de transformar de modo permanente e profundo a face do protestantismo nacional.

Em um ensaio relativamente recente sobre o pentecostalismo brasileiro, Paul Freston observa que a história desse movimento pode ser dividida em três "ondas" de implantação de igrejas.[2] A primeira onda iniciou-se na década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911). A Congregação Cristã foi fundada pelo italiano Luigi Francescon (1866-1964), que emigrou para os Estados Unidos, converteu-se ao evangelho, tornou-se um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana, em Chicago, e eventualmente foi alcançado pelo nascente movimento pentecostal. Chegou ao Brasil em 1910, em resposta a uma profecia para que levasse a obra pentecostal aos seus patrícios. Iniciou as suas atividades entre imigrantes

italianos residentes em São Paulo e Santo Antônio da Platina, no Paraná. Já a Assembleia de Deus brasileira resultou dos esforços de dois suecos de origem batista, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1885-1963), que igualmente emigraram para os Estados Unidos e foram alcançados pelo movimento pentecostal na cidade de Chicago. Os dois obreiros fixaram-se em Belém do Pará, onde passaram a frequentar a igreja batista, cujo pastor também era de nacionalidade sueca. Alguns meses mais tarde, a mensagem pentecostal de Vingren e Berg produziu um cisma na igreja, surgindo assim o primeiro grupo da nova denominação.

Essas igrejas virtualmente dominaram o campo pentecostal durante 40 anos, pois as suas rivais eram poucas e inexpressivas.[3] Das duas pioneiras, a Assembleia de Deus foi a que mais se expandiu numérica e geograficamente, a ponto de ser praticamente a única expressão do protestantismo em alguns estados do norte.[4] A Congregação Cristã no Brasil, após um período em que ficou mais limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar a sua sobrevivência por meio do trabalho entre os brasileiros.[5] Após um crescimento inicial rápido, foi ultrapassada pela Assembleia de Deus no final dos anos 40.

A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando o campo pentecostal se fragmentou e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas elas acentuando de maneira especial a cura divina. Essa segunda onda começou quando a urbanização e o surgimento de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompeu com as limitações dos modelos existentes, especialmente em São Paulo. Freston argumenta que o estopim foi a chegada da Igreja Quadrangular, com seus métodos arrojados, forjados precisamente no berço dos modernos meios de comunicação de massa, a Califórnia do período entre as duas guerras mundiais.[6] Todavia, quem lucrou com o novo modelo, no primeiro momento, não foi a Igreja Quadrangular, excessivamente estrangeira, e sim, a sua criativa dissidência nacionalista, a Igreja O Brasil para Cristo.

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada nos Estados Unidos pela controvertida evangelista Aimee Semple McPherson (1890-1944) e chegou ao Brasil através do missionário Harold Williams, um ex-ator de filmes de faroeste, que fundou a primeira igreja em novembro de 1951, em São João da Boa Vista, São Paulo. Em 1953 teve início a Cruzada Nacional de Evangelização, sendo Raymond Boatright o principal evangelista. Desde então a Igreja Quadrangular tem crescido constantemente, sendo uma de suas peculiaridades a forte ênfase dada ao ministério feminino.[7]

Um dos primeiros pastores da Igreja Quadrangular brasileira foi um ex-evangelista da Assembleia de Deus chamado Manoel de Mello. Em 1956, ele separou-se da Cruzada Nacional de Evangelização, organizando a campanha "O Brasil Para Cristo," da qual eventualmente surgiu a igreja de mesmo nome. Manoel de Mello surpreendeu o mundo evangélico em 1969, quando filiou a sua igreja ao Conselho Mundial de Igrejas, filiação essa que perdurou até 1986.[8] Em 1979, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo inaugurou o seu gigantesco templo em São Paulo, sendo orador oficial Philip Potter, secretário-geral do CMI, e estando entre os presentes o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns.[9]

Outra importante denominação da segunda onda pentecostal, a Igreja Deus é Amor, foi fundada por David Miranda (nascido em 1936), filho de um agricultor do Paraná. Vindo para São Paulo, converteu-se numa pequena igreja pentecostal e em 1962 iniciou a sua igreja em Vila Maria. Pouco depois, a igreja transferiu-se para o centro da cidade e em 1979 foi adquirida a "sede mundial" da Baixada do Glicério, um dos maiores templos evangélicos do Brasil, com capacidade para dez mil pessoas.[10]

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos expressivos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), as Comunidades Evangélicas, Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, etc.

Segundo Paul Freston, essas igrejas representam “uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo.”[11] A terceira onda começou após a modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização já atingia dois terços da população, o milagre econômico estava exaurido e iniciava-se a “década perdida” dos anos 80. A onda começou e se firmou no Rio de Janeiro economicamente decadente, com sua violência, máfias de jogo e política populista. O novo pentecostalismo, também denominado “pentecostalismo autônomo”[12] por alguns estudiosos, adaptou-se facilmente à cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética yuppie. Uma das características do movimento é o uso inteligente dos meios de comunicação de massa, nacionalizando um pentecostalismo bem-sucedido nos Estados Unidos.[13]

Uma importante precursora dos grupos neopentecostais foi a Igreja de Nova Vida, fundada pelo canadense Robert McAlister, que rompeu com a Assembleia de Deus, em 1960. A Nova Vida foi pioneira de um pentecostalismo de classe média, menos legalista, e investiu fortemente na mídia. Foi também a primeira igreja pentecostal a adotar o episcopado no Brasil. Sua maior contribuição foi ter sido um “estágio” para futuros líderes. Trabalhou com homens um pouco mais cultos e conhecedores do mundo que os líderes da primeira e segunda ondas, e sugeriu-lhes um modelo pentecostal mais culturalmente solto. Deu-lhes também uma formação indispensável para que se tornassem independentes: segundo um ex-pastor, “a primeira coisa que aprendi na Nova Vida foi como levantar uma boa oferta.”[14] Em sintonia com isso, a mensagem devia ser sempre positiva. Era o transplante do que havia de mais recente na religião americana, no estilo dos novos pregadores televisivos. A Vida Nova foi berço de três grupos da terceira onda: a IURD, a Igreja Internacional da Graça de Deus (fundada por Romildo R. Soares, cunhado de Edir Macedo, após um cisma na IURD) e a Igreja Cristo Vive.

Uma influência significativa na Igreja de Vida Nova e no surgimento do movimento neopentecostal como um todo foi a incipiente renovação carismática norte-americana. Esse movimento surgiu de modo distinto no início dos anos 60 com a ocorrência de fenômenos pentecostais fora das estruturas denominacionais do pentecostalismo clássico, ou seja, nas chamadas igrejas históricas e em

grupos não denominacionais.[15] No Brasil, a chamada “renovação” produziu divisões em quase todas as igrejas históricas, com a criação de grupos como a Igreja Batista Nacional, a Igreja Metodista Wesleyana e a Igreja Presbiteriana Renovada. Para tornar esse quadro ainda mais complexo, os anos 60 também testemunharam o aparecimento da “renovação carismática católica,” que, apesar de uma relação nem sempre fácil com a hierarquia, tem adquirido crescente visibilidade em anos recentes. Em contraste com o pentecostalismo clássico, o movimento carismático, seja em sua modalidade evangélica ou católica, tem atraído principalmente pessoas de classe média, daí a sua maior preocupação com o decoro e a respeitabilidade do que se vê nos grupos populares.

Ao lado das manifestações espirituais extraordinárias como glossolalia, curas, profecias e exorcismo, os carismáticos e neopentecostais brasileiros caracterizam-se por uma forte ênfase na “Teologia da Prosperidade,” outra influência norte-americana, difundida por líderes como Kenneth Hagin e Benny Hinn. Este tem sido um dos principais elementos do maior fenômeno ocorrido no protestantismo brasileiro nas últimas décadas: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).[16] A igreja foi fundada por Edir Macedo (nascido em 1944), filho de um comerciante fluminense. Macedo trabalhou por 16 anos na Loteria do Estado do Rio de Janeiro, período em que subiu de contínuo até um cargo administrativo. De origem católica, ele ingressou na Igreja de Nova Vida na adolescência, deixando essa igreja para fundar a sua própria, inicialmente denominada Igreja da Bênção. Em 1977, deixou o emprego público para dedicar-se integralmente ao trabalho religioso. Nesse mesmo ano surgiu o nome Igreja Universal do Reino de Deus e o primeiro programa de rádio. Macedo residiu nos Estados Unidos de 1986 a 1989. Quando retornou ao Brasil, transferiu a sede da igreja para São Paulo e adquiriu a Rede Record. Em 1990, a IURD elegeu três deputados federais. Macedo esteve preso por doze dias em 1992, sob a acusação de estelionato, charlatanismo e curandeirismo.[17] O acontecimento que deu maior publicidade à IURD nos últimos anos foi o episódio do “chute na santa,” quando, em um programa de televisão transmitido em 12 de outubro de 1995, o bispo Sergio von Helde referiu-se de modo desairoso à virgem Maria, dando alguns chutes numa imagem da mesma.[18]

Outro grupo neopentecostal que também dá grande ênfase à Teologia da

Prosperidade e tem despertado muita atenção da imprensa nos últimos meses é a Igreja Renascer em Cristo, fundada em 1985 pelo “apóstolo” Estevam Hernandes e sua esposa, a bispa ou “episcopisa” Sonia Hernandes. À semelhança de outros líderes pentecostais, Estevam teve uma origem humilde como filho de um jardineiro de cemitério e começou a trabalhar aos 7 anos, fazendo carreto em feiras livres. Mais tarde, desiludido com o catolicismo, filiou-se a uma igreja pentecostal, onde conheceu a futura esposa. Sete anos depois, casaram-se e decidiram fundar sua própria igreja, que hoje conta com cerca de 50 mil fiéis e mais de 200 templos.[19] À semelhança dos pastores da IURD, o casal Hernandes tem grande habilidade em conseguir contribuições dos fiéis; todavia, ao contrário de Edir Macedo, ostenta com orgulho sinais de riqueza, como roupas caras, joias e automóveis importados. O casal é proprietário da rentável Rede Gospel de Comunicação e procura agora assumir o controle da Rede Manchete de televisão.

Devido às suas características intrínsecas e à sua capacidade de adaptação às necessidades e expectativas de vastos setores da população brasileira, o movimento neopentecostal está longe de perder o seu ímpeto. Espera-se que, ao iniciar-se o século 21, surjam novos segmentos e os antigos grupos tomem rumos ainda insuspeitados.

---

1. Para as origens teológicas e históricas do pentecostalismo norte-americano, ver Donald W. Dayton, Theological Roots of Pentecostalism (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987).

2. Paul Freston, Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, em Alberto Antoniazzi e outros, Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo (Petrópolis: Vozes, 1994), p. 70-71.

3. Fazendo um levantamento do protestantismo brasileiro em 1931, Erasmo Braga curiosamente menciona apenas de passagem as igrejas pentecostais. Todavia, os dados estatísticos que aduz ao final do livro mostram que a Assembleia de Deus já despontava como uma das principais denominações presentes no país. Erasmo Braga e Kenneth G. Grubb, The Republic of Brazil: A Survey of the Religious Situation (Londres: World Dominion Press, 1932), p. 69, 101s, 141.

4. Freston faz uma observação interessante sobre a Assembleia de Deus: no período em questão (1910-1950), ela tornou-se a igreja protestante nacional por excelência, sendo a única grande igreja evangélica a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio-São Paulo. Breve História, p. 70-71.

5. Escrevendo em 1952, o professor Émile-G. Léonard opinava haver nas Congregações Cristãs “uma profunda fraqueza, que faz com que não as possamos considerar absolutamente protestantes” – o limitado papel reservado à Bíblia. O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social, 2ª ed. (São Paulo: JUERP/ASTE, 1981), p. 350.

6. Freston, Breve História, p. 72.

7. Duncan Alexander Reily, História Documental do Protestantismo no Brasil, 2ª impr. rev. (São Paulo: ASTE, 1993), p. 388-91.

8. Ibid., 376-78; Freston, Breve História, p. 124-25. Freston opina que a filiação foi um “casamento de conveniências.” O CMI precisava de pentecostais e

Manoel de Mello, embora discordasse da teologia do CMI, queria publicidade e auxílio para projetos sociais.

9. Reily, História Documental, pp. 378-79.

10. A Igreja Deus é Amor até hoje não utiliza a televisão, mas é proprietária de uma rede de emissoras de rádio e transmite os seus programas para toda a América Latina. Ver Leonildo S. Campos, O Milagre no Ar: Levantamento de Técnicas Persuasivas num Programa Radiofônico em São Paulo, Simpósio – Revista Teológica da ASTE 5/2 (dezembro de 1982).

11. Freston, Breve História, p. 71.

12. Nesse sentido, designa aqueles grupos pentecostais que surgiram fora das grandes denominações brasileiras, pentecostais ou protestantes, fundados e liderados por empreendedores religiosos que preferiram estabelecer-se por conta própria, sem vínculos, inclusive, com missões estrangeiras. Ver Leonildo Silveira Campos, Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal (Petrópolis e São Paulo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997), p. 18.

13. Leonildo Silveira Campos, Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflitos, em Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina – Um Desafio às Igrejas Históricas (São Paulo: Pendão Real, 1996), p. 84.

14. Freston, Breve História, pp. 132-33.

15. Ver Charismatic Movement, em Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, eds., Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 130.

16. Sobre a relação entre a IURD e a Teologia da Prosperidade, ver Freston, Breve História, 146-153.

17. Freston, Breve História, 153-56. Para uma análise completa da IURD em toda a sua complexidade, ver a obra de Leonildo S. Campos, Teatro, Templo e Mercado. Campos é professor da Universidade Metodista de São Paulo, no programa de Ciências da Religião.

18. A revista Veja publicou uma entrevista com o bispo Von Helde na sua edição de 1º de novembro de 1995, pp. 50-53. O episódio do “chute na santa” exacerbou ainda mais uma confrontação entre a IURD e a Rede Globo que vinha ocorrendo há vários meses.

19. Revista Veja, 20 de janeiro de 1999.

Capítulo 2

Avaliando as manifestações sobrenaturais

F. Solano Portela Neto

Introdução

Fenômenos sobrenaturais estão sendo relatados a todo o momento. Ouvimos sobre sinais e maravilhas e somos instruídos a buscá-los como comprovação da presença de Deus no nosso meio. Surgem líderes religiosos com a capacidade de realizar esses fenômenos e as curas e milagres praticados, bem como as palavras de revelação proferidas, são colocadas como atestado inequívoco de que procedem de Deus. A igreja está agitada, perplexa, confusa, e sacia a sede legítima de reavivamento com o envolvimento com o extraordinário, o inusitado. Descartam-se formas litúrgicas tradicionais, diluem-se distinções denominacionais, abandonam-se estruturas de governo eclesiástico mais formais, procura-se a presença mais eficaz da terceira pessoa da trindade e desenvolve-se o culto ao Espírito Santo, como resposta à apatia e inércia que, infelizmente, têm caracterizado muitas de nossas igrejas.

Como discernir biblicamente os fenômenos apresentados na cena evangélica contemporânea? Temos mesmo razão para nos envolvermos nesse estudo? Será esse o nosso dever? Não estaremos apenas causando divisões e dissensões? Não deveríamos simplesmente procurar andar conjuntamente, em amor, com a maioria? São mesmo importantes esses assuntos, são pontos cardeais da doutrina cristã que estão em jogo, ou será isso mera firula de teólogos desocupados? -

Temos uma maneira de aferir esses movimentos? Temos um padrão? Temos possibilidade de chegarmos a conclusões?

Nesse ensaio estaremos nos direcionando a essas questões; queremos, principalmente, examinar o campo neopentecostal, pela concentração que ele apresenta na divulgação de sinais e maravilhas e pela influência que vem exercendo na igreja, cruzando as linhas denominacionais. Utilizando o relato de alguns fenômenos, discutiremos a questão das origens – o seu registro demonstra sinal de aprovação e da presença divina? Procuraremos igualmente discernir a atitude do cristão para com os eventos incomuns e estranhos – ceticismo abrangente, ou compreensão do que a Palavra nos ensina sobre manifestações sobrenaturais? Abordaremos a concentração no inusitado e na procura pelas manifestações do Espírito – um caminho saudável, ou um desvio das prioridades espirituais? Examinaremos o que a Bíblia nos revela sobre Satanás – qual o dom que temos de "discernir os espíritos"? Verificaremos qual o tratamento que a Bíblia dá às profecias – qual a nossa expectativa com relação às "novas revelações"? Procuraremos definir as peculiaridades doutrinárias e de interpretação da Palavra de Deus apresentadas no neopentecostalismo – qual é o relacionamento entre as experiências e as Escrituras?

Nosso objetivo é procurar fazer com que raciocine conosco ao longo daquilo que a Palavra de Deus nos ensina sobre esses temas, no contexto da igreja contemporânea. Almejamos um exame das nossas práticas, e a firmeza das nossas convicções – não apenas em cima do que sentimos, mas, objetivamente, em cima do que Deus foi servido nos revelar em sua Palavra – para que sejamos todos melhores servos do Senhor Jesus Cristo, trabalhando na expansão do seu reino.

I. Fenômenos, fenomenologia e o neopentecostalismo

A palavra fenômeno tem um significado histórico, comum, e outros mais recentes.[1] O significado comum é: tudo o que pode ser percebido pelos sentidos

ou pela consciência. Entretanto, quase todos os dicionários já definem a palavra - também como: maravilha; ou, pessoa ou coisa que tem algo de anormal ou extraordinário. É neste sentido que estamos considerando a palavra fenômeno. A sua derivada, fenomenologia, seria, então, o estudo do que é extraordinário, de maravilhas.[2] Estamos nos referindo, então, àqueles eventos que por sua própria natureza fogem à norma e à expectativa básica de causas e consequências observáveis, sendo, por esta razão, classificados como sobrenaturais, milagrosos ou de procedência oculta. Para o cristão, a análise dessas questões é importante porque tais eventos são apresentados pelos realizadores, e considerados por muitos observadores, como prova de poder e, principalmente, como um selo de aprovação da mensagem e da construção teológica ou filosófica que os acompanham.

Fenômenos sobrenaturais fazem parte da história revelada e registrada das interações de Deus com o homem, nas Escrituras. A aceitação deles como realidade faz parte de uma compreensão correta de vida, sem a qual caímos em um falso racionalismo, que caracteriza as pessoas que não temem a Deus.[3] O estudo desses fenômenos, entretanto, deve ser realizado com o entendimento dessas premissas:

Mesmo Deus sendo Deus, suas ações sobrenaturais registradas nas Escrituras eram raras e reconhecidas como excepcionais. Ele as executava diretamente ou através de servos seus especiais — geralmente os profetas ou “porta-vozes” de Deus. O maior sinal e maravilha, apresentado na Bíblia, é o governo soberano do universo e a fidelidade de Deus para com o seu povo, em razão do seu pacto.[4]

Historicamente, revelações e maravilhas realmente fizeram parte da forma de comprovação da autoridade divina, possuída por estes servos de Deus.[5]

Essas revelações, pela própria natureza subjetiva do fenômeno, são de difícil verificação e análise. Consequentemente, são passíveis de falsificação — daí os registros da existência de falsos profetas e os constantes avisos contra eles.[6]

Deus continuamente chama a atenção para a precedência da Palavra Escriturada sobre os sinais e maravilhas, sendo estes últimos sempre julgados e aferidos pela Palavra de Deus.[7]

A Palavra de Deus registra também a existência de operações de maravilhas não relacionadas com a revelação divina. Mesmo considerando o caráter surpreendente de certas metamorfoses físicas, geralmente associadas a estas maravilhas, os fenômenos sobrenaturais não se constituem exclusividade dos servos de Deus. A Bíblia registra incidentes históricos, nos quais os fenômenos inexplicáveis não foram um sinal de aprovação ou de procedência de Deus. Ela também traz passagens prescritivas, para o povo de Deus, nas quais são colocadas diretrizes de julgamento e aferição dos operadores de maravilhas para que não houvesse a aceitação tácita deles como sendo porta-vozes autorizados de Deus, pelo simples fato de se associarem aos fenômenos executados.[8]

Nos dias atuais, nos acostumamos a ouvir e ver o registro de vários casos sobrenaturais. Até parece que o homem moderno deixa cair a máscara do - racionalismo e não somente aceita, mas incentiva a busca do inexplicável e do místico. Essa situação faz com que sejamos obrigados, como servos de Cristo, a nos aprofundar na análise e exame dessas questões e de suas implicações práticas e doutrinárias para nós e para a Igreja. A ocorrência de casos sobrenaturais não está restrita à operação de curas, mas é neste segmento que encontramos a maior abundância de fenômenos. Vejamos alguns desses, alvos de recentes divulgações:

A. Fenômeno 1:

Dona Edvônia da Silva possuía um tumor no pâncreas. Os médicos atestaram a gravidade de sua situação e preparavam-se para uma melindrosa operação. Em fevereiro de 1996 havia feito um exame por ultrassonografia constatando a extensão do problema. Em maio de 1996, Dona Edvônia, cansada do tratamento convencional e temerosa quanto aos seus resultados, passou por uma “profunda experiência espiritual”. Seus problemas físicos desapareceram. O retorno aos médicos e os exames subsequentes mostraram que ela não possuía mais nenhuma lesão no órgão previamente afetado — havia sido milagrosamente curada.

B. Fenômeno 2:

A pessoa que foi instrumental na cura de Dona Edvônia também está relacionada com o retorno à plena visão de Dona Natalina. Esta, cega há três anos, recobrou a visão após vários encontros espirituais. Num desses, viu uma forte luz adentrando o quarto. Após essa experiência espiritual, voltou a ver.

C. Fenômeno 3:

José Eliezer, sofredor há quatro anos de dores de coluna e hérnia de disco, depois de recorrer a vários médicos, decidiu participar de uma corrente de cura, quando desapareceram todos os sintomas e dores.[9]

D. Fenômeno 4:

Gladys Solórzano tinha sinusite, úlcera, taquicardia, pesadelos constantes, além do vício da bebida. Tudo foi resolvido “quando resolveu dar uma chance para Deus agir na sua vida”[10] e passou a participar de uma comunidade cujos líderes agiram diretamente sobre seus problemas.

E. Fenômeno 5:

Em 1990, Daniela Cristina da Silva foi internada no hospital Emílio Ribas, em

coma. Os médicos declararam que ela corria risco de vida. Após orações realizadas pela família, que também seguiu as orientações de um religioso, ela saiu da UTI em 11 dias, sem sequelas. Oito anos depois ainda goza de boa saúde.[11]

Os fenômenos relatados acima apresentam bastante semelhança entre si – problemas físicos resolvidos através de "experiências espirituais". São parecidos também com tantos outros divulgados que se constituem em alvo de procura por sinceros crentes evangélicos. Quando essas maravilhas ocorrem são, muitas vezes, apresentadas como sendo sinais inequívocos de aprovação e da presença divina. Entretanto, se não existe diferença aparente entre estes cinco fenômenos, ela existe nos campos onde eles supostamente ocorreram. Os dois primeiros casos (fenômenos 1 e 2) apresentam curas supostamente realizadas pelo Engenheiro Rubens de Faria Jr., o mais recente brasileiro a se apresentar como o recebedor da reencarnação genuína do Dr. Fritz, suposto médico alemão do século passado, que já teria estado presente na vida dos famosos e já falecidos Zé Arigó, de Minas Gerais, e do médico Edson Queiroz, de Pernambuco. O Eng. Rubens não apenas promove encontros e sessões "espirituais", mas também realiza cirurgias mediúnicas. Não descartando a utilização da medicina convencional, ele aplica abundantes injeções de uma mistura de iodo, aguarrás e álcool. Esse tipo de tratamento, por exemplo, foi aplicado em Dona Lélia, que apresentava imobilidade nas mãos, característica de inflamação do carpo-túnel, mas que após receber as injeções e o comando —"Abra as mãos que eu estou mandando!"— conseguiu abri-las e movimentar os dedos, como se nada estivesse sentindo. A reação de Dona Lélia à cura recebida foi uma expressão de extrema gratidão e satisfação: "Isto é uma glória!"— disse ela.

Esses e mais outros fenômenos semelhantes foram alvo de duas reportagens especiais da Rede Globo de Televisão, levadas ao ar, respectivamente, em maio e julho de 1996, denominadas Curas Através dos Espíritos.[12] No segundo programa, além dos casos já mencionados, é apresentada a pessoa do fazendeiro João Teixeira de Faria, da Abadiânia, GO, que supostamente recebe o espírito de D. Ignácio de Loyola, do século 16. Como consequência do seu trabalho e "intervenção espiritual", o jovem Eupas Antônio Venturin, que não movimentava a perna direita e vinha de uma internação de 60 dias no Hospital

Sarah Kubitscheck, em Brasília, em função de uma hérnia de disco, chega em uma cadeira de rodas, mas sai andando. Nelito Soares, comerciante, não consegue erguer os braços até o encontro com João Teixeira, quando é curado. Os fenômenos e curas assim se multiplicam. Casos após casos são apresentados e a ênfase na busca das soluções aos males físicos não tem fim.

Já frisamos a semelhança entre os cinco casos inicialmente apresentados, mas é necessário destacar que os fenômenos 3 e 4 foram divulgados por órgão oficial de uma igreja neopentecostal. Eles foram supostamente realizados em igrejas que se consideram pertencentes ao segmento evangélico. Enquanto isso, o fenômeno 5 procede do campo católico romano – ele consta do dossiê preparado pela irmã Célia Cadorim no processo de canonização do Frei Galvão, que já levou à sua beatificação pelo Vaticano. A "orientação de um religioso" é a mesma que continua a ser dada a milhares de outros fiéis que procuram a solução de seus males físicos pela cura milagrosa intervencionada pelo Frei Galvão – a ingestão de uma oração em latim escrita em pequenino pedaço de papel que, enrolado, transforma-se no que ficou conhecido como a "pílula milagrosa do Frei Galvão".[13] Se os fenômenos, em si, são análogos, que conclusões podemos tirar? Quais as implicações dessa semelhança?

Comprovando os ensinamentos da Palavra de Deus, verificamos, mesmo com o exame limitado desses exemplos, que existe uma impossibilidade de se atestar a legitimidade das origens ou de encontrarmos sinais de aprovação e da presença divina com base apenas no registro e na divulgação de que fenômenos fora do normal estão ocorrendo. Isso quer dizer que o simples relato da existência de manifestações sobrenaturais não é fator conclusivo sobre as origens desses fenômenos. Esses fenômenos podem estar relacionados com o campo místico/espírita, com o evangélico pentecostal/neopentecostal, com o católico tradicional ou carismático, ou, ainda, com quaisquer das seitas e religiões que abrigam e propagam estas manifestações.

A grande realidade é que a intensa impressão pessoal provocada por qualquer contato com uma experiência fora do normal tem o resultado de canalizar as

atenções ao realizador da maravilha, de tal forma que as palavras e mensagem proferidas passam a receber intensa credibilidade. Esta credibilidade chega a impedir a análise da mensagem em si, daí a ampla aceitação dos falsos profetas e dos chamados operadores de maravilhas.

Se, por um lado, muitos cristãos recebem prima facie os fenômenos sobrenaturais como advindos de Deus e passam a uma aceitação ingênua e sem crítica da pessoa que age como instrumento primário na realização desses fenômenos, por outro lado muitos adotam uma posição de ceticismo, negando, na prática, a realidade de qualquer fenômeno sobrenatural na atualidade. Este ceticismo é uma posição cômoda, mas perigosa, porque fenômenos sobrenaturais podem ser reais, apesar de sua procedência ser obscura. É verdade que grande parte do que é apresentado não passa ao crivo de qualquer exame mais aprofundado e revela ser um embuste e engano aos incautos.

Muitas pessoas já dedicaram intensamente grande parte de suas vidas à análise e comprovação da falsidade destes supostos fenômenos. Entre estas pessoas poderíamos citar o artista e ilusionista húngaro que atuou nos Estados Unidos no século passado e no início deste século, Harry Houdini.[14] Em paralelo à sua carreira de “mágico”, ele se declarava capaz de reproduzir por meios naturais quaisquer manifestações supostamente inexplicáveis e sobrenaturais apresentadas pelos médiuns de sua época. Muitas fraudes foram expostas em consequência do seu trabalho. Aqui no Brasil, muitos podem se recordar do trabalho realizado pelo Padre Oscar Gonzalez Quevedo, nas décadas de 60 e 70. Semelhantemente a Houdini, ele também reproduzia, em várias palestras públicas e até pela televisão, fenômenos comumente apresentados pelos espíritas como sendo mediúnicos e ocultos, fornecendo, a seguir, a explicação de como havia criado a ilusão do sobrenatural.[15]

Como já afirmamos, a existência de embustes neste campo, entretanto, não deve levar o cristão a uma posição de rejeição da realidade destes fenômenos, pelas próprias declarações da Bíblia, de que tais ocorrências podem ser verazes.[16] Devemos ser muito críticos, mas sempre conservar aberta a possibilidade da

realidade dessas manifestações. Isto posto, não devemos, entretanto, estar prontos a aceitar o realizador como um emissário de Deus, nem predispostos a detectar um fenômeno sobrenatural por trás de toda e qualquer situação estranha observada, mesmo quando inexplicável à primeira vista.

Foi o movimento pentecostal que trouxe à cena evangélica o inusitado e o extraordinário como sendo não apenas parte da realidade existencial, histórica e religiosa da Igreja, mas como objeto de anelo e desejo na vida individual de cada crente. Os ensinamentos do pentecostalismo deixaram a expectativa de que sem estas experiências algo estaria faltando na vida do cristão. Era necessário se atingir um patamar superior, obter-se uma segunda bênção, elevar-se acima do nível do crente comum. Gerou-se assim uma hierarquia de crentes: os batizados vs. os não-batizados pelo Espírito Santo, ou, utilizando uma outra terminologia: os recebedores vs. os “ainda-carentes-de-uma-segunda-bênção”.

A questão da cura divina, trazida pelo pentecostalismo, segue ao longo de linhas paralelas. Ela coloca os crentes em uma escala hierárquica, qualificando o seu cristianismo, fazendo uma divisão entre os que atingiram já um patamar de fé que é suficiente a torná-los recebedores de curas milagrosas vs. aqueles cuja fé é insuficiente ao recebimento destas bênçãos, que estariam reservadas aos mais aquinhoados espiritualmente.

Essa linha doutrinária do movimento reflete a tendência sempre latente na igreja, ao longo da história, de subdividir a dicotomia estabelecida pela Palavra de Deus na divisão das pessoas. Com relação ao posicionamento perante o Criador, todos estão subdivididos em salvos ou perdidos; crentes ou incrédulos; os que receberam a fé como dom de Deus ou aqueles sem fé que se encontram no caminho da perdição. Muitos movimentos dentro da Igreja têm acrescentado uma terceira categoria de pessoas, no que diz respeito ao status espiritual dos homens perante Deus: os sobrenaturalmente agraciados com um fenômeno fora do comum, que difere e está além do ato soberano de Deus da salvação.

Fazendo uma rápida viagem ao longo da história da Igreja, vamos ver que a introdução dessa terceira classe de pessoas representa uma das mais sérias demonstrações da natureza humana caída em pecado. Satanás tem utilizado essa tendência que ocorre em ondas intermitentes, no seio da Igreja, perturbando o relacionamento e a compreensão dos fiéis.

Mesmo no início de sua história neotestamentária, a Igreja experimentou uma "cristianização" da heresia secular gnóstica, que afirmava certos patamares de conhecimento serem misteriosamente propriedade de uns poucos. Esses protognósticos "cristãos" do primeiro século cresceram e tornaram-se uma força destrutiva dentro das igrejas. No segundo século da Era Cristã, o movimento gnóstico já havia atingido "grandes proporções".[17] Eles dividiam os crentes entre os que possuíam conhecimento espiritual apenas rudimentar e aqueles que possuíam o verdadeiro conhecimento (gnosis), velado para os demais. Mais uma vez, a divisão tríplice está presente: (1) os incrédulos, (2) os crentes rudimentares e (3) os crentes iluminados.

No terceiro século os alegoristas dividiram os crentes entre aqueles que entendiam o sentido mais espiritual e profundo das passagens e aqueles que não conseguiam penetrar além do significado literal do texto. Orígenes, grande expoente da Escola de Alexandria, mas um dos proponentes do alegorismo, ensinava, na realidade, que a Palavra de Deus possuía três sentidos: (1) o sentido comum, histórico — inteligível aos de mente simples; (2) o sentido espiritual — que se constituía na essência das Escrituras; e (3) o sentido perfeito — que representava um sentido espiritual mais profundo, possível de ser expresso somente por meio de alegorias. Mais uma vez uma subdivisão estranha ao conceito bíblico do estado espiritual das pessoas é introduzida no ensinamento das igrejas, legitimando uma casta especial de cristãos.

Pulando para época mais recente, até dentro do campo evangélico conservador, mesmo antes que esse houvesse se tornado quase todo acometido de características pentecostais, foi gerada uma nova e superior categoria de crentes – o crente espiritual. Isso não seria meramente uma descrição dos salvos por

Cristo, mas identificaria aquele que deu o segundo passo de aceitação em direção a Deus. Já havia aceito a Cristo como Salvador, mas, em um segundo passo e em uma segunda experiência, o aceita como Senhor. Essa aceitação do senhorio de Cristo faria com que ele se dissociasse do crente carnal.[18] Crentes carnais seriam aqueles que permaneceriam em um estágio inferior e primitivo de espiritualidade mantendo um comportamento virtualmente similar ao do incrédulo. Temos, novamente, postulada a existência de três categorias de pessoas: (1) os incrédulos, (2) os crentes carnais e (3) os crentes espirituais.

O pentecostalismo, portanto, simplesmente abrigou e renovou essa tendência dentro da igreja, dando-lhe novos rótulos, mas postulando uma hierarquia dos salvos estranha à Palavra de Deus, tanto na questão do batismo pelo Espírito Santo, como na questão da cura divina. Alguns colocam objeção a essa identificação dos pentecostais com a pregação dessa hierarquia dos salvos. Já demonstramos que não foram só os pentecostais a apresentar essa tendência ao longo da história da Igreja, mas identificamos, igualmente, que essa - característica, não bíblica e destrutiva, se faz intensamente presente no seio do pentecostalismo exatamente pela ênfase na busca do inusitado, do extraordinário – fenômenos que terminam atingindo e sacramentando uma parcela apenas dos congregados, enquanto que os demais são levados a se concentrar na inferioridade de sua fé, que os impede de atingir o patamar dos agraciados.

Historicamente, o movimento pentecostal, ou pentecostalismo, teve a sua origem na passagem do século. O historiador pentecostal Claude Hendrick registra que a primeira pessoa que buscou e recebeu o batismo do Espírito Santo com línguas foi Agnes Ozman, em 1901.[19] MacArthur diz que “o pentecostalismo não nasceu porque a igreja descobriu uma verdade outrora negligenciada da Bíblia,” mas porque “Agnes Ozman teve uma experiência”.[20]

O neopentecostalismo, também conhecido como movimento carismático, tem suas origens traçadas a uma experiência ocorrida em 1960 com o Reitor de uma Igreja Episcopal, na Califórnia.[21] A partir daquela experiência, a congregação passou a ser ensinada a buscar as experiências pentecostais. A ênfase na

experiência e as doutrinas que têm caracterizado o pentecostalismo (operação de milagres, falar em línguas, novas revelações) cruzaram, assim, os limites da denominação inicial, atingindo uma outra. Não demorou muito para que várias outras denominações fossem atingidas.

Contrariamente ao movimento pentecostal, onde se estabeleceu uma identificação e unidade denominacional, o movimento carismático foi apresentado como sendo uma reação sadia à ortodoxia morta das igrejas tradicionais. Inegavelmente, muito fervor real foi despertado no meio de denominações que estavam consideravelmente afastadas da Palavra de Deus e de suas confissões e credos originais. Muitas dessas haviam abraçado ideias heréticas e humanistas do racionalismo teológico que têm dominado grande número de seminários dos Estados Unidos desde o final do século passado. Nessas igrejas e denominações o movimento neopentecostal representou uma guinada positiva porque, mesmo com as suas idiossincrasias natas, trouxe à baila a leitura e estudo das esquecidas Escrituras. Ocorre que a procura pelas experiências foi estendida a denominações fiéis à Palavra de Deus. Nestas, o efeito foi devastador. Divisões, polarizações, discussões infrutíferas, desprezo aos padrões confessionais têm sido resultados comumente observados nas igrejas atingidas pelo neopentecostalismo. Em muitas situações, entretanto, a “aparência de piedade” tem sido seguida de uma carnal virulência nos ataques mútuos e no descaso à ordem litúrgica e doutrinária. No que diz respeito ao caráter doutrinário do neopentecostalismo, ele começa a apresentar nuanças próprias, chegando a se afastar do próprio pentecostalismo que o originou.

Na realidade, o grande ponto de dissociação entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo se deu na compreensão da doutrina das Escrituras. A ênfase na experiência, do pentecostalismo, nunca chegou a soterrar totalmente a importância da Palavra e pontos de tensão foram resolvidos, em muitas ocasiões, com a primazia da própria Palavra. Nesse sentido, por exemplo, a insistência inicial na total ausência de estudo bíblico formal (seminários, institutos bíblicos) dos pentecostais, uma vez que a pregação viria “por revelação”, deu lugar à visão mais bíblica e mais sóbria, da necessidade do estudo e na aplicação ao aprendizado; as próprias “cruzadas de milagres”, populares na década de 60, no Brasil, foram suplantadas por estruturas denominacionais mais comprometidas

com a evangelização aos segmentos mais esquecidos da sociedade, ao discipulado e à formação de um caráter cristão nos congregados. De “denominação de vanguarda” os pentecostais foram se revelando conservadores em inúmeras doutrinas e, em não raras ocasiões, exercitam a disciplina eclesiástica de forma coerente e bíblica.

O neopentecostalismo, entretanto, ao transcender as barreiras denominacionais que o continham em identificação segura, abraçou, além de todo o corpo de ideias abrigadas no pentecostalismo, vários ensinamentos próprios – esses nem sempre com respaldo ou analogia bíblica. No neopentecostalismo, é básica a adesão ao espetacular e extraordinário como sendo características inerentes ao próprio exercício da fé cristã, mas essa jornada transdenominacional do neopentecostalismo registra a agregação de outras peculiaridades doutrinárias, tais como:

O culto à prosperidade e a busca ávida dessa, como norma de vida.

A operação de maravilhas que não têm valor intrínseco ou lógico em si (como o riso desenfreado, o cair pela passagem de um paletó, ou o aparecimento de dentes de ouro).

A necessidade de identificação das entidades demoníacas que controlam a vida e os afazeres de uma determinada localidade ou setor geográfico, como condição básica para se ganhar a batalha espiritual que resultará no crescimento da igreja.

A utilização de formas linguísticas e chavões que implicitamente possuiriam valor espiritual inerente, devendo ser utilizados de maneira declaratória, nos cultos e concentrações públicas, como parte desta batalha espiritual (“eu o amarro!”, “declaro esta cidade liberta!”, etc.), muitas vezes acompanhadas de orações pré-fabricadas, apresentadas como poderosas em si.

A identificação de doenças e problemas psicológicos como formas veladas de possessão demoníaca. Nessa visão, todo crente é conclamado a ver como fenômeno especial sobrenatural problemas que a igreja sempre tratou como consequências naturais do pecado.

O leitor pode objetar dizendo: “Mas essas coisas não são peculiaridades a este movimento apenas; encontro essa ênfase em minha denominação também.” Ocorre que as características acima descritas são marcas de identidade do neopentecostalismo. A visão difusa aparece porque encontramos bolsões no meio de denominações tradicionais que se encaixam perfeitamente na descrição acima. Quando isso existe, é necessário admitir que tais denominações, sob a cobertura de uma demonstração de uma espiritualidade superior, estão abrigando características marcadamente neopentecostais em seu seio. Isso tem que ser dito.

Um passo adicional do neopentecostalismo foi o reagrupamento de suas tendências peculiares em novas denominações, missões, comunidades, ou outro organismo qualquer, marcados pela presença explícita de incansáveis líderes com alto poder de motivação, que galvanizam as atenções tantos dos fiéis quanto dos inimigos que vão formando ao longo de suas carreiras. Muitos desses líderes são caracterizados por uma ampla exposição na mídia televisiva.

Neste capítulo estamos restringindo a nossa abordagem aos fenômenos observáveis apresentados pelo campo neopentecostal em duas áreas específicas: o das novas revelações e o das operações de maravilhas. Essas operações de maravilhas são normalmente representadas por curas, associadas ou não a expulsões de demônios ligados aos males apresentados na constituição física dos beneficiados.

II. O interesse pelos fenômenos sobrenaturais — um desvio de atenção das prioridades espirituais?

Observamos que o interesse pelos fenômenos especiais e maravilhas não é algo restrito ao campo evangélico. Na realidade, esse interesse representa o ponto convergente de uma ampla amostragem da sociedade brasileira. Uma recente

pesquisa realizada em todo o Brasil, entre os adeptos das mais diversas religiões, apresentou o seguinte resultado à colocação da pergunta “Você acredita na cura espiritual?”: sim—87,6%; não—12,4%.[22]

Esta ênfase e interesse nas manifestações sobrenaturais faz com que a igreja evangélica siga diluindo as barreiras que a caracterizam, em vez de firmar uma distinção cada vez mais necessária das forças das trevas, proclamando e prezando as doutrinas cardeais da fé cristã que acompanharam a marcha do evangelho ao longo dos séculos. Na maioria das vezes, o interesse pelos fenômenos sobrenaturais não procede do sério estudo da palavra de Deus, mas de sentimentos carnais presentes na fraca visão do homem natural. Quando Jesus foi pressionado para que realizasse algum sinal sobrenatural fora do contexto e do propósito soberano de sua missão, apenas para atender o desejo pelo extraordinário, presente na multidão (Mt 12.39), ele dá o seguinte direcionamento aos solicitantes:

primeiro, indica que devem examinar as suas vidas (chama os interlocutores de “geração má e adúltera”.

depois, manda que eles se dirijam às Escrituras, à história previamente revelada e escriturada, (devem considerar “o sinal do profeta Jonas”) para obtenção do conhecimento teológico e prático que diziam procurar.

O segmento pentecostal e neopentecostal, ao enfatizar um interesse primário pelas manifestações sobrenaturais, não apenas despreza a doutrina da providência divina no governo soberano de todas as atividades, mas amolda-se, na realidade, ao misticismo característico das massas. Traz, assim, para a igreja, uma visão distorcida das prioridades de vida, que coloca as questões físicas do homem como alvo de maior preocupação, do que os problemas metafísicos[23] existentes entre o homem pecador e o Deus Santo que o criou.

Esse interesse nos fenômenos sobrenaturais tem contribuído, igualmente, para anular as distinções históricas e doutrinárias que separam o campo evangélico do católico romano. A porta da renovação carismática católica tem sido o caminho dessa aproximação. A conversão não é o meio de aproximação, mas sim, uma vez caracterizado o interesse comum pela fenomenologia atual, os católicos têm sido considerados "convertidos" e partidários da mesma fé. Nesse sentido, passam a ser considerados como um campo ilegítimo de evangelização, uma vez que a essência da fé (o interesse pelas sobrenaturais "manifestações do Espírito") já existe neles.

Dr. Vinson Synan é um dos historiadores mais respeitados no campo pentecostal e neopentecostal. Em uma entrevista a uma revista católica, porta-voz do movimento carismático católico (New Covenant), ele disse o seguinte:

Se você considerar a perspectiva histórica, o pentecostalismo representa um movimento surgido na virada do século, iniciado nas igrejas "holiness" que se transformou nos vários grupos pentecostais existentes. Transbordando esses limites, atingiu a maioria das denominações protestantes, atingindo, ultimamente, a Igreja Católica… Penso que está muito claro que as futuras décadas deste século e o século seguinte testemunharão que as questões do cristianismo ficarão cada vez mais situadas nas mãos dos católicos e dos pentecostais. A única ponte entre estes dois grupos, pelo menos no nível básico popular, são os carismáticos…O pentecostalismo com a sua ênfase no poder do Espírito é a maior e mais assombrosa força dentro do cristianismo contemporâneo. Este é o poder que irá revolucionar o cristianismo e é isso que os pentecostais e os carismáticos têm em comum…[24]

A organização norte-americana Full Gospel Business Men's Fellowship International (F.G.B.M.F.I.)[25] tem sido uma das organizações carismáticas pontas-de-lança na procura da unidade com os católicos romanos carismáticos. Isso ocorre em função das crenças comuns com estes, na esfera dos sinais e maravilhas, e pela pouca relevância dada aos pontos fundamentais da fé cristã. Joe Hughes, um palestrante convidado a uma das reuniões, disse na abertura de

suas palavras: “O que o mundo necessita nesta noite são sinais, milagres e mais milagres”.[26] Com esta ênfase, não é de admirar que convenções fossem organizadas sob o slogan “Pontes e não Barreiras”, nas quais conferencistas - carismáticos se alternaram com padres católicos romanos, nem que o órgão oficial desta organização nos Estados Unidos, Voice (novembro de 1981), tenha divulgado e aprovado o livro O Assombroso João XXIII. Este livro, escrito por um católico, descreve os últimos momentos do Papa João XXIII com as seguintes palavras: “Ele estava pronto para entrar na glória eterna, vivendo os seus últimos momentos na terra como sempre havia vivido — na liberdade de um filho de Deus”.[27]

Vemos, assim, como o desvio dos pontos cardeais da fé cristã leva a uma cegueira progressiva das questões essenciais doutrinárias. Na visão de muitos evangélicos, o cristianismo passa a ser equacionado com a experiência do inusitado e todos que assim acreditam têm tudo em comum. Temos observado o surgimento de jovens padres católicos, excelentes comunicadores de massa, que introduzindo nas missas coreografias “evangélicas” modernas e cânticos do evangelicalismo contemporâneo, ao mesmo tempo em que enfatizam o culto ao Espírito Santo e os fenômenos característicos do neopentecostalismo (especialmente curas e profecias), atraem consideráveis multidões a cada domingo.[28] Esses não são apenas procurados e prestigiados pela mídia, interessada nessa metamorfose católico-romana, mas recebem aplausos frequentes de evangélicos, quando não a frequência de jovens das nossas igrejas aos seus ajuntamentos. Parecem todos anestesiados quanto à continuidade do culto à Maria e às imagens, à obediência à hierarquia e à suposta infalibilidade papal, e às tantas outras características de uma religião estranha à Palavra de Deus, e que motivaram a Reforma do Século 16. No triste embotamento mental-espiritual em que nos encontramos, para muitos, o que é a essência da fé, de acordo com as Escrituras, virou detalhe periférico, e os desvios doutrinários meramente experimentais tornaram-se o cerne da religião verdadeira.

III. As possíveis origens das manifestações sobrenaturais

A visão bíblico-cristã da realidade espiritual nos coloca perante quatro níveis de existência racional (qualitativamente falando):

1. Deus,

2. anjos e demônios (os demônios têm em Satanás o seu líder),

3. espírito dos seres humanos mortos, salvos e perdidos e

4. os seres humanos vivos – crentes e descrentes.

Do ponto de vista moral, esta visão bíblico-cristã tem uma divisão apenas: de um lado, o do bem e da justiça, estão Deus, os anjos, os espíritos dos mortos em Cristo e os discípulos vivos de Cristo; do outro lado, o do mal, estão Satanás e as hostes dos demônios, os espíritos dos mortos sem Cristo e os espíritos dos vivos que persistem no estado de rebelião contra Deus e sua revelação na natureza, em Cristo e na Bíblia.[29] A fonte final de todo o mal é Satanás (Ap 12.9). Na visão cristã da realidade não existe razão a priori que impeça que os espíritos do mal, isto é, os demônios, contatem e influenciem a vida na terra. Não existe impossibilidade lógica nem empírica.

Deus, sendo o soberano criador do universo, tem toda a liberdade para interferir sobrenaturalmente na sua criação e isso ele faz. Mas ele próprio nos informa que existiram, existem e existirão fenômenos inexplicáveis que não são o fruto direto de suas ações. Isto significa que mesmo que estejam abrigados no seu governo maior, mesmo que integrem o seu plano, mesmo que não sejam autônomos — no sentido de que não fogem ao seu controle, a sua realização não é prova inequívoca da presença de Deus, nem de sua aprovação aos seus realizadores,

nem devemos traçar a sua origem imediata à pessoa de Deus.

Na realidade, Satanás e as hostes das trevas são responsáveis diretos por muitos dos fenômenos inexplicáveis. Coerentes com os seus propósitos e com as suas naturezas, eles utilizam estes fenômenos para enganar os homens e para imprimir autoridade aos seus emissários. Ao examinarmos esses aspectos dos fenômenos, somos atingidos por muitas perguntas sobre Satanás, sobre o mal e sobre os seus espíritos.

A doutrina dos demônios ou dos espíritos do mal é amplamente ensinada na Palavra de Deus. Existe, entretanto, um elevado grau de obscuridade nos fatos registrados. Além da linguagem alegórica e do seu íntimo entrelaçamento com situações históricas,[30] saímos de qualquer estudo sério com a impressão de que Deus decidiu não nos revelar, nem as respostas da origem do mal nem extensos detalhes do modus operandi do demônio e de seus anjos.

O testemunho bíblico sobre as ações de Satanás, ao mesmo tempo em que estabelece a sua realidade e caráter antagônico à justiça de Deus, é fragmentário e, com frequência, apresentado de forma abrupta, sem introitos ou considerações explicativas. Esta constatação é evidente desde a leitura das primeiras páginas da Bíblia. Ali encontramos um casal criado por Deus, vivendo em perfeita paz, inocência e harmonia. Estas características descrevem também todo o meio ambiente em que vivem. Repentinamente, um adversário aparece nesta cena e, imediatamente, acontece uma rápida transformação: toda aquela atmosfera paradisíaca dá lugar ao pecado, à maldição e ao caos. Imediatamente perguntamos: “De onde veio Satanás?” Mesmo a resposta dada por ele a Deus, no caso de Jó (Jó 2.2), não nos concede qualquer informação tangível. Verificamos, na realidade, que estamos lidando com um dos mais profundos mistérios do universo![31]

Essa percepção deveria já servir de alerta aos autores dos inúmeros tratados sobre demonologia que têm surgido no campo evangélico apresentando

detalhamentos, definições e conclusões que são estranhas à Bíblia. Na ânsia de explicar pontos obscuros do mistério, estes livros extrapolam o campo legítimo de pesquisa, que é a Palavra revelada e escriturada de Deus, e passam a - especulações inócuas que confundem os crentes sinceros. Muitas vezes são feitas conclusões e declarações que abertamente contradizem passagens bíblicas e, na melhor das hipóteses, os fiéis são levados a desviar o foco prioritário de suas atenções, com um mórbido interesse pelo bizarro e na desenfreada busca pelo oculto. Essa situação é muito mais característica das religiões pagãs do que da fé cristã histórica.

A ausência de uma revelação mais extensa e detalhada não significa, entretanto, que fomos deixados sem rumo num mundo que é caracterizado como o campo de atuação dos poderes satânicos. Vemos na realidade que, em harmonia com as demais verdades espirituais, Deus nos revelou a essência do que necessitamos para o nosso posicionamento espiritual e para a nossa peregrinação nesta terra. Os seguintes pontos são claros e derivados da Palavra de Deus:

Satanás é real (2Co 11.3; 2Tm 2.26).

Satanás interage com as pessoas (Gn 3.1-15) e com o próprio Deus (Jó 1.6-12).

Satanás possui anjos caídos que constituem o seu séquito maligno, emissários da morte e do engano, para corromper os homens (1Tm 5.15; Ap 12.9).

A rebelião satânica contra Deus teve o seu ápice na primeira vinda de Cristo, quando ele tentou frustrar o plano eterno da redenção (Mt 4.1-11) e, por meio de intensa atividade, resistir à derrota iminente que o espera.

Satanás tem o poder de realizar maravilhas (2Co 11.14-15).

O poder de Satanás é restringido pelo Espírito Santo, por amor dos eleitos e pelo exercício da Graça Comum, que abrange todas as criaturas. Deus permitirá uma última rebelião, antes da segunda vinda de Cristo, que será quando “aquele que o detém” (2Ts 2.7) deixar que Satanás exteriorize todo o seu mal.

Apesar de limitado e passível de ser resistido pelos crentes, (Tg 4.7) Satanás não deve ser considerado com desprezo (Jd 8-10), mas deve ser temido como um potente adversário que não descansa e está sempre pronto a apanhar a sua presa (1Pe 5.8-9).

A derrota de Satanás será pública, notória e final (Ap 12.9; 20.10).

IV. O dever bíblico da igreja de procurar

discernir os espíritos

Considerando que a simples constatação de um fenômeno não é prova da presença e aprovação de Deus na vida dos realizadores ou recebedores, somos conscientizados, pela Palavra de Deus, de que é necessário exercer julgamento, examinar essas coisas com muito mais profundidade e termos discernimento quanto aos fenômenos e quanto aos operadores de maravilhas.

A. O Dom de Discernimento

Encontramos menção deste dom em 1Co 12.10. Nos versos 8 a 10, Paulo enumera vários dons espirituais (12.1) como “manifestação do Espírito” (v. 7) concedida individualmente aos fiéis. No verso 10, ele menciona o dom de “discernimento de espíritos”. Todos os dons, ensina Paulo, foram dados com o “fim proveitoso” (v. 7) de edificar a igreja. Em todo o capítulo 12 e nos seguintes (13 e 14), Paulo ensina que todas as manifestações ali referidas procedem de um mesmo Espírito. São, portanto, harmônicas, refletem a unidade do Espírito, não podem ser contraditórias.

Alguns autores apresentam uma mensagem confusa a esse respeito, pois por um lado chamam este “discernimento” de “dom especial”, mas por outro lado, afirmam que este dom está “à disposição dos verdadeiros discípulos de Jesus”.[32] Acreditamos que, sendo um dom específico, esta habilidade estaria presente de uma forma toda especial em algumas pessoas apenas. Se essa interpretação é certa, não seria correto esperarmos que todos os crentes possuíssem a capacidade de discernimento aqui apresentada.

Mas o que significa ser ele um dom especial? Será que o crente comum não tem a possibilidade de discernir, de avaliar a procedência de um fenômeno, de julgar o realizador? Será que vamos depender de uma casta espiritual, possuidora do dom de discernir, que venha a dar o rumo normativo à igreja nessas questões? Para responder, precisamos primeiramente examinar se realmente Paulo fala de um dom específico e depois verificar o que Deus espera de cada crente.

Genericamente temos três palavras gregas (e suas derivadas) que são traduzidas como discernir, julgar, provar, examinar — anakrinw, diakrinw e dokimazw. As duas primeiras incorporam a palavra krinô (julgar, determinar, concluir, sentenciar). Elas indicam o pronunciamento de um julgamento após a verificação dos dados apresentados. A última (dokimazw) parece enfatizar o caráter mais experimental de uma avaliação, isto é: “Ao tomar contato com algo a ser examinado, realize alguma prova por um critério de aferição, para chegar a uma conclusão”. Neste sentido, é traduzida por tentar, provar, aprovar, além de

discernir, examinar, refugar.

Existe um outro termo, que é o utilizado por Paulo em 1Co 12.10. Este, além de estar substantivado (discernimento, em vez de discernir) e apesar de ser relacionado com diakrinw, é diferente. Trata-se de diakrisis — a conjunção de uma preposição (dia, que significa através de, por intermédio de) com a palavra krisis (de onde vem a nossa palavra crise). Krisis é traduzida como acusação, condenação, julgamento. Especifica a atividade de Jesus, como juiz, especialmente no julgamento final.[33] Da mesma forma que a nossa palavra crise expressa uma situação indesejável, diakrisis parece expressar o pronunciamento de um julgamento, após a constatação prévia de uma situação errada ou incômoda. Se pudermos fazer referência a um procedimento jurídico forense, anakrinw e diakrinw seria o que se esperaria dos jurados antes e durante o julgamento — predisposição ao exame do caso. Diakrisis, o que se esperaria depois do julgamento (na realidade, mais do juiz do que dos jurados) — tendo sido examinadas as provas e constatando-se a necessidade de uma sentença de condenação, pronuncia-se o veredito.

Nesse sentido, o dom, do qual fala Paulo em 1Co 12.10, parece ser mesmo algo especial. Não apenas representa discernimento, no sentido de se aferir se um espírito é bom ou mal, mas a autoridade e capacidade de pronunciar um julgamento de condenação sobre o mesmo. Pedro aparenta exercitar este dom e prerrogativa em duas situações, no caso de Ananias e Safira (At 5), e no caso de Simão, o mago (At 8).[34] Neste último caso, além de aferir a oferta de dinheiro e as palavras de Simão ("…concedei-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo"), Pedro discerne as intenções e o que está no coração ("…o teu coração não é reto diante de Deus… vejo que estás em fel de amargura, e em laços de iniquidade."). Ele vai, portanto, além e pronuncia uma maldição, como julgamento ("…O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele, o dom de Deus."). Numa situação histórica de extrema atividade dos espíritos e das hostes das trevas, era de se esperar que o Espírito assim capacitasse seus servos com este dom.[35]

Assim, o discernimento de espíritos, no sentido de pronunciar julgamento de condenação, sendo um dom específico não parece ser uma habilidade uniformemente distribuída a todos os crentes. Mas a questão do discernimento dos espíritos dentro da Igreja e, especialmente, a necessidade deste discernimento em função das ações dos espíritos malignos ocorre em várias outras passagens. Isso mostra que, no sentido de prontidão e alerta, o crente é comissionado a examinar todas as coisas e reter o bem (1Ts 5.21). Assim deve ser com os fenômenos, aferindo esses por determinados padrões traçados na Palavra de Deus.

Mesmo neste trecho de 1Co 12, falando do dom especial, Paulo já fornece um critério básico para o discernimento genérico, que deve estar presente na vida dos fiéis: "...ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo" (v. 3). Isso significa que onde estiver a rejeição aberta ou a blasfêmia contra Jesus, não pode haver o verdadeiro Espírito de Deus, mesmo que haja uma pretensa exaltação a uma divindade. Por outro lado, a verdadeira confissão seria indicadora da existência do verdadeiro Espírito de Deus. Por confissão, Paulo não deve estar sugerindo a simples profissão externa, ou a utilização irracional de chavões evangélicos, ou até do nome de Jesus, utilizado como um talismã. A esse respeito somos ensinados em Mt 7.21 que a mera menção e até atuação no nome de Jesus não significa abrigo no Corpo de Cristo, quando as ações retratarem incoerência com os princípios cristãos ensinados e revelarem a verdadeira lealdade ao inimigo de Deus.

B. Provai os Espíritos

Na primeira carta de João (4.1-6) temos a seguinte admoestação:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora.

Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo.

Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Eles procedem do mundo; por essa razão falam da parte do mundo, e o mundo os ouve.

Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisso reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.

Temos aqui um critério adicional para o discernimento dos espíritos — nos versos 2 e 3 somos comissionados a provar (dokimazw)[36] os espíritos. Aquele que reconhece a realidade de Jesus (confessa que Jesus Cristo veio em carne) é identificado como um espírito que procede de Deus. Entendemos este reconhecimento como sendo não apenas a constatação de que ele existiu na história, mas um reconhecimento do que ele representa, do que declara ser e do que ensina. Por outro lado, aquele que não confessa Jesus, não é de Deus. Interessantemente, não existe aqui menção à operação de maravilhas como sendo a questão a ser testada, se provém ou não de Deus. O teste é realizado pela profissão e conhecimento dos que estão sob observação. O aviso é feito (v. 4) explicitamente aos falsos profetas, sob os quais temos três características que servem de critério adicional de teste:

Eles procedem do mundo (mundo, aqui, já foi identificado no v. 3, como sendo o espírito do anticristo, ou seja, a estrutura antagônica às coisas e ao ensinamento de Jesus – a esfera de pensamento que se encontra sob a égide de Satanás).

Eles falam da parte do mundo e

o mundo os ouve.

A questão da resposta à mensagem passa a ser um critério de discernimento: a resposta positiva à pregação da sã doutrina (“aquele que conhece a Deus nos ouve”) é uma demonstração em si de que o ouvinte atento e sincero é participante do Espírito da Verdade e não do espírito do erro. Vejamos em outras passagens as características e a operação desses espíritos de erro:

1Tm 4.1 diz: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios.” A característica desses espíritos enganadores e demônios é que eles “falam mentiras” (v.2). Em seus insondáveis propósitos, Deus permite a ação desses espíritos enganadores por várias razões, mas uma delas é retratada em 2Ts 2.11: “…Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira…”. Este versículo fala de como o espírito de erro é enviado por Deus para agravar ainda mais a condenação dos que se entregam e que acolhem aqueles que, segundo a eficácia de Satanás, operam com todo o poder sinais e prodígios da mentira. É verdade que a passagem tem um aspecto futurístico, pois, o v.7 fala de uma época em que será “... afastado aquele que agora o detém”. Esta expressão (“…agora o detém…”) é reconhecida como sendo uma referência ao trabalho do Espírito Santo de restrição do pecado, em sua operação da Graça Comum. Mas esta passagem não tem referência restrita a uma situação escatológica, apenas ela é descritiva do que ocorre ao homem sem Deus no momento presente (v.7, “... o mistério da iniquidade já opera”). É, portanto, dever dos crentes e da igreja identificar e evitar estes emissários de Satanás.

Em 2Co 11.3-4, Paulo nos alerta para o fato de que se nos apartarmos da “pureza e simplicidade” devidas a Cristo (v. 3), ele receia que:

iremos receber alguém que prega um outro Jesus, diferente do que ele mesmo pregou;

chegaremos a aceitar um espírito diferente daquele que havia sido recebido e

poderemos abraçar um evangelho diferente do que havia sido anteriormente ministrado (v. 4);

Nos versículos 14 e 15, ele avisa que isso “não é de admirar: porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (v. 14). Esta atuação não está restrita a Satanás. Os seus ministros também se travestem em “ministros de justiça”

(v. 15). Só podemos entender que essa impressão é passada aos incautos em função de uma mensagem e prática cheia de enganos e mentiras.

Ap 12.9 chama Satanás de “sedutor de todo o mundo”. O trecho é uma clara referência à operação de mentiras que caracteriza as suas ações. Este mesmo verso indica o fim e a derrota final dele e dos seus anjos.

C. Identificai os Falsos Profetas

A verdade é que durante todo o Antigo Testamento, o povo de Deus sempre teve em seu meio falsos profetas. Sobre estes, os avisos eram abundantes. Mesmo dentro do clima e espírito teocrático de Israel os profetas não carregavam uma carteirinha assinada por Deus que dava legitimidade ao seu trabalho e à sua mensagem. Os falsos profetas estavam infiltrados e por vezes até misturados com os profetas verdadeiros. Já naquela ocasião, a obrigação de discernir os

espíritos estava presente na vida religiosa dos fiéis. Vejamos algumas passagens sobre falsos profetas:

Os 9.7 — “Chegaram os dias do castigo, chegaram os dias da retribuição; Israel o saberá; o seu profeta é um insensato, o homem de espírito é um louco”. Esta passagem apresenta alguma dificuldade de interpretação, mas a mensagem central parece indicar que em dias de julgamento divino o povo haveria de reconhecer que havia sido enganado pelos seus profetas.

Jr 23.9-40 — Trata extensamente dos falsos profetas existentes em Israel. Nos versículos 14, 16, 17 e 25 lemos:

14 – “Mas nos profetas de Jerusalém vejo coisa horrenda: cometem adultério, andam com falsidade, e fortalecem a mão dos malfeitores, para que não se convertam cada um da sua maldade; todos eles se tornaram para mim como Sodoma, e os moradores de Jerusalém como Gomorra.”

16 – “Assim diz o Senhor dos Exércitos: não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam e vos enchem de vãs esperanças; falam as visões do seu coração e não o que vem da boca do Senhor.”

17 – “Dizem continuamente aos que me desprezam: o Senhor disse: Paz tereis; e a qualquer que anda segundo a dureza do seu coração, dizem: não virá mal sobre vós.”

25 – “Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei.”

Deus está avisando que os falsos profetas estão no meio do seu povo. No versículo precedente (v. 13), ele registra que em Samaria a religião falsa e o culto a Baal eram comuns, mas a grande afronta à sua pessoa era a existência de tantas distorções religiosas em Jerusalém, no seio daqueles que se declaravam fiéis a Deus.

Esses profetas transmitem falsas noções de paz, prosperidade e segurança (v. 17). Pretendendo falar revelações de Deus, eles embalam as suas palavras no relato de sonhos, cuja legitimidade é prontamente rechaçada por Deus. No v. 27 Deus indica que o resultado prático desta busca pelo inusitado, ou seja, a aceitação desses sonhos e revelações, é o esquecimento do nome de Deus. Ele conclama os falsos profetas à veracidade: “O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho!” (v. 28) O povo é exortado a não acreditar neles: nem nas falsas seguranças, nem nas suas sentenças (vs. 30-36). Devem questionar esses profetas (vs. 37-38) e estarem certos de que o castigo final e destino inglório desses que “furtam” as palavras de Deus (v. 30) certamente ocorrerá (vs. 39-40).

Mq 3.5-6 — Este trecho contém mais um aviso sobre falsos profetas e a menção de uma característica comum deles: a ganância (clamam por paz, quando estão fartos) e a inversão dos valores de justiça de Deus (oprimem os que estão carentes). Os versos dizem:

Assim diz o Senhor acerca dos profetas que fazem errar o meu povo, que clamam: Paz! Quando têm o que mastigar, mas apregoam guerra santa contra aqueles que nada lhes metem na boca. Portanto, se vos fará noite sem visão, e tereis trevas sem adivinhação; pôr-se-á o sol sobre os profetas, e sobre eles se enegrecerá o dia.

Is 9.15-16 — Fala dos profetas que ensinam mentira e que devoram, com sua liderança leviana, o povo de Deus. O verso 16 diz: “Porque os guias deste povo

são enganadores e os que por eles são dirigidos são devorados.”

Ez 13.9 — Traz um aviso e uma condenação contra os falsos profetas: tanto as suas visões quanto as suas adivinhações são igualmente falsas — “Minha mão será contra os profetas que têm visões falsas e que adivinham mentiras...”

Sf 3.4 - Registra o terrível estado em que se encontra o povo de Deus, principalmente a deterioração observada na prática religiosa: “Os seus profetas são levianos, homens pérfidos; os seus sacerdotes profanam o santuário, e violam a lei.” A característica desses falsos líderes é que eles são pessoas levianas e traiçoeiras.

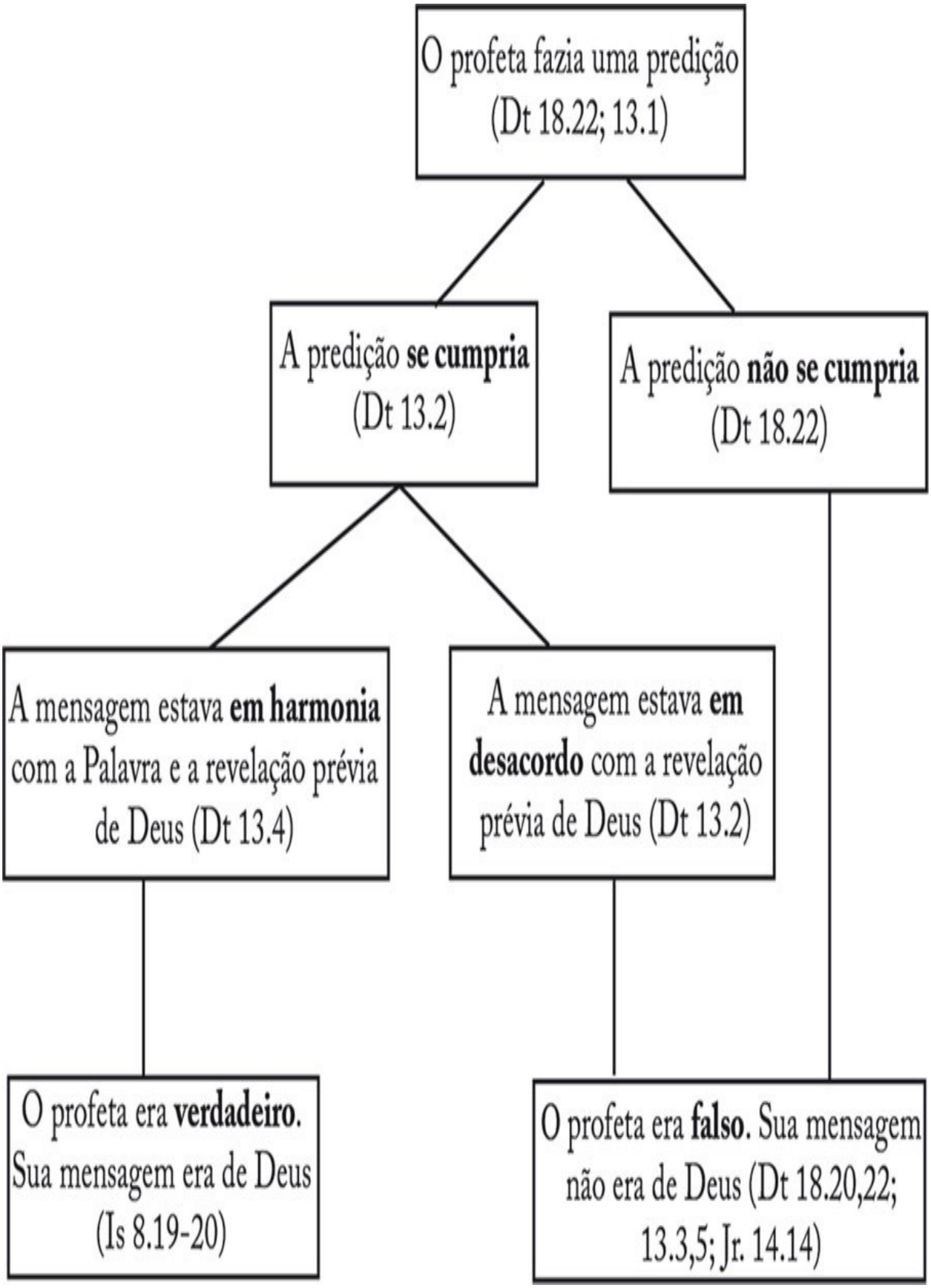
Como identificar os falsos profetas? Com relação a alguns, a tarefa é mais fácil, especialmente se negam abertamente que Jesus é o Cristo, o Messias, Deus verdadeiro, pois a Bíblia nos diz claramente que “todo aquele que nega que Jesus veio em carne, este tem o espírito do anticristo” (1Jo 4.3). Outros são de difícil identificação porque, falando com termos evangélicos e produzindo, às vezes, maravilhas, seduzem o povo de Deus.

V. Critérios bíblicos para avaliação de manifestações sobrenaturais

Mas a Bíblia não nos traz apenas avisos de que os falsos profetas existem e andam por aí. Além dos critérios já estabelecidos e comentados nas passagens tratadas no ponto anterior, que enfatizam a necessidade de exame e discernimento dos espíritos, e além dos abundantes avisos, a Palavra de Deus estabelece uma forma bastante objetiva de avaliação das manifestações sobrenaturais que acompanham os falsos profetas.

Já constatamos que, mesmo em nossa experiência do dia-a-dia, a manifestação sobrenatural, em si, não representa indicação de que o realizador da maravilha procede de Deus. O povo de Deus, no Antigo Testamento, também foi instruído a submeter a realização de maravilhas a um crivo adicional: o ensinamento do profeta não podia ser considerado como proveniente de Deus, ou como sendo verdadeiro, se houvesse contradição com a revelação prévia recebida de Deus. Por maior que fosse a fenomenologia apresentada, os sinais e maravilhas não eram indicadores de legitimidade, nem de sanção e aprovação divina, se não houvesse veracidade na mensagem (Dt 13.1-5). Igualmente, por mais atraente e eloquente que fosse uma mensagem, por mais plausível e semelhante às verdades de Deus, se houvesse qualquer falha no cumprimento do que havia sido predito ou determinado pelo suposto profeta, deveria haver a rejeição sumária da pessoa e da mensagem, pois Deus não falha em sua mensagem e em seus propósitos (Dt 18.21-22). Por mais piedosos que fossem em seu linguajar, era para serem considerados instrumentos de Satanás engajados no ataque ao povo de Deus, para os derrubar, um a um.

O diagrama abaixo contém aquilo que poderíamos chamar teste do profeta, extraído de passagens do Antigo Testamento e que exemplifica o raciocínio a ser seguido pelo povo de Deus, na avaliação do sobrenatural e na identificação dos falsos profetas.


O profeta fazia uma predição (Dt 18.22; 13.1)
A predição **se cumpria** (Dt 13.2)
A predição **não se cumpria** (Dt 18.22)
A mensagem estava **em harmonia** com a Palavra e a revelação prévia de Deus (Dt 13.4)
A mensagem estava **em desacordo** com a revelação prévia de Deus (Dt 13.2)
O profeta era **verdadeiro**. Sua mensagem era de Deus (Is 8.19-20)
O profeta era **falso**. Sua mensagem não era de Deus (Dt 18.20,22; 13.3,5; Jr. 14.14)

Em contraste com a visão evolutiva da religião, que coloca os profetas de Israel como sendo um aperfeiçoamento das práticas proféticas dos povos vizinhos, E. J. Young sustenta a tese de que os falsos profetas é que sempre representaram uma deterioração dos verdadeiros profetas.[37] O conceito pagão do povo sobre os profetas é o de que eles mantinham um certo controle sobre as divindades em vez de serem controlados por Deus (daí o ódio de Acabe contra Micaías, porque ele teria o poder de trazer o mal sobre ele - 1Rs 22).[38]

Dois trechos bíblicos contidos no diagrama merecem comentários adicionais: o primeiro é Jr 14.14. Jeremias enfatiza quatro pontos:

Existiam profetas com os quais Jeremias não desejava qualquer associação. Contrariamente a Jeremias, eles pertenciam a uma classe que não havia recebido a verdadeira palavra de Deus.

Esses profetas declaravam ser recebedores de revelação divina. Apesar de não terem sido enviados por Deus, apelavam ao nome do Senhor, para demonstrar a legitimidade de sua mensagem.

A fonte da mensagem desses profetas não era o Senhor Jeová, mas os seus próprios corações enganosos. A mensagem possuía, portanto, origem humana e não divina.

O teor da mensagem era constituído de palavras vazias (vaidade) e engano, apesar da aparência de veracidade.

O outro trecho é Is 8.19-20, o qual apresenta perfeita harmonia com as diretrizes de Dt 13.1-5, desviando os olhos do povo dos operadores de maravilhas e direcionando-os à revelação previamente concedida. Isaías avisa ao povo que eles serão procurados e tentados por pessoas que se declaravam capazes de realizar assombrosos fenômenos, como por exemplo:

Consultar os mortos (necromantes) e

Adivinhar o futuro (adivinhos)

Além disso estes falsos profetas possuíam algumas características de postura muito peculiares:

Balbuciavam sons estranhos e ininteligíveis (“chilreiam”)

Falavam para si mesmos, murmurando, ao invés de pronunciarem claramente a sua mensagem.

O profeta mostra a loucura do envolvimento com este tipo de pessoas. Diz Isaías: — Vocês têm a Deus, não vão consultá-lo?” A seguir apela para a lógica e bom senso do povo — “A favor dos vivos se consultarão os mortos?” Mas é no verso seguinte que a resposta às indagações do povo é concedida: como obterão o conhecimento necessário? Qual a fonte de revelação que irão procurar? “À lei e ao testemunho!”, diz o profeta! Deus fala por meio da sua Palavra e por intermédio de seus verdadeiros servos, os profetas. A Lei, e não os encantadores e seus espetaculares fenômenos, deveria receber a atenção de Israel.

No teste do profeta, portanto, a mensagem proferida guardava harmonia com a revelação prévia, recebida de Deus. O princípio básico é o de que Deus não se contradiz e progressivamente se revelava ao homem. A aplicação deste princípio aos nossos dias nos levará de volta às Escrituras, como sendo a completa revelação de Deus ao homem.

Discernir os espíritos, verificar se a fenomenologia observada provém de Deus ou não, é procurar aferir a questão do ponto de vista de Deus. Este é o grande alicerce da fé cristã. A Palavra de Deus é verdade proposicional, objetiva. A aplicação e iluminação subjetiva do Espírito Santo de Deus, no coração de cada crente, complementa, mas não anula ou se sobrepõe à objetividade das Escrituras. Certas verdades bíblicas mostram a âncora de conhecimento que temos em Deus: ele não é contraditório (2Tm 2.13) e é impossível que ele venha a mentir (Hb 6.18; Tt 1.2).[39]

Podemos considerar que o teste é válido até hoje. No último livro da Bíblia, e no seu último capítulo (22.18-21), temos um aviso já antes dado em Dt 4.2 — Nada deve ser subtraído nem pode ser adicionado à palavra de Deus. Será que vamos rotular apenas como uma "coincidência" o fato dessa declaração ocorrer no final das Escrituras, nos últimos versículos de Apocalipse, ou temos aqui uma declaração oportuna da parte de Deus? Se alguém se propõe a ensinar alguma "nova revelação" ou a "palavra recebida do Espírito", muito cuidado, pois apesar de poder estar fazendo maravilhas, até predizendo o futuro, sua "conexão direta" está em desacordo com a própria palavra, que se coloca como autossuficiente e final para nossa instrução. Deus pode nos estar testando, mas, pelos seus próprios critérios, o profeta é falso.

A. Como Reconhecer o Espírito de Deus

Já verificamos muitos critérios de discernimento dos espíritos enganadores e falsos. Ocorre que o trabalho do Espírito Santo segue diretrizes bíblicas bastante claras e coerentes com as tarefas harmônicas da Trindade e isso nos dá uma forma adicional de reconhecermos o Espírito de Deus.

A Igreja Cristã tem uma declaração histórica sobre o Espírito Santo, estabelecida no Concílio de Toledo (589 d.C.). O credo que emanou daquele concílio dizia que o Espírito Santo "procede tanto do Pai como do Filho". Longe de estabelecer

uma subordinação em essência, a declaração apenas reflete o ensinamento bíblico que na administração das interações entre Deus e o Homem, cada pessoa da Trindade cumpre um papel específico. No caso do Espírito Santo, Ele procede do Pai e do Filho e testemunha de Cristo — não fala de si próprio. Este é o critério primário de reconhecimento do trabalho do Espírito — As ações supostamente realizadas pelo Espírito apontam para Cristo ou para os agentes humanos? Os supostos porta-vozes do Espírito falam de Cristo, ou falam de si mesmos ou do próprio Espírito? A grande maioria das maravilhas e fenômenos contemporâneos atribuídos ao Espírito Santo não passa por este crivo.

Ainda sobre o credo do Concílio de Toledo, a expressão “e do Filho” foi grafada com a palavra latina filioque. Posteriormente houve uma grande controvérsia envolvendo as igrejas orientais (ortodoxas) e a igreja ocidental (católica), culminando em uma separação de fato no ano 1054 d.C. Muitos assuntos geraram a separação, inclusive o culto às imagens, já naquela época abrigado pela igreja ocidental (católica). A questão da cláusula filioque, entretanto, foi um dos pivôs da separação, pois a igreja oriental (ortodoxa) não a aceitava. A história registra que a Igreja Católica, com a tradição suplantando a Palavra de Deus, foi decaindo até a ocorrência da Reforma do Século 16, quando dela brotou um ramo fiel à Palavra de Deus. Esperar-se-ia que a Igreja Ortodoxa, resultante da separação, fizesse jus ao nome e se desenvolvesse com uma doutrina destituída das tradições que sufocaram o catolicismo, ou seja, mais próxima às Escrituras. Tal não ocorreu. Ela tanto foi envolvida em suas próprias tradições, como separou-se cada vez mais da ortodoxia real, abraçando um misticismo estranho presente nela até os dias de hoje.

Será que isso tem a ver com o conceito que aquele segmento da igreja possuía sobre o Espírito Santo? O grande teólogo holandês do final do século passado, Abraão Kuyper, defendia a tese que a negação da cláusula filioque (a procedência do Espírito Santo de Cristo) levou os que a rejeitam a um misticismo não saudável, pois era o reflexo de uma tendência de isolar o trabalho do Espírito Santo em nossa vida do trabalho de Cristo. A redenção efetivada por Jesus teria sido jogada em um segundo plano, seguindo-se uma ênfase desequilibrada do trabalho santificador do Espírito, incorretamente separado e independente do trabalho justificador de Cristo e da revelação bíblica. A

comunhão com o Espírito teria sido vista como sendo mais importante do que a vida objetiva na Igreja de Cristo. A iluminação do Espírito teria sido vista como tendo proeminência sobre a objetiva Palavra de Deus.[40] Kuyper, obviamente, dirigia suas palavras contra o misticismo presente nas igrejas ortodoxas, mas hoje em dia verificamos uma situação semelhante no campo evangélico, evidenciando que o problema tem raízes iguais — uma falta de entendimento de que o trabalho do Espírito Santo é revelar o Filho.

Nesse sentido, temos várias declarações explícitas de Jesus Cristo, sobre a forma de atuação do Espírito Santo. Em João 14.26 Jesus diz: “O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito”. A atividade aqui descrita do Espírito Santo é, portanto, ensinar e fazer lembrar as coisas que Jesus Cristo disse, isto é: testemunhar da pessoa e obra de Cristo. Esta declaração teve um sentido todo especial e temporal para os apóstolos que, posteriormente, tiveram de pregar e registrar os fatos relacionados com a vida de Cristo.

Em João 16.14 lemos: “Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar”. A glorificação é à pessoa de Cristo. A anunciação que o Espírito Santo faz é da obra e da mensagem de Cristo. Disso faz parte, também, o trabalho regenerador do Espírito Santo na conversão dos descrentes.

O Espírito Santo não trabalha, portanto, independentemente da obra de Cristo, como pregam todos aqueles que enfatizam o culto ao Espírito Santo e acabam por desviar os olhos dos fiéis da pessoa de Cristo. O Espírito Santo não vem como “uma segunda bênção”, nem vem realizar fenômenos sem sentido ou fora do contexto revelador de Cristo, tais como curas espetaculares, risos santos, quedas, urros, dentes de ouro ou quaisquer outras maravilhas glorificadoras dos homens que as realizam. Ele vem selar o trabalho de Cristo na vida do crente, abrindo-lhe o coração à conversão, batizando-o com a abençoada regeneração, fazendo morada no coração de todos os salvos, promovendo a comunhão cristã, edificando o Corpo de Cristo, iluminando o entendimento e operando o crescimento em santificação.

Muitas distorções e heresias históricas ocorreram porque essa atuação do Espírito Santo, revelada na Palavra, não foi compreendida. Entre elas podemos citar o Montanismo, já no segundo século d.C., que, colocando toda a ênfase da fé na pessoa do Espírito Santo, procurava as suas manifestações sobrenaturais por meio de profetas e profetizas, que se contrapunham aos líderes eclesiásticos de então.[41] O Montanismo, com outros exageros teológicos e escatológicos que o caracterizaram, tem sido considerado pela igreja não como um movimento genuíno de reavivamento espiritual, mas como uma perigosa heresia da época.

Semelhantemente, muitas distorções contemporâneas são fruto de ideias de pessoas querendo "melhorar" o que Deus estabeleceu em sua perfeição e em sua Palavra. Assim fazendo, elas superenfatizam a terceira pessoa da Trindade, praticamente tornando a pessoa e o trabalho de Cristo secundários às ações do Espírito Santo.

Logicamente, queremos ter muito cuidado, pois nenhum crente deseja atribuir o poder do Espírito Santo em Jesus Cristo a demônios (Mc 3.22-30). Como reconhecer o trabalho do Espírito Santo de Deus? Três critérios nos auxiliarão:

O fim principal do trabalho do Espírito é a glória de Deus. Cristo, cheio e liderado pelo próprio Espírito, assim especificou – Jo 4.34; 5.19; 5.30; 5.43; 6.38; 17.4. No que diz respeito aos demônios, estes procuram a autoadoração e própria glorificação (Jo 7.18; 8.49-50).

A suprema autoridade do Espírito é a Palavra de Deus: Dt 29.29. Demonstrar mais estima e procura por "revelações ocultas" do que pela revelação bíblica é um insulto ao Deus todo-poderoso, que nos criou em amor para que o adorássemos e o servíssemos.[42]

A mensagem principal do Espírito é o Evangelho de Deus (At 1.2,8).

B. A Hermenêutica do Neopentecostalismo

Por que existe tanta divergência de doutrina e prática entre o campo neopentecostal e a fé cristã histórica? Basicamente porque princípios - reconhecidos de interpretação das Sagradas Escrituras (o estudo da interpretação das escrituras é conhecido pelo termo hermenêutica) foram e continuam a ser abandonados.

A fé cristã histórica tem estudado as Escrituras sob o seguinte prisma:[43]

Princípios básicos: Todo trecho da palavra de Deus deve ser estudado no seu contexto — tanto o imediato como o da situação na qual foi escrito ou apresentado. Este estudo requer um entendimento:

Da estrutura e das línguas originais dos escritos;

Do tipo da literatura que contém a mensagem (poesia, história, alegoria, etc.);

Do pano de fundo histórico da passagem;

Das condições geográficas e sociais.

A necessidade primária e básica da hermenêutica é discernir o que Deus disse nas Sagradas Escrituras; é determinar o significado da Palavra de Deus.[44]

Princípios especiais: A interpretação não é o exame de documentos isolados, mas destes como parte de um todo que é a Palavra de Deus, a Bíblia. Sendo esta a revelação de Deus ao homem, a interpretação correta só se processa se os seguintes cuidados forem observados:

O intérprete deve ter a convicção, dada pelo Espírito Santo, que está estudando a comunicação de Deus ao homem — a palavra que ele fez registrar por homens escolhidos para esta missão.

Esta Palavra contém "todas as coisas necessárias à salvação" e supre a "regra de fé e vida" ao povo de Deus. Consequentemente, podemos esperar unidade temática e de propósito nas Sagradas Escrituras.

A interpretação é facilmente influenciada pelo contexto cultural do intérprete, ou por escolas de pensamento que trazem ideias independentes ou contrárias às próprias Escrituras, das quais se procura extrair um sentido. Assim, é necessária constante vigilância para que se procure a primazia do sentido literal do texto (no contexto gramático/exegético/histórico), evitando-se alegorizações não substanciadas ou tipologias subjetivas. Nesse sentido, as Escrituras não devem ser abordadas como se possuíssem um "sentido mais alto e avançado" discernido apenas por uma casta privilegiada, sentido este que deveria constituir o objetivo final de todo trabalho de interpretação. Esta abordagem é a observada no Novo Testamento, em sua interpretação do Antigo, e a que foi resgatada pela Reforma do século 16.

Muitos poderão objetar, dizendo que essa abordagem às Escrituras é preconceituosa, ou seja, que ela é construída em cima de algumas pressuposições, entre as quais a de que a hermenêutica da Reforma é a correta. Reconhecemos isso. Na realidade, todos nós temos os nossos conceitos fundamentais que norteiam a nossa compreensão de vida. É impossível o desenvolvimento de ideias sem pressuposições. Não existe a chamada "pura objetividade científica" na construção do entendimento. O que existe, mesmo, são outras ideias preconcebidas que podem fazer parte do seu alicerce de estudo, por exemplo:

Você pode abordar a Palavra de Deus com a pressuposição de que ela não é a Palavra de Deus e assim estudá-la meramente como uma composição literária, ou no máximo considerando-a um reflexo humano de como ideias religiosas impressionaram os autores, fazendo com que eles registrassem não a história real, mas uma esquisita “história espiritual”, divorciada do que realmente aconteceu;

Ou você pode redefinir a doutrina da inspiração e achar que não houve, realmente, um trabalho específico e sobrenatural do Espírito Santo de Deus, no sentido de que ele, utilizando as características de cada autor, levou esses a registrar especificamente aquilo que ele intencionava que fosse registrado, e assim ficar mais à vontade em descartar as partes que não se encaixam na sua ideia de religião;

Ou você pode abrigar um conceito evolutivo da formação do pensamento religioso, que difere do conceito bíblico de revelação progressiva, e se perder em um emaranhado de hipóteses pouco prováveis, e passar todo o tempo procurando discernir as crenças das diversas comunidades neotestamentárias – a Lucana, a Petrina, e assim por diante, acreditando que com isso chegará ao entendimento do texto;

Ou você pode postular que a Bíblia está cheia de mitos e que o trabalho do intérprete é arar esse solo pedregoso e cravado de corpos estranhos no sentido de retirar toda essa mitologia, atingindo o sentido espiritual maior, aplicável ao homem moderno;

Ou você pode considerar a Bíblia uma fonte de autoridade, revelada por Deus, mas em paralelo a outras fontes igualmente importantes, quer sejam elas a tradição, um outro escrito “sagrado” qualquer ou até mesmo a experiência – como estamos fazendo.

Estaremos, entretanto, cada vez em caminho mais seguro se procurarmos fazer nossas as pressuposições da Palavra de Deus. Reconhecemos a facilidade de a interpretação ser influenciada pelo contexto cultural do intérprete, daí o alerta para que se procure a primazia do sentido literal, intencionado pelo autor, no seu

contexto. Na realidade, não estamos defendendo que o entendimento das Escrituras a partir da Reforma é o correto. O que estamos expondo é algo mais radical: a Reforma simplesmente resgatou a abordagem interpretativa das escrituras que havia sido perdida no entulho de tradições agregadas pelo catolicismo. Recuperando a singeleza das doutrinas expostas na Palavra de Deus, divorciando-as das corrupções da tradição, os reformadores seguiram, em paralelo, a observação de como os escritores do Novo Testamento interpretavam o Antigo. Emularam e propagaram essa hermenêutica, e assim alicerçaram a fé cristã genuína das gerações subsequentes, entre as quais nos encontramos, no padrão imutável, objetivo e transparente das Escrituras.

C. Novas Revelações, Experiências, Ilações

De uma forma genérica, podemos dizer que a abordagem hermenêutica do neopentecostalismo resulta na contraposição de novas revelações acima da "antiga revelação" (a Bíblia) e dos sentimentos e experiências acima do conhecimento. Esta forma de apreensão da mensagem de Deus ao homem termina sendo uma extensão lógica de forças de pensamento que têm estado presente no protestantismo desde o final do século 18.

A Reforma do século 16 resgatou a veracidade e suficiência das Escrituras, contra o entulho de tradições e práticas pagãs adicionadas pela Igreja Católica, mas o liberalismo alemão, desse século 18, deu uma guinada racionalista, desviando o pensamento religioso da objetividade verificável das Sagradas Escrituras para um subjetivismo construído em cima de proposições pseudorracionais que negavam, em essência, a realidade testemunhada dos milagres e do sobrenatural. J. I. Packer explica que a contrarreação de alguns teólogos a este racionalismo religioso providenciou uma cura pior do que a doença, porque jogou o cristianismo em um misticismo subjetivo, igualmente divorciado das premissas bíblicas. Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), considerado o pai da Teologia liberal moderna, procurava, possivelmente, salvar o cristianismo dos males do racionalismo. Schleiermacher afirmou que o cristianismo "não é essencialmente conhecimento, mas um sentimento de

dependência de Deus, por intermédio de Cristo".[45] A fé cristã passou a ser considerada apenas um misticismo infeccioso histórico que se "pega" (como catapora, de uma pessoa à outra), por meio do contato com alguém que já tenha sido afetado por ela. No conceito dos adeptos dessa estranha visão da evangelização, "a doutrina não é mais geradora de experiência cristã, mas é gerada por esta última".[46]

Renitentemente, este subjetivismo hermenêutico se apegou a vários segmentos da igreja que seriam, em tese, fiéis à Palavra de Deus. Ele está presente, por exemplo, na doutrina dos Quakers, conhecida como a doutrina da "luz interior". Encontra-se também nos movimentos reavivalistas de Finney, Billy Sunday e outros do século passado, bem como na teologia de Karl Barth e nos escritos de Bonhoeffer, supostos expoentes contraliberais.

Ironicamente, o neopentecostalismo se desenvolveu no chamado campo antiliberal, conservador e fundamentalista dos Estados Unidos, mas é ele que abriga as mais estranhas formulações teológicas, que têm como resultado a subordinação das Escrituras à experiência e a relegação da Bíblia a uma posição de fonte secundária de conhecimento. Pode-se dizer – "Mas nenhum neopentecostal afirmará que a Bíblia é fonte secundária". Já nos referimos, anteriormente, como no pentecostalismo houve uma guinada salutar, nos últimos anos, exatamente porque não conseguiram deixar que as experiências suplantassem a Palavra Escriturada. Assim, muitos retroagiram de certos exageros exatamente pelo amor à Palavra – ela termina falando mais alto, junto com o testemunho do Espírito nos corações. Mas no neopentecostalismo – inclusive nos seus enclaves nas denominações históricas –, por mais que seus integrantes se declarem defensores das Escrituras, a importância atribuída aos fenômenos, maravilhas e novas revelações os empurrarão à incômoda consequência prática de terem na Bíblia a sua "fonte secundária de conhecimento".

Onde impera o ávido desejo pelo inusitado e pelo extraordinário, as Escrituras vão ficando para trás. Nesse sentido é que dizemos que a hermenêutica do

neopentecostalismo não é nova. Ela representa o aproveitamento desintelectualizado de velhas ideias místicas que sempre flutuaram destrutivamente no seio da Igreja. Vejam a descrição que René Pache faz do - pensamento Quaker, século 17, e como parece uma descrição contemporânea do movimento carismático:

A “luz interior” dos Quakers representa uma dissociação das Escrituras da ação e iluminação do Espírito Santo nos corações. Este é um perigo que temos de enfatizar... Os Quakers consideravam a “luz interior” como sendo o testemunho final do Espírito Santo à experiência individual. Esta atitude praticamente predispôs alguns a diminuir o papel e a autoridade das Escrituras. Alguns chegaram ao ponto de dizer que as Escrituras não eram, na realidade, necessárias. Além disso, uma “inspirada” declaração de um irmão em uma congregação recebia a mesma validade que a do texto sagrado.[47]

Pache continua sua exposição apontando os grupos que, nos dias de hoje, emitem pronunciamentos semelhantes, dando “proeminência excessiva ao Espírito Santo em suas devoções, demonstrando intensa preocupação com os dons, com situações de êxtase, e com profecias. Estes têm a consequente tendência de negligenciar as Escrituras”.[48]

É inegável que a experiência é um dos fatores determinantes da hermenêutica do neopentecostalismo, em adição à palavra revelada. Consequentemente, a Teologia é construída não apenas nos dados das Escrituras, mas na apreensão dos fenômenos e na interpretação do que Deus estaria querendo revelar por meio desses. O conhecido teólogo C. Peter Wagner, que abraçou com igual fervor tanto o movimento neopentecostal como as proposições pseudocientíficas do movimento de crescimento de igrejas, aconselha a Igreja a “... reexaminar as Escrituras à luz da experiência e reavaliar sua Teologia de acordo com a mesma”.[49] Esta ousada afirmação, que coloca as Escrituras em subordinação total à experiência e em segundo plano como fonte da teologia sã, coloca em dúvida a sua suficiência e abre a porta a uma visão meramente pragmática determinante do conteúdo e dos métodos a serem utilizados. Vejam, nas palavras

de Wagner, como a aplicação prática desta hermenêutica, no campo de crescimento de igrejas e o seu entrelaçamento com a visão neopentecostal da epistemologia espiritual, produz convicções fluidas e posições mutantes, de acordo com as situações experimentadas: “A teoria de crescimento da igreja apoia-se em uma abordagem fenomenológica que sustenta suas conclusões teológicas um pouco mais em tentativas experimentais, estando aberta para reavaliá-las quando necessário à luz do que for aprendido por meio das experiências”.[50]

Não são apenas as novas revelações e a experiência que são determinantes na hermenêutica neopentecostal. Uma vez aberta a porta para que novos fatos sejam recebidos e para que aplicações sejam retiradas do texto e do contexto bíblico, temos também o surgimento de ilações[51] que levam a conclusões totalmente destituídas de base bíblica para as questões do cotidiano. Um exemplo disso é este relato:

Às vezes, um probleminha aparentemente simples e comum tem origem satânica. Descobrindo-se a origem, detectando-se a causa, pode-se chegar à sua resolução. Certa ocasião uma senhora me procurou, dizendo estar passando por um “pequeno” problema. Contou-me que o seu “pequeno problema” era a frigidez sexual... Ao orar por ela, percebi que seu problema era de ordem espiritual e ordenei que os demônios que a estavam afligindo saíssem dela. Imediatamente, após minha oração, manifestou-se um espírito... após orarmos por aquela senhora, o demônio se afastou e ela voltou a ter uma vida normal em seu lar.[52]

Obviamente todos os problemas e disfunções têm a sua origem primária na queda e no pecado — isso é bíblico.

Verificamos, entretanto, que não apenas as conclusões tiradas da situação acima descrita são destituídas de qualquer base bíblica, mas parece mesmo que inexiste qualquer esforço de relacionar tais questões com as prescrições da Palavra de

Deus. Na realidade, este tipo de inferência entra em um círculo vicioso, passando a se constituir a própria base de ensinamento. O livro que contém o relato acima, após registrar a enormidade de “casos semelhantes trabalhados” (mais uma vez, a base é a experiência), passa a ensinar que “nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, desmaios, desejo de suicídio, ódio, inquietudes e tantos outros males aparentemente comuns podem muito bem significar que a pessoa está sendo ‘circundada’ pelos espíritos.”[53] Ora, nós não temos qualquer dificuldade em identificar ódio e inquietude no catálogo de problemas que Paulo classifica como as obras da carne (Gl 5.19) e, consequentemente, como posturas características das hostes do mal e daqueles que se encontram genericamente sob o seu domínio (os incrédulos). Entretanto, devemos terminar aí, onde as escrituras terminam, sem relacionar tais questões com possessão demoníaca, em si. Verificamos em adição, na relação acima, que males físicos são indiscriminadamente agregados à lista e, sem qualquer autoridade interpretativa além da opinião subjetiva e não verificável do próprio autor, são também apresentados como sendo evidências de fenomenologia demoníaca, uma ilação efetivada sem autoridade.

A hermenêutica do neopentecostalismo é, nesse sentido, inadequada e destrutiva. Apesar do campo abrigar muitos fiéis seguidores da Palavra de Deus, as portas estão abertas para a proliferação de heresias, uma vez que as Escrituras perderam a exclusividade como a única fonte de conhecimento religioso.

O leitor pode apontar que a hermenêutica de outros ramos e denominações da Igreja é também inadequada em muitos sentidos, mas deve ser relembrado que o propósito desse ensaio é examinar a fenomenologia do pentecostalismo e neopentecostalismo. Assim, estamos chegando à conclusão de que, especialmente nesse último segmento, a ênfase na experiência leva as Escrituras a serem consideradas “fonte secundária de conhecimento” e a uma “hermenêutica inadequada” que abre as portas à introdução de heresias. Quanto aos outros ramos, comentamos:

É verdade que a hermenêutica metodista, com o seu antropocentrismo e, mais

recentemente, com sua visão de “alta crítica” sobre a Palavra de Deus, também pode abrir as portas a heresias – mas o exame desse aspecto doutrinário denominacional não é o nosso propósito.

É verdade que a hermenêutica batista recente, com um antropocentrismo e o abandono das doutrinas relacionadas com a soberania de Deus, que distancia os batistas atuais dos batistas históricos, também pode abrir as portas a heresias – mas o exame desse aspecto doutrinário denominacional não é o nosso propósito.

É verdade que a hermenêutica luterana, com sua complicada visão litúrgica e hierárquica, bem como com sua falha de distinção nos relacionamentos igreja/estado, sem falar de algumas “recaídas” doutrinárias no catolicismo e de suas aventuras no liberalismo, também pode abrir as portas a heresias – mas o exame desse aspecto doutrinário denominacional não é o nosso propósito.

É verdade que a hermenêutica católica, com suas adições doutrinárias calcadas na tradição – estranhas à Palavra, também abre as portas a heresias, sendo o corpo de doutrinas dessa própria igreja uma manifestação herética de sua hermenêutica – mas o exame desse aspecto doutrinário não é o nosso propósito. Nem é nosso propósito o exame da hermenêutica católica recente (inexplicavelmente, também fonte filosófica para muitos protestantes contemporâneos), totalmente humanista em suas premissas racionalistas, onde a inspiração divina é redefinida, gerando um contraditório “agnosticismo cristão” que postula: a verdade pode existir, mas ninguém sabe o que ela é nem onde pode estar.

Não acreditamos que a hermenêutica reformada histórica abra portas a heresias, com sua alta visão da inspiração e infalibilidade dos textos originais e com sua compreensão teológica reformada de um Deus que exercita a sua soberania em toda a história, cumprindo os seus propósitos. Por isso nossas pressuposições são reformadas, entendendo que existem diferenças marcantes entre a hermenêutica reformada e as demais acima apontadas.

Conclusão: Sola Scriptura

Quanto mais examinamos estas questões mais somos levados de volta à conclusão a que os reformadores chegaram. Só podemos ter esperanças de nos livrarmos das opiniões conflitantes sobre pontos tão cruciais e das teorias geradoras de doutrinas destrutivas dos pontos fundamentais da fé cristã, se nos voltarmos à objetividade das Escrituras. Sola Scriptura foi um dos pontos cardeais da Reforma do Século 16. Parece contraditório, mas mesmo experimentalmente, os Reformadores descobriram que a experiência e tradição não podiam ser determinantes da fé verdadeira. O homem precisa de um padrão e referencial para o seu comportamento e sua existência. Em sua pecaminosidade nata, é incapaz de gerar esse padrão que procede unicamente de Deus. Ele escolheu revelar-se a si mesmo nas Escrituras. Ele coloca nelas o seu selo de - autoridade. Nelas encontramos verdades objetivas que nortearão os nossos passos no discernimento dos espíritos, na compreensão da mensagem real de Deus e no entendimento equilibrado dos fenômenos que se nos apresentam.

Essa não foi uma doutrina só da Reforma. Encontramos ao longo de toda a história da igreja a fé cristã real subsistindo nos campos onde a doutrina da infalibilidade e suficiência das Escrituras foi exposta e defendida. Um autor contemporâneo, Harold Lindsell, apresenta uma compilação de grandes expoentes da Igreja e de suas declarações e escritos, demonstrando que para estes grandes líderes levantados por Deus, a Bíblia era a única fonte de aferição e julgamento de todas as questões, porque era a Palavra inspirada e infalível de Deus. Lindsell traz citações de Clemente, Policarpo, Justino — o Mártir, Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio, João Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho.[54]

O desvio da igreja começou exatamente quando a Palavra de Deus passou a ser uma fonte paralela ou secundária de conhecimento religioso, sendo superada pela tradição, milagres espúrios, novas revelações, mariolatria, culto às imagens, etc.

Historicamente, todos aqueles que se preocuparam com as questões primordiais da fé cristã, verificaram que não podiam prosseguir sem reconhecer a base

comum e inerrante de conhecimento religioso: A Palavra de Deus. Assim, todos os credos e confissões pós-Reforma, resultantes de dias e meses de exaustivas reuniões, de joelhos suplicando a orientação de Deus, resultaram em extensas declarações sobre a suficiência e singularidade das Escrituras. Temos exemplo disso na Fórmula de Concórdia (1576), na Primeira (1536) e na Segunda (1556) Confissão Helvética, na Confissão Francesa (1559), na Confissão Belga (1561), no Catecismo de Heidelberg (1563).[55]

As Escrituras permeiam também os Cânones de Dort (Dordrecht) (1619) como a única fonte legítima de conhecimento teológico. Na realidade, o primeiro item da agenda do sínodo que originou este documento, reunido na cidade de Dordrecht, na Holanda, foi a necessidade de uma nova tradução da Bíblia. A discussão deste item transcorreu de 19 a 27 de novembro de 1618. Nos debates sobre a inclusão ou não dos livros apócrifos, vemos como aqueles teólogos consideravam as Escrituras. Um dos principais participantes, Franciscus Gomarus (1563-1641), defendendo a posição de que aqueles livros conflitavam com a "veracidade e majestade das Sagradas Escrituras", levou o sínodo a reconhecer este ponto e a decisão final foi a tradução deles em separado, com um prefácio que chamasse a atenção para as suas incoerências e erros doutrinários.[56]

A Confissão de Fé de Westminster, seguindo os passos da Reforma e dessas confissões precedentes, dedica todo o seu primeiro capítulo às Sagradas Escrituras. Para estes teólogos e eruditos cristãos, que se reuniram de julho de 1643 a fevereiro de 1649 em Londres, antes que qualquer outro assunto fosse tratado, era necessário estabelecer o que a Palavra de Deus afirmava sobre ela própria. Neste documento, adotado pelas igrejas presbiterianas fiéis e até por muitos batistas históricos (na forma da Segunda Confissão de Fé de Londres — 1689), encontramos logo no início as seguintes afirmações, todas amplamente fundamentadas em trechos da própria Bíblia:

As Escrituras representam toda a revelação necessária de Deus ao homem "… para o mais seguro e conforto da igreja contra a corrupção da carne e malícia de

Satanás e do mundo…". Por essa razão ela é "… indispensável… tendo cessado aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo".[57]

As Escrituras não são quaisquer escritos de natureza religiosa ou prezados por sua antiguidade, mas o termo é identificado com a compilação de todos os livros do Antigo Testamento aceitos pelos judeus e por Jesus Cristo (39 livros) e dos livros do Novo Testamento reconhecidos como canônicos (inspirados) pelas igrejas (27 livros), perfazendo um total de 66 livros, dos quais estão, obviamente, excluídos os livros apócrifos.[58]

A autoridade das Escrituras é inerente em si, não dependendo "… do testemunho de qualquer homem ou igreja". Não foi, portanto, um concílio ou o julgamento humano que estabeleceu a sua aceitação pela igreja. Ela deve, portanto, ser recebida, "porque é a palavra de Deus".[59]

Por maiores que sejam os testemunhos e as evidências, a Confissão reconhece que a plena persuasão e a certeza da infalibilidade das Escrituras, bem como a sua "divina autoridade provêm da operação interna do Espírito Santo que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações".[60]

As Escrituras estão completas e, portanto, "à Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens". Tendo colocado com tanta firmeza a suficiência das Escrituras, a Confissão também reconhece "ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na palavra".[61]

É reconhecido que existem trechos difíceis nas Escrituras; que a inspiração se processou nos autógrafos (documentos originais) e que todo estudo aprofundado deve se processar nas línguas originais nas quais foram escritos os livros individuais (genericamente, o hebraico e o grego). Entretanto, todo esforço deve ser empreendido para que a Bíblia seja traduzida "nas línguas vulgares de todas as nações aonde chegarem".[62]

Contrariando a legitimação de um pluralismo de conceitos, tão em voga, atualmente, dando esperanças à compreensão da verdade, a Confissão ensina que "a regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura" e não existem sentidos múltiplos, mas únicos. O texto difícil deve ser "estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente".[63]

Nosso padrão de aferição de tudo é a própria Escritura. O Espírito Santo não fala

individualmente em novas revelações autoritárias, mas pela própria Bíblia. “O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos e concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura”.[64]

É difícil imaginar uma formulação mais completa, detalhada e fiel sobre as doutrinas das Sagradas Escrituras do que a encontrada acima. Ainda assim, encontramos pastores, oficiais e membros das próprias igrejas que abraçam esta Confissão ávidos pela manifestação de fenômenos sobrenaturais, ansiosos pelas diretrizes fornecidas por novas revelações, como se algo estivesse faltando à própria Palavra de Deus para a expressão plena de suas religiosidades. A cena contemporânea observada na Igreja Cristã mostra um desconhecimento real da doutrina da Palavra de Deus ou um desprezo pelo trabalho sincero dos servos de Deus ao longo da história da igreja que, tomando emprestado as palavras de um conferencista reformado, somente pode ser caracterizado como “arrogância ingênua”.[65]

Não estamos “mandando recados”, mas falando diretamente. Com os pontos que pudemos levantar, sobre o neopentecostalismo, almejamos, igualmente, provocar reflexão aos que se encontram deslumbrados com esses movimentos, prestes a abandonar doutrinas e práticas bíblicas preciosas, pelos modismos e pela empolgação com a coreografia dos números. Gostaríamos que ponderassem biblicamente os praticantes do desvio que uma revista chamou de um “tipo peculiar de cristianismo; não aquele do cordeiro de Deus, que fala dos sofrimentos indizíveis de Jesus nas mãos dos seus algozes; não o que privilegia o poder da criação do Pai;” mas um “rebanho fabuloso” que “quer os milagres do Espírito Santo”.[66]

Longe de nós procurarmos um cristianismo racional no qual o sobrenatural é ignorado. Longe de nós gerarmos um ceticismo às atividades das hostes das

trevas. Mas devemos procurar manter o sobrenatural dentro da perspectiva que a própria Palavra nos ensina. A maior ação sobrenatural de Deus é o milagre da salvação: seu Espírito regenerador, criando uma nova vida dentro de nós. O governo soberano de Deus, pelo qual ele cumpre os seus propósitos na História, é o grande alicerce de magnífica espiritualidade e sobrenaturalidade da nossa religião – por que desprezar esse conhecimento e essa convicção (Is 8.16-20)? Por que a busca pelo inusitado, pelas intervenções solicitadas ao nosso serviço e por nossas necessidades?

Na parábola do mendigo Lázaro, (Lc 16.19-31) o rico, após tomar pleno conhecimento das realidades espirituais, entre elas a do fogo eterno, da - condenação e das tormentas, pede uma maravilha ao reino dos céus, representado na pessoa de Abraão. Ele quer um fenômeno extraordinário – gostaria que o mendigo Lázaro, agora com Abraão, fosse ressuscitado e pessoalmente voltasse à terra dando testemunho daquelas realidades espirituais aos seus cinco irmãos. Na sua perspectiva, um depoimento advindo de uma manifestação tão espetacular certamente faria com que seus parentes acreditassem na mensagem da verdade. Abraão responde que eles têm as Escrituras (Moisés e os profetas) e se, com os corações endurecidos, não respondem ao claro e objetivo ensinamento delas, não será o grande fenômeno da ressurreição que gerará a credibilidade necessária à salvação.

Essas palavras eram também proféticas. Deus operou um fenômeno impossível às suas criaturas, ressuscitando Jesus Cristo ao terceiro dia, mas as pessoas submersas em seus pecados continuam a rejeitar a mensagem das Escrituras, mesmo após a ressurreição. Por que deve a nossa geração retratar a própria atitude, condenada pela parábola – que os fenômenos extranaturais é que conduzirão as pessoas a Cristo – quando ele próprio nos aponta para as Escrituras (Jo 5.39)? Por que desprezarmos o grande fenômeno, bíblico e historicamente comprovado, da ressurreição de Cristo?

Que possamos avaliar a verdadeira sobrenaturalidade da fé cristã e, “discernindo os espíritos,” aprender a dissociar esta dos fenômenos meramente experimentais

que conspirem para nos afastar das Escrituras. Que Deus tenha misericórdia da nossa ignorância e que abra os olhos daqueles que, em sua igreja, estão se afastando de suas verdades, levando-os de volta à “pureza e simplicidade” devidas a Cristo.

---

1. Etimologicamente, vem do grego fainomenon, fainestai — aquilo que é mostrado; ou, o que aparenta, o que aparece.

2. Neste ensaio não estamos examinando fenomenologia como a corrente filosófica amorfa que leva este nome. O termo técnico-filosófico fenomenologia (que pode ser simplistamente definido como sendo a abordagem e a tentativa de descrição fiel, abstraída de qualquer ideia preconcebida, dos fenômenos concretamente experimentados) tem seu início traçado a Johann Heinrich Lambert, do século 18. As ideias deste campo influenciaram Georg Wilhelm Friedrich Hegel, no século 19, mas desenvolveram-se mesmo no século 20 com os escritos de Edmund Husserl. As ideias também marcaram Martin Heidegger, o existencialismo de Jean-Paul Sartre e até Jean Piaget, em suas teorias sobre a formação e desenvolvimento da inteligência. Na América Latina, a corrente foi introduzida pelos trabalhos de José Ortega Y Gasset; no campo religioso internacional, influenciou os escritos de Paul Tillich. Para uma visão cristã reformada de pontos que contrariam essa linha filosófica, e a demonstração de que ela é uma impossibilidade lógica e empírica, recomendamos os escritos de Cornelius Van Til (1895-1987). Van Til substancia a constituição pressuposicionalista do raciocínio humano e da revelação de Deus.

3. Para um tratamento mais extenso e filosófico desta questão — de que a vida real não consiste apenas dos fenômenos observáveis — , vide Francis Schaeffer, Death in the City (IVP: Downersgrove, 1969-70) p. 127-143, e também, do mesmo autor, A Morte da Razão (FIEL/ABU: São Paulo, 1974) p. 18-28 e 79-94. Uma outra abordagem, igualmente excelente, é encontrada no artigo

Christian Supernaturalism, de Benjamin B. Warfield, em Biblical and Theological Studies (Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1952) p.1-21.

4. Sl 19 estabelece a norma — a própria harmonia e rotina colocada no universo por Deus já reflete a sua glória, poder e majestade. Vide também Is 8.5-13, como exemplo do entrelaçamento das questões morais e de justiça, da parte de Deus, com o seu governo das causas físicas do universo, e Is 8.16-18, onde a mão de Deus com o seu povo é apresentada como sendo uma operação de sinal, maravilha e testemunho para os outros povos. Esta presença constante de Deus era um motivo a mais (vs. 19 e 20) para que o povo consultasse e dependesse dele e não dos adivinhos e operadores de maravilhas.

5. Êx 4.1-9; Lc 7.19-23. Bernard Ramm chama atenção para o fato de que a crença judaica-cristã abriga a noção de que qualquer manifestação dessa natureza já representa o mais forte indício de procedência divina, em Revelation and the Bible, Carl Henry, (org.) (G. Rapids: Baker Book House, 1958-1967) p. 253-254.

6. Dt 18.20-22; Dt 13.1-11; Is 9.14-15; Jr 23.9-40; Mq 3.5-8.

7. Is 8.19-20.

8. Êx 7; 1Sm 28.

9. Folha Universal (São Paulo: 22.09.1996), p. 5.

10. Folha Universal (São Paulo: 15.09.1996), p. 5.

11. Revista Isto É, 30 de dezembro de 1998, no 1526, reportagem Procura-se Deus, p. 71-72.

12. Programa televisivo Globo Repórter (Rede Globo de Televisão: 07.06.1996).

13. Isto É, ibid.

14. Seu nome real era Ehrich Weiss, nascido em Budapeste, em 24.03.1874, e morreu em 22.10.1924 (Pesquisa Internet, no endereço: http://www.microserve.net/~magicusa/houdibio.html)

15. Entre seus escritos, quase sempre versando sobre parapsicologia, mas expondo médiuns e operadores de maravilhas como fraudes, temos: A Face Oculta da Mente (1989 — 31ª Ed.), As Forças Físicas da Mente (1968) e O Que É Parapsicologia (1989 — 27ª Ed.) todos publicados pela Edições Loyola: São Paulo.

16. Exemplo: Dt 13.1-5.

17. Kenneth Scott Latourette, A History of Christianity (N. York: Harper & Row, 1953, 1975) p. 26, 114, 123, 124.

18. A ideia do “crente carnal” procede de uma compreensão superficial das palavras do apóstolo Paulo, em 1Co 3.1-4, e foi popularizada nas notas de rodapé da famosa Bíblia de Scofield. Infelizmente, essa “doutrina” do crente carnal encontrou abrigo em nosso meio, o que nos impele a esse esclarecimento maior. Como imperfeitos e pecadores que somos, até a nossa glorificação, cada um de nós exibe um grau maior ou menor de carnalidade em nossas atitudes. Existe, portanto, a possibilidade, nos crentes, de manifestações de comportamento semelhantes ao do incrédulo – isso é carnalidade no sentido ético/moral, utilizado por Paulo. Ela deve ser exposta, reprovada e a convicção de sua presença deve nos levar aos pés de Cristo em arrependimento sincero e genuíno. Paulo não chega, entretanto, a transmitir a ideia da existência de uma terceira categoria de pessoas nas quais faltaria um passo adicional à salvação. No contexto da carta, ele deixa claro, no cap. 1, que está escrevendo àqueles que foram santificados em Cristo Jesus. No cap. 2, ele descreve os seus leitores como “recebedores da graça de Deus, enriquecidos em toda palavra e em todo o entendimento” e traça aquela única distinção que é verdadeiramente bíblica: o ser humano natural e o ser humano espiritual – caracterizando o que se encontra ainda morto em delitos e pecados, e aquele que foi alcançado pela graça salvadora de Jesus Cristo. Esse último, como espiritual que é (isto é: gerado pelo Espírito Santo), tem a possibilidade de discernir o ensinamento do Espírito e de manter sintonia com o Deus Supremo. Por essa razão, o comportamento específico tratado nos versos iniciais do capítulo 3 – partidarismo e espírito de divisão e dissensão (uns de Paulo, outros de Apolo), era incompatível com a fé professada. Paulo vê-se, portanto, forçado a dirigir-se a eles como descrentes procurando-os sacudi-los à racionalidade cristã. Como espirituais, tinham que apresentar crescimento. Não podiam permanecer como crianças e exibir carnalidade. O ensinamento do “crente carnal” tem o resultado prático de confortar indevidamente aqueles que, mesmo fazendo parte da igreja local, levam uma vida desregrada, fora dos padrões das Escrituras, mas se

autoanalisam como pertencentes a essa categoria. Essas pessoas, na realidade, deveriam estar examinando a genuinidade da salvação que professam. Aos que desejarem um tratamento mais aprofundado da questão, recomendamos Existe Mesmo o Crente Carnal? escrito por Ernest Reisinger (SP: Fiel, 1988) e o artigo de Augustus Nicodemus Lopes, Paulo e os Espirituais de Corinto, em Fides Reformata 3/1 (1998) p. 102-5.

19. Citado por John F. MacArthur, Jr., Os Carismáticos, trad. Elizabeth Gomes (S. Paulo: Ed. Fiel, 1978/1981) p. 57.

20. MacArthur, p.58.

21. MacArthur, p. 58.

22. Globo Repórter (Rede Globo de Televisão: 07.06.1996).

23. Metafísico: além do físico, do visível, do palpável, do perceptível. Aqui utilizamos o termo como descritivo das questões eminentemente espirituais (como a salvação, o andar em justiça e santidade), em contrapartida às questões físicas (doenças, enfermidades) que, mesmo sendo importantes, estão hierarquicamente abaixo das anteriores (Mt 10.28).

24. New Covenant, Janeiro de 1984, entrevista citada no livreto: The Spirit of Pentecostal-Charismatic Unity, por Wilson Ewin (Nashua, N.H.:Bible Baptist

Church, 1985) p. 34, 35.

25. No Brasil, conhecida como A.D.H.O.N.E.P.— Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno, nome que contém a inferência de que o evangelho histórico não é pleno, falta algo nele.

26. Reunião de 26 de julho de 1982 em Nashua, New Hampshire, EUA, relatada por Wilson Ewin, ibid., p.24.

27. Wilson Ewin, Ibid., p. 13-15.

28. Vide artigo “Possuídos pelo Fogo de Deus”, na Revista Veja, 23.12.98, p. 70-76.

29. Gordon L. Lewis, Criteria for Discerning Spirits, em Demon Possession, org. por John Warwick Montgomery (Mineapolis: Bethany Fellowship, 1976) p. 354.

30. Por exemplo, os relatos normalmente atribuídos à uma descrição da personalidade, pecado e queda de Satanás estão intrinsecamente ligados aos detalhes históricos da prosperidade, orgulho e queda do rei de Tiro e ao julgamento contra a Babilônia (Ez 28.1-19; Is 14.12-20). A abstração daquilo que é considerado a mensagem real desses detalhes históricos nem sempre é clara ou substanciada por uma hermenêutica sadia.

31. Mesmo autores que têm escrito extensivamente sobre a questão dos Demônios e Anjos, quando abordam a questão com isenção e honestidade acadêmica, têm chegado a esta conclusão como, por exemplo, Mrs. Geo. C. Needham, Angels and Demons (Chicago: Moody Press, sd) p. 48-49.

32. R. R. Soares, Espiritismo - A Magia do Engano (RJ: Graça Editorial, 1984) p. 93.

33. W. F. Arndt e F. W. Gingrich, A Greek-English Lexicon of the New Testament (Chicago: University of Chicago Press, 1957-69) p. 453.

34. Note que mesmo antes de entrar em contato com a pregação do evangelho, At 8.9-10 registra que "… Simão, que ali praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria, insinuando ser ele grande vulto; ao qual todos davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder". A operação de maravilhas havia levado o povo a creditar tais coisas ao poder de Deus, quando o desenrolar da história mostra o contrário.

35. Diakrisis aparece somente em duas outras instâncias, no NT: Hb 5.14, onde é traduzida como discernir, mas enfatizando o discernimento do mal (o discernimento do bem parece ser a expectativa normal para o cristão) e Rm 14.1, onde é traduzida como discutir opiniões (no contexto significa não apenas o diálogo inocente de ideias, mas pronunciar julgamento contrário nas atitudes do irmão mais fraco na fé).

36. Conforme indicamos anteriormente, a palavra dokimazw expressa teste empírico, experimental. É a palavra utilizada para identificar o teste a que eram submetidos os metais, pelo fogo, para provar ou descaracterizar a sua nobreza (Pv 8.10 — na Septuaginta — ouro escolhido, ouro provado; 1Pe 1.7).

37. E. J. Young, My Servants The Prophets (G. Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1952) p. 128.

38. Ibid., p. 138

39. O alicerce epistemológico da fé cristã é procurar conhecer pela revelação objetiva escriturada de Deus, em vez de pela apreensão subjetiva do homem. Vide Lewis, Criteria for Discerning Spirits, p. 350.

40. Edwin Palmer, The Holy Spirit (Filadélfia: The Presbyterian and Reformed Publishing House, 1975) p. 18.

41. A. Skevington Wood, Montanism em Baker's Dictionary of Theology (G. Rapids: Baker, 1969), p. 363-364.

42. Lewis, Criteria for Discerning Spirits, p. 356.

43. Um bom resumo dos princípios essenciais de hermenêutica pode ser encontrado no artigo “Interpretation (Biblical)”, por F. F. Bruce, em Baker’s Dictionary of Theology (G. Rapids: Baker, 1960-69) p. 291-293.

44. Bernard Ramm, Protestant Biblical Interpretation (G. Rapids, Mich: Baker Book House, 1970) p. 2.

45. James I. Packer, Contemporary Views of Revelation, em Revelation and the Bible, org. por Carl Henry (G. Rapids, Mich.: Baker Book House, 1958 - 1967) p. 92.

46. Packer, Ibid.

47. René Pache, The Inspiration and Authority of Scripture (Chicago: Moody Press, 1969) p. 318-319.

48. Pache, p. 319.

49. C. Peter Wagner, Estratégias Para o Crescimento da Igreja, trad. Luiz Sayão (S. Paulo: SEPAL, 1991) p. 41.

50. Wagner, Estratégias, p. 40-41.

51. Ilação: Inferência ou relacionamento não comprovado, ou de conexão não aparente, entre dois temas, assuntos, pontos, ou proposições.

52. R. R. Soares, Espiritismo, a Magia do Engano (Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1984) p. 109.

53. R. R. Soares, Ibid., p. 109.

54. Harold Lindsell, The Battle for the Bible (G. Rapids: Zondervan, 1976) p. 41-55.

55. Para um excelente tratamento da questão histórica da autoridade das Escrituras, bem como dos recentes ataques que a posição de infalibilidade e inspiração da Palavra de Deus vem recebendo, mesmo em campos conhecidos como “evangélicos”, sugerimos a leitura do excelente livro God’s Hammer: The Bible and Its Critics, de Gordon H. Clark (Jefferson, Md: The Trinity Foundation, 1987) p. 127-155.

56. Marten H. Woudstra, em Crisis in the Reformed Churches, org. por Peter Y.

De Jong (G. Rapids: Reformed Fellowship, Inc., 1968) p. 100.

57. Confissão de Fé de Westminster, Cap. I, Seção 1.

58. Ibid., Seções 2 e 3.

59. Ibid., Seção 4.

60. Ibid., Seção 5.

61. Ibid., Seção 6.

62. Ibid., Seções 7 e 8.

63. Ibid., Seção 9.

64. Ibid., Seção 10.

65. Mark Dever, palestra proferida na Conferência da Editora Fiel para Pastores e Líderes, Águas de Lindoia, 10.10.96.

66. Artigo “Possuídos Pelo Fogo de Deus”, Revista Veja, 23.12.98, p. 70-71.

Capítulo III

Profecia ontem e hoje

Heber Carlos de Campos

Introdução

A fim de entendermos o ministério profético através de toda a Escritura Sagrada, é necessário que façamos uma comparação entre o ministério dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo Testamento, assim como de ambos com os profetas das igrejas locais do Novo Testamento. Somente assim entenderemos qual é a função profética nos dias de hoje, em nossas igrejas locais. Muitos ensinos são recebidos como se fossem verdade inquestionável, sem que se faça qualquer verificação da veracidade deles nas Escrituras. Este ensaio é uma tentativa de preencher uma lacuna na formação teológica dos ministros do Santo Evangelho em nosso país.

Nossa metodologia será fazer primeiro uma comparação entre os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos no Novo Testamento. Então, uma comparação entre os apóstolos do Novo Testamento e os profetas das igrejas locais do Novo Testamento. Por último, haverá uma comparação entre os profetas do Antigo Testamento e os profetas das igrejas locais do Novo Testamento. Nos capítulos subsequentes, algumas noções serão dadas sobre a contemporaneidade do ministério profético nas igrejas locais, mostrando as funções básicas dos profetas, assim como uma ênfase especial sobre o instrumento que eles usam para o exercício de suas funções.

I. Comparação entre os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento

Existe uma corrente de pensamento no estudo da profecia que defende que os apóstolos do Novo Testamento não têm nada a ver com os profetas do Antigo Testamento. De acordo com essa linha não existe associação alguma entre eles porque viveram em épocas e circunstâncias totalmente diferentes, ou porque os primeiros estão na nova dispensação enquanto que os últimos estão na antiga dispensação. Esta situação os tornaria absolutamente distantes, deixando-os sem qualquer conexão entre si.

Contudo, esse ensino falha em perceber a forte correlação que existe entre ambos os ofícios, tanto do profético no Antigo Testamento como do apostólico no Novo Testamento, no que diz respeito: 1) à revelação direta de Deus; 2) ao fundamento que lançaram; 3) ao conhecimento dos mistérios de Deus; 4) à realização de poderes miraculosos; 5) no complemento que um é para o outro; 6) no término de sua função.

A. Ambos Receberam Revelação Direta de Deus

1. Profetas

O mais significativo dos profetas, antes do aparecimento dos profetas clássicos, foi Moisés. Ele é um tipo de Cristo como profeta (Dt 18.15-18). Diferentemente do modo como revelou-se a outros profetas, Deus falou com Moisés face a face, numa comunicação absolutamente direta e presencial (Dt 34.10).[1]
Posteriormente, enquanto Moisés ainda era vivo, Deus resolveu mudar o modo

de comunicar a sua revelação, passando a falar aos profetas posteriores em sonhos e visões, de um modo mais indireto (Nm 12.6-8), pois a uns Deus falava enquanto estavam dormindo (em sonhos), e a outros quando estavam em êxtase (em visões). Somente com Moisés Deus continuou a falar “boca a boca... não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor” (Nm 12.8). Em termos revelacionais, “nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face” (Dt 34.10).

Depois de Moisés, todos os profetas clássicos do Antigo Testamento receberam revelações diretas de Deus por meio de sonhos e visões, como veremos adiante.

2. Apóstolos

Semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os apóstolos também tiveram uma revelação direta. Todavia, diferentemente dos profetas do Antigo Testamento, a revelação de Deus aos apóstolos foi por meio do Filho encarnado. Era a revelação que incluía a presença do Emanuel — Deus conosco, pois Jesus Cristo é homem verdadeiro, assim como é Deus verdadeiro, para sempre.

Embora Jesus Cristo seja uma revelação presencial de Deus, ele não é uma Teofania, ou seja, uma manifestação temporária visível de Deus, como aconteceu no Antigo Testamento. Ao encarnar-se, ele tornou-se para sempre Deus-Homem, pois ele foi feito também à nossa semelhança. Ao mesmo tempo em que Jesus se revelava aos seus discípulos, ele chamou alguns deles para serem seus apóstolos e incumbiu-os de serem testemunhas da sua revelação. A condição básica para ser apóstolo era a de ter acompanhado a revelação divina em Cristo desde o seu batismo até a sua ascensão (At 1.21-22). Posteriormente, outros foram chamados apóstolos, como é o caso de Paulo, que também reivindicou ter estado com Cristo (como era a exigência – 1Co 9.1).

Excepcionalmente, alguns apóstolos receberam revelação de Deus por meio de visões[2], já que eram sucessores neotestamentários dos profetas veterotestamentários, como veremos posteriormente.

Paulo, que foi o último a ser testemunha da ressurreição do Senhor, teve outros momentos de revelação presencial de Deus, onde a presença do Senhor lhe foi visível e palpável (At 23.11).

De qualquer modo, os profetas e os apóstolos inquestionavelmente receberam revelação direta de Deus e vários deles registraram inspiradamente o que viram e ouviram, registro esse que foi incorporado naquilo que conhecemos como Escrituras Sagradas do Antigo e do Novo Testamentos.

B. Ambos Lançaram o Fundamento da Igreja

Juntamente com os apóstolos, os profetas do Antigo Testamento lançaram o fundamento da fé sobre o qual a igreja repousa. Esse fundamento não se refere aos apóstolos e profetas em si mesmos, mas ao que eles disseram sobre Cristo e sobre nossa redenção. Paulo põe este ensino nos seguintes termos:

“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para a habitação de Deus no Espírito.” (Ef 2.20-22)

Há algumas coisas que temos a dizer sobre este texto: há dúvida se esses profetas mencionados são da antiga dispensação ou da nova. Há a possibilidade de Paulo estar falando das mesmas pessoas. Isto é, essas pessoas de quem Paulo fala como

sendo o fundamento da igreja, poderiam tanto ser apóstolos quanto profetas, já que os primeiros faziam as mesmas coisas que estes últimos fizeram. Todos os apóstolos eram profetas. Disto não há dúvidas. Esta ideia não pode ser absolutamente descartada, mas também não podemos dogmatizá-la. Há também a ideia desses profetas serem profetas do Novo Testamento, mas essa possibilidade é muito menor, pois não temos nenhum registro de coisas fundamentais que eles escreveram. Certamente, Paulo não está falando deles aqui neste texto. Como não há nenhum registro de escritos dos profetas do Novo Testamento, entendo, sem temor de fazer injustiça ao texto, que os profetas que, juntamente com os apóstolos, lançaram o fundamento da igreja, são os do Antigo Testamento.

O edifício do qual o texto fala claramente é a igreja. Paulo usa nessa carta muitas vezes o termo e)kklhsi/\a (ecclesía) como indicativo da igreja universal. Todas as coisas que os profetas e apóstolos escreveram dão suporte a essa igreja. Ela repousa sobre o ensino deles. Tudo o que a igreja deve crer sobre Deus e seu relacionamento com os homens está registrado nas Santas Escrituras que foram escritas, na sua grande maioria, pelos profetas do Antigo Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento. Eles foram os instrumentos mediante os quais Deus veiculou a sua revelação.

O termo qeme/lioj (themélios), usado por Paulo, que é traduzido em nossas versões como “fundamento”, é um termo-chave, porque o fundamento foi obviamente finalizado durante o primeiro século, quando os apóstolos foram as testemunhas oculares do ministério de Cristo e comissionados por ele, estando ainda vivos. [3] Paulo estava escrevendo à igreja universal a respeito do fundamento que os profetas e eles, os apóstolos, haviam lançado, significando que nenhum fundamento mais poderia ser lançado. Tudo o que a igreja haveria de crer e fazer, deveria ser construído sobre o fundamento. A credenda e a agenda da igreja teriam que ter como fundamento o ensino apostólico e profético. Em outras palavras, o que a igreja deveria crer e fazer, a sua teologia e sua ética, deveriam estar fundamentadas no ensino deles. Enfim, toda a edificação da igreja seria baseada no ensino profético-apostólico. Nunca mais alguém teria o direito de lançar outro fundamento que não o que já havia sido recebido. Farnell diz que Efésios 2.20

claramente implica que Paulo viu a revelação como ocorrendo durante uma era específica, uma era não-repetida, com a igreja das eras subsequentes sendo ordenada para descobrir seu fundamento naqueles apóstolos e profetas, ou mais especificamente, na doutrina deles, como está registrado nas Escrituras.[4]

Tudo o que a igreja pós-apostólica haveria de dizer posteriormente, deveria ser baseado no fundamento lançado por eles. A intenção de Efésios 2.20 não é dizer que os dons profético e apostólico cessaram, mas a intenção é mostrar que qualquer dom relacionado com a Palavra, usado para a instrução do povo de Deus, deve estar em harmonia com o ensino já lançado no fundamento dos apóstolos e profetas. Esse fundamento não pode ser lançado mais. Isto já foi feito de uma vez para sempre. Todas as coisas que temos a dizer hoje, temos que fazê-lo com base naquilo que já foi dito por eles. A mensagem transmitida ao povo de Deus deve estar em consonância com a Palavra divinamente registrada dos profetas e apóstolos.

C. Ambos Conheceram o "Mistério"

A ambos, os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento, foi revelado o "mistério", mesmo embora esses últimos tenham tido a compreensão clara dele.

A palavra traduzida como "mistério", que aparece no texto abaixo, tem vários significados no Novo Testamento, mas neste texto ela é usada para referir-se à entrada dos gentios na igreja, verdade essa que era relativamente desconhecida de muitos (ou não era entendida devidamente por eles) que viveram no tempo do Antigo Testamento. Paulo revela seu conhecimento bem maior dessa matéria, como veremos adiante. Ei-lo escrevendo aos crentes de Éfeso:

...pois segundo uma revelação me foi dado conhecer o mistério conforme escrevi há pouco, resumidamente, pelo qual quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo, o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas,[5] no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho.”[6] (Ef 3.3-6)

Esses versos ajudam a entender o texto de Efésios 2.20, pois eles tratam do impacto revelador que os apóstolos e profetas tiveram sobre a igreja. Eles foram o instrumento de primária importância no processo revelacional de Deus, que seria o fundamento da igreja. A maior parte dessa revelação está vinculada à redenção da igreja, por meio de Cristo Jesus.

Esse “mistério”, mencionado por Paulo, esteve oculto de muitos no passado, conforme mostra Efésios 3.5, mas Deus não deixou que esse “mistério” ficasse encoberto para sempre na vida de todos os seus santos. Ele fez com que alguns do Antigo Testamento e outros do Novo Testamento conhecessem o significado desse mistério:

1. Profetas e Apóstolos Receberam a Revelação do “Mistério” (Ef 3.5-6)

Deus deu a conhecer aos profetas do Antigo Testamento e a alguns profetas do Novo Testamento [7], assim como aos apóstolos, os mistérios da revelação da inclusão dos gentios no corpo de Cristo.

a. Profetas

A revelação do mistério dada a Paulo e proclamada por ele não era algo absolutamente novo. Alguns profetas do Antigo Testamento haviam vaticinado esses dias de inclusão dos gentios no corpo de Cristo. Logo no começo da história da redenção, o protoevangelho de Gênesis 15.16 foi interpretado por Paulo como sendo o anúncio antecipado da salvação dos gentios a Abraão (Gl 3.8,14). O “amigo de Deus” recebeu a revelação desse “mistério” de que “todas as famílias da terra seriam abençoadas”. Essa foi a mais importante proclamação da entrada dos gentios no corpo, já que “todas as famílias da terra” haveriam de receber, em Cristo, as bênçãos salvadoras.

Paulo também aplica para si o texto de Isaías a fim de mostrar que o próprio Paulo era o cumprimento da profecia do “mistério” da salvação dos gentios (At 13.47), mas que havia sido anunciada muito antes:

“Eu, o Senhor, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo, e luz para os gentios, para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere os que jazem em trevas.” (Is 42.6-7)

Um outro texto absolutamente claro é o de Isaías 49.6 - “Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra.”

Há ainda outros textos dos escritores do Antigo Testamento que ficam bem mais claros quando interpretados pelos escritores do Novo Testamento: 2Samuel 22.50 e Salmo 18.49 são interpretados por Paulo em Romanos 15.9; Deuteronômio 32.43 é interpretado por Paulo em Romanos 15.10; Salmo 117.1 é intepretado por Paulo em Romanos 15.11; Isaías 11.10 é interpretado por Paulo em Romanos 15.12.

É óbvio que o sentido destas passagens fica mais claro à medida que as olhamos à luz da ótica neotestamentária. Os profetas do Antigo Testamento disseram muitas coisas a respeito da inclusão dos gentios na igreja, mas foi difícil para os judeus entenderem claramente o que Paulo chamou de “mistério”.

Por essa razão, Paulo disse que o sentido dessas profecias ficou oculto das gerações passadas. É até possível que os próprios escritores do Antigo Testamento não houvessem entendido com clareza o sentido dessas profecias, porque não haviam entendido claramente o sentido de salvação nem o tipo de Salvador que haveria de vir. Na mente dos judeus, os gentios nunca poderiam ser participantes da salvação, pois a salvação, no entendimento dos judeus, sempre teve a ver com a libertação da dominação dos povos, pela qual estavam passando por muitos séculos. Essa era a salvação entendida por muitos das gerações passadas. Portanto, soava extremamente estranho que judeus e gentios pudessem ter os mesmos privilégios. Pela dominação havida por muitos séculos, os judeus nunca imaginaram que ambos, judeus e gentios, pudessem ter os mesmos privilégios espirituais. Entretanto, este ensino Paulino tornou-se bem mais claro quando entendeu-se, na revelação progressiva, o real tipo de salvação e de Salvador de que os homens precisavam.

b. Apóstolos

Alguns textos do Novo Testamento são indicativos de que os apóstolos, assim como alguns poucos crentes comuns, começaram a entender mais claramente algumas passagens anteriormente proferidas por Deus aos profetas do Antigo Testamento:

1. Veja o exemplo do entendimento de Mateus (12.17-21)

Mateus entendeu pelos textos de Isaías, por meio da mensagem de Cristo Jesus, que haveria um lugar para os gentios na igreja de Jesus Cristo, em quem eles haveriam de esperar. Perceba que Mateus está citando Isaías 42.1-4, e ele identifica as “terras do mar que aguardarão a sua doutrina”, como sendo terras gentílicas. Por essa razão, diz que em Cristo “os gentios esperarão”.

2. Veja o exemplo do entendimento de Simeão (Lc 2.29-32)

Lucas registra que Simeão teve uma compreensão clara, pela revelação do Espírito que estava sobre ele, de que os povos gentílicos de toda a terra veriam a glória da salvação de Jesus.

3. Veja o exemplo do entendimento de Pedro (At 10.44-45)

É significativo que Lucas tenha observado a presença dos “que eram da circuncisão”, inclusive Pedro, porque costumeiramente essas pessoas pensavam que a bênção só viria sobre os judeus. Eles possuíam tendências judaizantes. Não é sem razão que Lucas registra que eles “se admiraram” do fato de Deus abençoar também os gentios. Portanto, nesse evento, Pedro teve uma manifestação bem inequívoca da bênção de Deus que viria aos gentios, quando o Espírito Santo desceu sobre eles, da mesma forma que ele havia vindo sobre os apóstolos em Jerusalém, pouco tempo antes. O evento com Cornélio nesse mesmo capítulo já era uma preparação para o entendimento do mistério.

4. Veja o exemplo do entendimento dos apóstolos (At 11.1,18)

Os apóstolos, Paulo e Barnabé (At 14.27; 21.19), testificaram da obra de Deus no meio dos gentios. Tiago menciona como Pedro já havia testificado do

trabalho de Deus entre os gentios, e usa um texto da Escritura (Am 9.11-12) como sendo a promessa do Antigo Testamento que estava sendo cumprida nos seus dias (At 15.16).

Portanto, todos os apóstolos receberam a notícia de que Deus estava agindo mediante a pregação da sua palavra, no meio dos gentios, e muitos deles, como os judeus, receberam o dom do arrependimento para a vida eterna. Havia entre os apóstolos e crentes em geral resistência à entrada dos gentios na igreja. Pedro, então, levantou a voz na assembleia geral da Igreja Cristã, e deu o seu testemunho de como Deus havia mudado o seu modo de pensar com respeito aos gentios, narrando o episódio do lençol, com referência a Cornélio e sua família. Não é, pois, de se estranhar que, ao ouvirem o relato apostólico, os de tendência judaizantes foram “apaziguados” e, como consequência, vieram a “glorificar a Deus”. Era o cumprimento das profecias do Antigo Testamento.

Portanto, tanto os profetas do Antigo Testamento, que falaram revelacionalmente, como os apóstolos do Novo Testamento, compreenderam e tornaram conhecidos da igreja os mistérios outrora escondidos no passado. Esses mistérios eram uma revelação de Deus que nunca antes havia sido anunciada de forma clara aos homens. Essa revelação fundamental era a de que, tanto gentios como judeus, seriam unidos a Cristo no seu corpo universal

(cf. vs.10,21).

D. Ambos Exerceram Poderes Miraculosos

Aqui está um ponto de grande atrito nos dias de hoje por causa da influência do “movimento de sinais e maravilhas”, recentemente surgido nos círculos evangélicos mundiais. Os defensores deste movimento têm tentado trazer de volta os eventos sobrenaturais que aconteceram em períodos especiais da história

da redenção, tornando-os normativos para a vida da igreja contemporânea. Por essa razão, é importante que estudemos este assunto com bastante critério, para que a igreja de hoje tenha olhos abertos para a realidade presente e, especialmente, para a revelação histórico-redentora de Deus no passado.

1. Profetas

Os profetas do Antigo Testamento realizaram alguns atos de natureza miraculosa. Moisés, que é um dos mais importantes profetas, foi o mais conhecido realizador de milagres no Antigo Testamento (Êx 7.3; 14.31; At 7.36-37). Há um sentido em que Moisés foi, praticamente, singular entre os profetas, não somente quanto ao fato de Deus falar-lhe “face a face”, mas também com - relação aos sinais e maravilhas por ele operados. Nenhum dos profetas - posteriores apresentou tantos atos poderosos como Moisés. O texto de Deuteronômio é bastante claro a respeito:

Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face, no tocante a todos os sinais e maravilhas, que, por mando do Senhor, fez na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus oficiais, e a toda a sua terra; e no tocante a todas as obras de sua poderosa mão, e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel.”(Dt 34.10-12)

Depois dele, temos somente algumas poucas notícias de que outros realizaram milagres, incluindo Elias[8] e Eliseu[9]. Parece-nos que somente Josué, que não é conhecido como profeta, faz parte da galeria dos operadores de milagres juntamente com os profetas acima citados (Js 10.10-14), sendo instrumento de um milagre extraordinário e único.

Do fato de que Moisés, alguns outros poucos profetas e Josué tenham realizado

alguns milagres, não deve deduzir-se que a igreja do Antigo Testamento, como um todo, era caracterizada por milagres. Nunca foi intenção de Deus que os crentes em geral do Antigo Testamento fossem portadores da capacidade de realizar poderes miraculosos. Esses poderes acompanharam apenas alguns homens de Deus quando havia uma necessidade absolutamente específica ou a necessidade da autenticação da veracidade de sua mensagem. Depois da autenticação da mensagem, já não mais houve a necessidade de manifestação miraculosa. Porque alguns profetas realizaram milagres, nunca deve ser dito que o povo do Antigo Testamento realizava milagres, ou que a igreja dessa época era poderosa pela realização de milagres. Além disso, houve longos períodos da história do período profético do Antigo Testamento em que essas manifestações miraculosas estiveram ausentes. A operação de milagres não era vital para a -existência da igreja. Apenas apareceram dentro dos propósitos históricos--especiais-redentores de Deus que, quando cumpridos, tornaram os sinais miraculosos desnecessários.

2. Apóstolos

Os apóstolos foram também realizadores de milagres, prodígios, sinais [10]. Há alguns textos que tratam especificamente dessa matéria:

Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. (At 2.43)

Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos. E costumavam todos reunir-se, de comum acordo, no pórtico de Salomão. (At 5.12) (ver vs.13-16)

A ênfase desses dois textos acima é que Deus fazia milagres pelas mãos dos apóstolos. Não eram simplesmente milagres de sua providência, como ainda

podem acontecer hoje, mas eram manifestações poderosas que possuíam um propósito claro e específico, como veremos adiante, onde os apóstolos tiveram uma participação especial e singular.

Pedro, individualmente, realizou algumas curas (At 9.32-42), e a finalidade delas foi autenticar a mensagem salvadora de Jesus Cristo. Embora as curas sejam manifestações miraculosas, elas não são exatamente a mesma coisa que milagres. Nas listas de dons espirituais, os “dons de cura” são distintos dos de “operações de milagres”.[11] Todavia, além das curas, Pedro também operou um milagre extraordinário, quando ressuscitou Dorcas — uma manifestação realmente portentosa! (At 9.40).

Paulo, individualmente, realizou muitos prodígios. É interessante notar que a mesma observação que se fazia a respeito de todos os apóstolos, por meio dos quais Deus agia, também é dito de Paulo. O registro bíblico de At 19.11 diz que “Deus fazia milagres (duna/meij) extraordinários pelas mãos de Paulo.”

A mensagem apostólica de Paulo e Barnabé tinha a finalidade de trazer os gentios à fé e, então, Deus os abençoava, autenticando e credenciando todo o seu trabalho no mundo pagão. Mas os judeus, de mentalidade estreita, não queriam crer que a graça tinha vindo sobre o mundo pagão. Então Paulo e Barnabé relataram, ante o espanto da multidão, o que Deus havia feito, por intermédio deles, no meio dos gentios.

E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios. (At 15.12)

Do fato de os apóstolos realizarem vários milagres, não pode ser deduzido que a igreja apostólica era caracterizada por sinais e prodígios. Ao contrário, a igreja

do período apostólico possuía muitos problemas de caráter teológico, ético-moral e organizacional. Aqueles que “transtornavam o mundo” (At 17.6) com suas realizações miraculosas eram os apóstolos e não a igreja como um todo.

Devido a uma interpretação errônea a respeito da natureza da igreja apostólica, há uma tendência vigente em alguns círculos de que hoje a igreja deva apresentar as mesmas coisas que os apóstolos fizeram, ou seja, sinais e milagres, simplesmente com base no texto que diz que “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre”. É verdade que Cristo é o mesmo, mas não há mais apóstolos a quem foi dada autoridade para realizar o que foi realizado, e nem tudo que Deus fez no passado por intermédio das mãos dos apóstolos ele continua a fazer hoje. Dizer que a igreja como um todo primitiva realizava sinais, prodígios e milagres é uma injustiça para com a verdade, pois estas coisas eram características somente dos apóstolos para cumprirem as finalidades propostas por Deus, ou seja: a) a apresentação de credencial do apostolado (2Co 12.11-12); b) a autenticação da mensagem apostólica (At 14.3; Hb 2.1-4); c) trazer os gentios à obediência (Rm 15.18-20).

Avaliação

Seria uma injustiça para com as Escrituras atribuir os poderes miraculosos que Paulo e outros apóstolos realizavam à igreja primitiva como um todo. Os únicos indivíduos que possuíram essa capacidade eram os chamados apóstolos, aqueles que haviam sido testemunhas de Cristo enquanto ele viveu sobre a terra. Paulo não pôde ser testemunha do ministério terreno de Cristo, mas ele alega com todas as suas forças que era um apóstolo verdadeiro, porque o Senhor o havia chamado para o apostolado e havia aparecido a ele (1Co 9.1 cf At 1.22-26). A igreja, como um todo, havia sido apenas beneficiária de algumas manifestações miraculosas, mas não capacitada para realizá-las.

Vivemos numa época carente de manifestações miraculosas para que se possa

crer numa mensagem confiável, em meio à confusão teológica em que o mundo evangélico se encontra. Tirando proveito dessa situação, há pessoas que, infelizmente, tentam implantar na mente do povo aquilo que o próprio Senhor Jesus condenou nos seus dias de vida terrena: “Se porventura não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum crereis” (Jo 4.48). Ao invés de se apegarem à - atitude condenada por Jesus, todas as pessoas carentes de manifestações miraculosas deveriam meditar sobre outra máxima de Jesus: “Bem-aventurados são os que não viram e creram” (Jo 20.29).

Não temos visto neste tempo presente uma hermenêutica sadia, pois a maioria dos tendentes ao carismatismo fala da possibilidade de retornarmos ao tempo da igreja primitiva para justificar o aparecimento de pretensos sinais miraculosos na igreja contemporânea. Essa tendência é devida ao uso errôneo das Santas Escrituras. Presumir que todos os dons e capacidades de executar obras miraculosas que foram dados aos apóstolos podem ser desfrutados pela igreja contemporânea, é um abuso contra as Escrituras e um sério erro hermenêutico. A injustiça está no fato de que a igreja neotestamentária não possuía essas capacidades. Elas haviam sido dadas exclusivamente aos apóstolos; a injustiça está também no fato de a Escritura não prometer os milagres e prodígios à igreja como um todo.

Alguns líderes cristãos usam o texto de Mc 16.17-18 [12] para justificar contemporaneidade dos milagres e prodígios. A promessa de “sinais” feita por Jesus Cristo em Mc 16.17-18 foi cumprida na vida dos apóstolos. A importância desse texto de Marcos está no fato de que ele não trata de milagres ou prodígios propriamente ditos, mas de alguns “sinais”. Necessariamente esta palavra grega não é a mesma coisa que “poderes” ou ”milagres” e “prodígios”, porque estes últimos aparecem com palavras e com significados diferentes. Sinal não é a mesma coisa que prodígios ou milagres (poderes). Estes “sinais” mencionados por Marcos possuíam características de caráter incomum que foram cumpridas no período apostólico, como o falar em línguas (acontecido no Pentecostes, At 2.4-11; 10.46; 19.6, e unicamente na Carta aos Coríntios no capítulo 14), expelir demônios (At 16.16-18), pegar em serpentes (At 28.1-6), curar enfermos com imposição das mãos (At 3.1-10; 5.15-16; 9.33-34). Apenas não há menção na Escritura de alguém que tenha bebido veneno sem morrer. Além disso, quando

Paulo lista os dons espirituais, ele faz distinção entre os dons de cura e o de operações de milagres (1Co 12.28).

Portanto, não há qualquer indicação de que a igreja contemporânea deva exibir dons miraculosos como foram apresentados pelos apóstolos, mas há muitas indicações na Escritura de que ela deva produzir o fruto do Espírito

(Gl 5.22-23), entrar firme e corajosamente no combate às hostes das trevas, como ordena Paulo (Ef 6.10-18), ter uma vida cheia do Espírito Santo (Ef 5.18; Cl 3.12-17), para que ela seja uma igreja sadia e perfeitamente madura quando Cristo voltar para buscá-la.

E. Ambos Completaram-se Mutuamente

Curiosamente, embora tenham nomes diferentes, esses dois ofícios, profetas do Antigo Testamento e apóstolos do Novo Testamento, se completaram em termos de serem os veículos da revelação e da proclamação direta da revelação, assim como do registro dela.

Os apóstolos fizeram nos tempos do Novo Testamento praticamente a mesma coisa que os profetas fizeram no Antigo Testamento. Os apóstolos fizeram vaticínios no mesmo estilo dos profetas do Antigo Testamento. João escreveu um livro que não difere em nada dos livros proféticos do Antigo Testamento com respeito ao seu caráter profético (Ap 22.10), incluindo o elemento preditivo. Como os profetas do Antigo Testamento, os apóstolos tiveram manifestações de êxtase, nas visões, como é o caso de Pedro e Paulo (At 10.10; 2Co 12.1-4; At 22.17-18), além de terem a revelação direta de Deus por meio de Cristo Jesus. Em tudo eles foram os substitutos dos profetas do Antigo Testamento.

Os apóstolos foram os instrumentos da recepção da mensagem divina; Deus lhes falou de modo similar, foram chamados (ou vocacionados) como os profetas do Antigo Testamento, depois de um determinado tempo de suas vidas religiosas. Os apóstolos foram portadores de dons miraculosos, e como os profetas do Antigo Testamento, vaticinaram sobre a era messiânica e sobre a era vindoura, sobre o juízo final e a bem-aventurança eterna.

O que os profetas clássicos foram para a igreja do Antigo Testamento, os apóstolos o foram para a do Novo Testamento. Ambos possuíram um papel estrutural para a vida da igreja. Portanto, posso dizer que os apóstolos do Novo Testamento foram sucessores dos profetas do Antigo Testamento, fazendo aqueles exatamente as coisas que estes faziam. Nisto se complementaram.

F. Ambos já Terminaram a sua Função

Os profetas e apóstolos, como existentes no Antigo Testamento e no Novo Testamento respectivamente, já não existem mais. Eles foram únicos em sua função. O que eles disseram a respeito de Deus e de sua obra de redenção foi o fundamento, e, quando o fundamento é lançado, só resta que o todo da igreja seja edificado sobre o que está lançado.

É temerário afirmar que hoje podemos ter apóstolos (a quem o Senhor aparecia e se revelava diretamente) e profetas (que recebam a revelação em visões e sonhos da parte de Deus). Deus não mais opera reveladoramente por meio dos homens.

Tudo o que os profetas e apóstolos fizeram está terminado. Já não há mais fundamento a ser lançado. Não há mais o ofício profético do Antigo Testamento nem o apostólico do Novo Testamento. O que Deus continua a fazer nos dias de hoje é iluminar os que são membros do seu povo para que entendam a revelação registrada na Escritura. Deus ainda opera sinais e milagres como nos tempos

bíblicos, como obra de sua providência, mas não mais pode ser dito que ele faz essas coisas “pelas mãos dos ministros, pastores e missionários da sua igreja hoje”, como foi dito em Atos que ele fazia os prodígios e sinais “pelas mãos dos apóstolos”. O ofício profético do Antigo Testamento e o ofício apostólico do Novo Testamento não existem mais, porque já acabou a sua função no plano da redenção histórica de Deus.

II. Diferenças entre os Profetas do Antigo Testamento e os Profetas das Igrejas Locais do Novo Testamento

Existe uma corrente teológica dentro da ortodoxia protestante que tenta igualar os profetas do Antigo Testamento aos profetas das igrejas locais do Novo Testamento.[13] Os defensores dessa corrente afirmam que os profetas do Novo Testamento receberam revelação divina da mesma forma como o fizeram os profetas do Antigo Testamento, sendo os primeiros continuadores destes últimos. Embora concordemos com essa corrente no sentido de que não há mais profetas que falem inspiradamente nos dias de hoje, contudo, não cremos que ela esteja expressando fielmente aquilo que está patente nas Sagradas Escrituras com respeito ao ministério profético. Embora não sejamos favoráveis ao que acontece modernamente em muitas igrejas locais, no que respeita à profecia, não podemos ignorar que ainda há lugar para o ministério profético.

Há que se fazer a devida diferença entre o ministério profético no Antigo Testamento e o ministério dos profetas das igrejas locais do Novo Testamento. Vejamos essas diferenças analisando primeiro os profetas do Antigo Testamento e, então, os profetas das igrejas locais: 1) Com relação à recepção da revelação divina; 2) Com relação à transmissão da revelação divina; 3) Com relação ao ofício.

A. Os Profetas do Antigo Testamento

Os profetas do Antigo Testamento possuíam características diferentes dos das igrejas locais do Novo Testamento. A primeira a ser notada tem a ver com o modo como eles recebiam a credencial divina para exercer o seu ministério; a segunda é que eles eram receptores da revelação divina; a terceira é que se tornaram transmissores dela; a quarta é que eles eram vocacionados por Deus.

1. Os Profetas do Antigo Testamento Exerciam o Ofício Profético

Classicamente falando, havia três ofícios no Antigo Testamento: sacerdote, rei e profeta. Todos eles exerciam um tipo de autoridade sobre o povo: o rei cuidava do poder civil, mas recebia a autoridade dos ofícios sacerdotais e proféticos. Os exemplos de Saul que é ungido por Samuel (1Sm 10.1) e de Jeú que é ungido por Elias (1Rs 19.16) mostram a autoridade que vinha por meio do exercício de outros ofícios; o sacerdote, embora pertencesse à linhagem levítica, exercia sua autoridade religiosa como representante do povo diante de Deus. Ele recebia a autoridade de Deus mediante o exercício do ofício profético. O exemplo típico é o de Arão, que recebeu a autoridade oficial do profeta Moisés (Êx 28.1,3-4,41); o profeta era chamado por Deus para o exercício de uma autoridade oficial, como porta-voz de Deus. Não há muitos exemplos, mas a sua autoridade divina, advinda da vocação divina, era passada publicamente a ele pelo ministério de outro profeta (1Rs 19.16). O profeta, portanto, exercia uma função oficial, devidamente credenciado por Deus, de maneira que o povo reconhecia a sua autoridade como homem de Deus.

2. Os Profetas do Antigo Testamento eram Receptores da Revelação

No tempo de Moisés já havia servos do Senhor que profetizavam no meio do povo de Israel (Nm 11.24-29), embora o profetismo clássico ainda não houvesse

começado. Esses profetas do tempo de Moisés já falavam da revelação divina recebida, movidos pelo Espírito Santo. Na verdade, antes deles, o próprio Abraão foi chamado de “profeta” na Escritura, pois o próprio Deus designou-o assim (Gn 20.7), revelando-lhe suas verdades.

Mas há um sentido em que Moisés, como um profeta de Deus (Dt 18.15), foi singular. Deus revelou-se a Moisés de um modo diferente ao que ele revelou-se aos profetas posteriores e a todos os outros profetas clássicos. Deus falava com Moisés tomando as mais variadas formas (a isto chamamos teofania). Era uma revelação direta de Deus. Contudo, por razões não explicadas, Deus resolveu mudar a forma de comunicar a sua revelação aos profetas, da forma de teofania para um modo diferente de revelação aos profetas. O livro de Números registra como foi essa mudança de forma de revelação de teofania para profecia.

A partir de Moisés, Deus altera o modo de revelação, passando a falar aos seus profetas em sonhos e em visões. Veja a mudança claramente estabelecida no texto abaixo:

Então, o Senhor desceu na coluna de nuvem e se pôs à porta da tenda; depois, chamou a Arão e a Miriã, e eles se apresentaram. Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor... (Nm 12.5-8)

Portanto, o Senhor deu-se a conhecer aos profetas, a partir de Moisés até o final do período profético, de duas formas: em sonhos e visões.

3. Os Profetas do Antigo Testamento eram Transmissores da

Revelação

A Escritura indica que Deus não somente dá a mensagem para o profeta de um modo sobrenatural, mas que também sobrenaturalmente providencia um meio para a entrega dessa mensagem ao povo, por meio do profeta.

A mensagem levada pelo profeta ao povo não é menos Palavra de Deus do que quando ela é trazida diretamente de Deus ao profeta, num sonho ou visão, ou numa teofania, como é o caso de Moisés ou Abraão.

O processo de transmissão da revelação por meio dos profetas foi um processo pelo qual Iavé colocou suas palavras na boca dos profetas, e os profetas falaram ao povo precisamente estas palavras, e não outras. (Jr 1.9 cf 5.14;

Is 51.16; 59.21; Nm 22.35; 23.5-12; Ez 2.6-7; 3.4,10). A ideia de colocar a "palavra na boca" dos profetas não significa que Deus haveria de ditar as palavras, mas indica a fidelidade com que o profeta deveria transmitir o recado de Deus. Deus ensina ao profeta o que ele deve falar (Êx 4.10-12,15; 7.1-7; Dt 18.18). A função de um profeta é ser "a boca de Deus", que fala não as suas próprias palavras, mas as de Deus.

Em contraste com o falso profeta, o profeta de Deus não fala das coisas do "seu próprio coração", mas tudo o que ele proclama é a pura palavra de Iavé. O que o profeta prega é aquilo que ele viu e ouviu por meio de sonhos e visões (Is 2.1; 13.1; 29.10-11; Am 1.1; Mq 1.1).[14]

O "Caráter Orgânico" da transmissão da mensagem profética

Devemos observar corretamente que deve haver uma alta fidelidade na transmissão da mensagem de Deus por parte do profeta, mas há um outro - aspecto que não pode ser esquecido: tudo aquilo que ele transmite ao povo e escreve inspiradamente reflete traços da sua personalidade. Ele não é meramente um “alto-falante”, apenas reproduzindo palavras que outro diz, mas ele é um agente de Deus, falando as palavras de Deus, deixando transparecer os vestígios da sua formação acadêmica, de sua formação social e, até, econômica, na transmissão de sua mensagem. Assim, a mensagem entregue por Isaías é “acomodada” à personalidade e à cultura dele, acontecendo do mesmo modo com todos os outros profetas. O profeta é o órgão mediante o qual Deus fala. O profeta transmite a mensagem impregnada com as suas próprias características sem, contudo, deixar de ser absolutamente fiel às palavras que ouviu e às coisas que viu nos sonhos e visões.

4. Os Profetas do Antigo Testamento eram Vocacionados por Deus

O profeta verdadeiro não era profeta necessariamente porque recebia os sonhos ou visões, ou por ter realizado milagres e feito predições, nem por ter tido as suas predições realizadas. Nem era ele profeta por escolha própria, mas porque recebia um chamado diretamente de Deus, mesmo que, por vezes, esse chamado fosse obedecido com muita relutância. Era a vocação divina que fazia do homem um verdadeiro profeta de Deus.

Moisés (Êx 4.10-13). Moisés relutou em ser o líder para tirar o povo do Egito. Deus disse que ele seria um profeta seu para falar a Faraó. Ele temeu por causa de seus problemas de elocução (Êx 4.10-15), mas quando Deus chama não há como recusar. O que constituiu Moisés um profeta não foi como Deus se lhe revelou, nem a sua capacidade de fazer milagres, mas sua vocação inconfundível acontecida nas montanhas do Sinai! Deus o vocacionou quando ele já era homem feito para ser profeta à nação egípcia.

Jeremias nasceu numa família sacerdotal. Era um homem acostumado com o culto divino em Israel. O texto diz que ele era "filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim" (Jr 1.1). Depois de ser um homem feito, o Senhor dirigiu-se a ele nos dias do rei Josias

(Jr 1.2), contando-lhe de seus planos eternos e chamando-o para o ofício profético: "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saísses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações" (Jr 1.5). Jeremias, a princípio, recusou esse chamado (Jr 1.6), mas o Senhor tornou eficaz o seu chamamento e prometeu eficácia no seu ministério profético (Jr 1.7-10). O que credenciava Jeremias como profeta era esse chamamento divino.

Amós (Am 7.14-15). Este já era um crente em Israel, que trabalhava na agricultura e na pecuária em sua terra. Ele não tinha qualquer intenção de ser profeta. Estava ocupado suficientemente em outros afazeres para não pensar no ofício profético, mas Deus chamou-o inconfundivelmente para ser profeta às nações, particularmente a Israel e Judá. O que faz de um homem um profeta é a vocação divina.

Ezequiel (Ez 2.6-7; 3.26-27). Ezequiel vivia num tempo de um povo extremamente rebelde, mas Deus encorajou-o a exercer a sua vocação profética sem temor. Chamado para ser um atalaia, Ezequiel foi um vocacionado de Deus, porque somente alguém chamado por Deus pode fazer o que ele fez. Todo verdadeiro profeta de Deus fala somente as palavras de Deus, mesmo que contra toda a oposição. O que fez de Ezequiel um profeta foi o chamamento divino.

Todos os que eram realmente chamados por Deus para serem profetas às nações eram reconhecidos pelo povo como "homens de Deus".

B. Os Profetas das Igrejas Locais do Novo Testamento

Há um grande contraste entre os profetas do Antigo Testamento e os profetas das igrejas locais do Novo Testamento. Diferentemente dos profetas do Antigo Testamento, os profetas das igrejas locais:

1. Eram Portadores do Dom Profético e não da Vocação e do Ofício Profético

Os profetas das igrejas locais do Novo Testamento não portavam o ofício, como nos tempos do Antigo Testamento. Eles não falavam com a mesma autoridade dos profetas da antiga dispensação, que exerciam o ofício profético e eram reconhecidos publicamente pela totalidade da igreja como homens de Deus que falavam inspiradamente. Eles não recebiam a revelação direta de Deus como os do Antigo Testamento.

Os profetas das igrejas locais deviam ser obedecidos pela igreja local quando eles transmitiam fielmente a Palavra, mas a sua autoridade não é a mesma dos profetas do Antigo Testamento, porque eles não portavam o ofício profético e não eram vocacionados por Deus. Se as suas mensagens não eram de acordo com o padrão previamente estabelecido pelos apóstolos ou pelos profetas do Antigo Testamento, que lançaram os fundamentos da igreja, eles podiam ter as suas mensagens julgadas (1Co 14.29) e até mesmo rejeitadas.

Havia somente dois ofícios nas igrejas locais do Novo Testamento: presbíteros e diáconos. Somente eles recebiam a ordenação pública que os autorizava a exercer o seu ofício. Os demais exerciam seus dons conforme o Senhor lhes concedia. Assim era com os que possuíam o dom profético. Eles não eram vocacionados como os profetas do Antigo Testamento, nem recebiam o ofício

para exercerem a sua função, como acontecia com os profetas do Antigo Testamento. Não havia nenhuma cerimônia especial que os autenticasse e os designasse profetas (como a unção com óleo), que os autorizasse publicamente a exercerem o ofício. Simplesmente, eles eram dotados pelo Espírito Santo para serem intérpretes da Palavra de Deus, e podiam ser julgados no exercício do seu ministério quanto ao conteúdo de sua mensagem, mas não falavam inspiradamente.

O apóstolo Paulo, quando trata de profecia no Novo Testamento, fala de um dom profético que é dado segundo a graça, como os demais dons (Rm 12.6). Diferentemente dos profetas do Antigo Testamento, que recebiam a vocação num determinado tempo de sua vida religiosa, os das igrejas locais do Novo Testamento recebiam o dom quando eram trazidos ao corpo de Cristo, e os desenvolviam à medida que um conjunto de circunstâncias lhes favorecia. Não se trata de vocacionados para o exercício de uma função no corpo de Cristo, mas sim de crentes dotados com dons para o benefício e auxílio do corpo.

2. Eram Intérpretes da Mensagem Revelada

Eles não eram receptores da revelação como os profetas do Antigo Testamento, mas intérpretes dela. Deus não falou aos profetas das igrejas locais de um modo revelador, como fez com os profetas do Antigo Testamento e com alguns pouquíssimos profetas do Novo Testamento (como é o caso de Ágabo), que ainda estavam no tempo da formação do cânon.

Os profetas das igrejas locais já possuíam a Palavra de Deus autorizada que lhes vinha por meio dos escritos do Antigo Testamento e da mensagem apostólica que ainda estava sendo oralmente transmitida, e, pouco a pouco, sendo registrada. A função dos profetas das igrejas locais do Novo Testamento era a de interpretar corretamente o que Deus já havia anteriormente revelado. - Certamente, isso exigia conhecimento da revelação passada, a fim de que

pudessem passar às igrejas locais a verdade de Deus.[15]

3. Eram Transmissores da Mensagem já Previamente Revelada

A principal tarefa de um profeta é ser um comunicador. A sua função absolutamente básica é passar para frente uma mensagem recebida. Existe profeta que não recebe a revelação direta de Deus, mas não existe profeta que não transmita a revelação divina.

Doravante, ao invés de falarmos de ofício profético, estaremos falando de dom profético, que são coisas diferentes. As listas de dons espirituais mencionadas no Novo Testamento mostram o dom profético. Elas não falam nada a respeito do conceito profético do Antigo Testamento. As pessoas indicadas em Efésios 4.11-16 revelam dons que trabalham eminentemente com a Palavra. A função deles é equipar a igreja para que ela exerça o seu ministério, a fim de que todo o corpo seja edificado. Um desses dons que trabalha com a Palavra é o dom da profecia. Portanto, o profeta é, por excelência, um mensageiro ou um transmissor de - alguma mensagem baseada na Palavra de Deus. A importância da palavra profética era tão grande, já nos tempos de Paulo, que quando um deles se levantava para falar, era dito que ele falava “reveladoramente” da parte de Deus e todos tinham que ouvi-lo. Contudo, essa “revelação” da qual Paulo fala, parece-nos que não continha o mesmo significado da autoridade reveladora que a palavra apostólica tinha (que era inquestionável), pois essa palavra profética poderia ser questionada e examinada para ver se era verdadeira. Por essa razão, Paulo fala que os profetas deveriam ser julgados pelos próprios profetas no meio da congregação (1Co 14.29-31).

Como alguém dotado da capacidade de falar publicamente, o profeta faz brilhar a palavra profética de tal forma que as pessoas se encantam com as verdades de Deus. Os profetas das igrejas locais do Novo Testamento, diferentemente dos do Antigo Testamento, não falavam oficialmente, mas apresentavam os seus dons

proféticos, interpretando e proclamando a verdade de Deus que já havia sido revelada anteriormente. Farnell diz sobre o ministério profético:

Visto que o profeta declarava alguma coisa que não era vinda de si mesmo, o sinônimo que vem mais próximo da função primária do profeta no grego é kh=ruc (do verbo keru/ssw)[16], porque o kh=ruc também declarava o que ele havia recebido de um outro." [17]

O kh=ruc é, portanto, "o proclamador", "o arauto", o que fala em nome da realeza ou da divindade. Ele é a boca ou o porta-voz de Deus, anunciando a vontade de Deus para o povo. O profeta, portanto, pode ser identificado com o "pregador", quando este fala a Palavra em nome de Deus, visando nortear o povo de Deus, dando-lhe as diretrizes, levando-o ou trazendo-o de volta ao caminho da retidão.

Nesse sentido de ser o porta-voz de Deus, ambos, os profetas do Antigo Testamento e das igrejas locais tinham a mesma função. Esse é um papel essencial do ministério profético.

A diferença básica entre ambos é que, enquanto o profeta do Antigo Testamento é um arauto que fala reveladora e inspiradamente, sendo sua mensagem inquestionável, o profeta da igreja local pode ter sua mensagem questionada, se ele não é um intérprete fiel da Palavra do Antigo Testamento e da revelação apostólica; mas a ideia de proclamação é a mesma em ambos os tipos proféticos. O profeta da igreja local não falava autorizadamente porque ele não recebia a revelação direta de Deus. Por essa razão, frequentemente, nas igrejas locais do Novo Testamento, eles tinham sua mensagem questionada ou averiguada quanto à sua fidelidade ou origem. Esse assunto discutiremos logo adiante.

III. Diferenças Entre os Apóstolos do Novo Testamento e os Profetas das

Igrejas Locais do Novo testamento

Qual é a diferença entre os profetas das igrejas locais e os apóstolos? Não há diferença alguma quando as mesmas pessoas são, ao mesmo tempo, apóstolos (exercendo o ofício apostólico) e profetas de igrejas locais. Paulo e Barnabé, por exemplo, eram ambos apóstolos (At 14.14) e, em algumas ocasiões, exerciam seus dons proféticos como profetas de igrejas locais (At 13.1). Eles exerciam tanto a autoridade apostólica, como eram os proclamadores das verdades divinas às igrejas locais, durante o tempo em que permaneciam nelas.

Contudo, há algumas diferenças básicas entre essas duas funções quando os apóstolos não são as mesmas pessoas que estão profetizando nas igrejas locais:

A. Diferença de Esfera de Ação

O apóstolo possuía uma esfera muito mais abrangente do que os profetas das igrejas locais. O ofício apostólico foi uma função destinada para a implantação da igreja universal, abrindo as fronteiras do mundo conhecido de então. Como resultado dessa obra de lançamento do fundamento e de abertura das fronteiras, o evangelho espalhou-se pelo mundo. Toda a igreja cristã deve essa obra aos apóstolos. Nunca ninguém teve uma função tão universal como eles.

Os profetas das igrejas locais tinham, obviamente, um trabalho localizado, e o escopo do seu trabalho era muito mais reduzido. Eles não possuíam qualquer ingerência sobre outras igrejas. A prova disso é que havia vários deles na mesma igreja local (1Co 14.29). Este verso indica que num culto público vários profetas poderiam estar presentes. Atos 13.1 mostra que havia vários numa só igreja local, entre os quais Paulo e Barnabé. Paulo e Barnabé possuíam ingerências em outras igrejas locais, não pelo fato de serem profetas, mas porque eram apóstolos.

B. Diferença de Chamamento

O apóstolo era chamado ou vocacionado para exercer a sua função num determinado tempo de sua vida cristã. Cristo chamou os seus apóstolos quando eles já eram parte da comunidade de Deus.

Os profetas das igrejas locais não eram chamados ou vocacionados, mas recebiam o dom de profecia no momento que eram levados ao corpo de Cristo. Eles começavam a exercer o dom profético à medida que um conjunto de circunstâncias lhes permitiam descobrir e aperfeiçoar o seu dom. O cristão recebe um dom espiritual quando entra para o corpo de Cristo. Algumas pessoas de uma igreja local, tão logo eram levadas ao corpo de Cristo, aprendiam das verdades de Deus por meio dos apóstolos, mestres, evangelistas, e, se eram dotadas com o dom profético, logo se inteiravam do conteúdo da Palavra de Deus e tornavam-se transmissores da mensagem de Deus ao povo. Nunca os profetas das igrejas locais do Novo Testamento foram especificamente vocacionados por Deus e ungidos para exercer um ofício profético. Simplesmente, agiam no corpo conforme o dom profético que Deus lhes havia dado.

C. Diferença de Função

Os apóstolos receberam a revelação de Deus diretamente em contato com Jesus Cristo. Essa era a condição para serem considerados apóstolos: tinham de ter acompanhado todo o ministério de Jesus Cristo e estado com ele. De Cristo, eles receberam o fundamento da fé e o lançaram para que a igreja estivesse repousada sobre ele.

Os profetas das igrejas locais, diferentemente dos profetas do Antigo Testamento, não recebiam revelação direta, mas eram os expositores das verdades de Deus que os apóstolos e profetas do Antigo Testamento já haviam recebido, a fim de que as igrejas locais fossem edificadas, exortadas e consoladas. Detalhes sobre a função dos profetas das igrejas locais do Novo Testamento estão na penúltima parte deste ensaio, que trata das Funções Básicas dos Profetas das Igrejas Locais do Novo Testamento.

IV. A Contemporaneidade dos Profetas das Igrejas Locais

A grande questão contemporânea é se o ministério profético hoje existe nos moldes do Antigo Testamento ou não. Tudo depende do que entendemos por profetas. Se por profeta entendemos alguém que traz uma palavra inspirada direta de Deus, uma revelação que vem por intermédio de teofanias ou sonhos e visões, eles não existem mais. Se por profetas entendemos aquele que faz predições sobre a vida das pessoas, cremos que eles já não existem, pois isso implica numa revelação direta de Deus. Afinal de contas, esse tipo de comportamento não existiu nem nos tempos do Antigo Testamento. Além disso, cremos que Deus já não se revela mais como fez em tempos passados.

Por causa daqueles que querem reviver o ofício profético dentro da igreja contemporânea, do outro lado há aqueles que reagem erroneamente negando terminantemente o ministério profético, baseando sua tese em 1Co 13.8-10. O grande problema da igreja contemporânea é tomar posições extremas reacionárias, esquecendo-se dos dados fornecidos pela própria Escritura. Os que são contra os que querem reviver o profetismo do Antigo Testamento na igreja contemporânea dizem que as profecias cessaram quando o que “é perfeito” (Cânon) veio. Quando o processo do registro da revelação cessou, dizem eles, cessaram também línguas e ciência. Na verdade, a exegese que eles fazem tem o objetivo de eliminar também o fenômeno de línguas, outra questão tão discutida na vida presente da igreja. A negação da existência presente do ministério profético tende a causar um prejuízo enorme para a igreja de Jesus Cristo. Na tentativa de eliminar o exercício de um dom (com o propósito de combater os

exageros na corrente oposta), acabam eliminando outros dons, privando, assim, a igreja daquilo que é muito importante para ela, ou seja, o ministério profético.

A fim de tratarmos da contemporaneidade da profecia, vejamos algumas coisas a respeito da necessidade dela em três grandes épocas da igreja de Deus.

A. A Necessidade da Profecia

Nunca houve um tempo na vida da igreja em que a manifestação do dom profético fosse tão necessária. Em todas as épocas em que faltaram os profetas de Deus, o povo ficou sem norte, porque o profeta é aquele que indica ao povo de Deus o caminho que ele deve seguir.

1. A Necessidade da Profecia no Antigo Testamento

Desde os tempos antigos, com a chamada de Abraão, que foi denominado “profeta”, o povo teve uma orientação da parte de Deus para caminhar. Os profetas daquele tempo anunciavam o que Deus haveria de fazer e o comportamento que Deus queria do seu povo. Essas coisas foram primeiramente anunciadas verbalmente pelos profetas e, posteriormente, registradas por eles. O ministério dos profetas acompanhou todo o período dos reis, até a volta do cativeiro da Babilônia.

Invariavelmente, os profetas falaram do que Deus havia feito e davam as razões de Deus. Eles não eram basicamente prognosticadores, mas simplesmente eram capacitados para falar publicamente a verdade de Deus.

Dos ministérios havidos no Antigo Testamento, certamente o de profeta foi o mais importante de todos, porque eram os porta-vozes de Deus. Seu ministério teve a primazia porque ele era vital para a vida da igreja do Antigo Testamento. Sem o anúncio da parte de Deus não haveria vida para o povo. A mensagem profética comunicava a vontade de Deus ao povo. A maior parte dos escritos do Antigo Testamento é composta do registro da proclamação de profecias. No caso do Antigo Testamento, os profetas falavam autorizadamente a mensagem que o povo precisava ouvir. Por isso, Pedro disse que “homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21).

Houve um tempo, contudo, após o cativeiro, em que o povo ficou sem o espírito de profecia. Nesse tempo, o povo sofreu enormemente, sem saber que rumo tomar. Por cerca de 450 anos, no período chamado intertestamentário, o povo ficou desprovido desse ministério. Foi o tempo de desnorteamento, tempo de aridez e sequidão do povo. O ministério profético foi absolutamente necessário no período do Antigo Testamento para que o povo soubesse o caminho de Deus.

2. Necessidade de Profecia no Novo Testamento

A necessidade do ministério profético não é diferente nos tempos do Novo Testamento. Alguns profetas com características dos profetas do Antigo Testamento ainda estavam presentes no começo do período do Novo Testamento. João Batista é o profeta de ligação entre os dois períodos. Ele profetizou sobre a vinda do Redentor e do Pentecostes, mas sempre anunciando da parte de Deus a manifestação do seu reino. Ele saía pelas ruas e pelos lugares ermos como um proclamador da vontade de Deus, pregando uma mensagem redentora, anunciando o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e uma mensagem ética, instando o povo ao arrependimento dos seus pecados.

Vários profetas apareceram falando da parte de Deus, embora mais anonimamente do que no Antigo Testamento, porque a ênfase não era mais

revelacional, embora alguns falassem desse modo, como é o caso de Ágabo (At 11.28 quando predisse a fome que haveria de vir nos tempos de Cláudio, e At 21.10-11, quando predisse que Paulo haveria de ser preso).

Contudo, a necessidade do dom profético foi externada claramente por Paulo. Escrevendo aos coríntios, Paulo diz para eles buscarem a manifestação dos dons mais importantes e vitais para a vida da igreja, ele diz: “Segui o amor, e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis” (1Co 14.1).

Todos os dons eram importantes, como cada membro num corpo tem a sua importância, mas há membros que têm uma importância maior que outros, como os chamados membros mais nobres, os que usamos mais frequentemente em nossa vida diária. Por essa razão, Paulo ordena que a procura zelosa da manifestação dos dons mais importantes seja a tônica dominante na vida da igreja.

O dom de profecia era absolutamente importante para a vida da igreja neotestamentária. Por essa razão, Paulo dá uma ênfase muito grande a ele. Sem ele, a igreja haveria de padecer, pois os profetas eram a vida da igreja, as molas mestras que empurravam a igreja para frente, fazendo com que ela seguisse os caminhos indicados pelo Senhor.

Curiosamente, o dom de profecia é o único dom que aparece nas quatro listas de dons mencionadas na Escritura (Rm 12; 1Co 12,14 e Ef 4), devido à sua importância para a igreja neotestamentária.

3. Necessidade de Profecia no Tempo Presente

Mais do que nunca, num tempo onde existe tanta vacilação teológica, necessitamos do exercício do dom profético, apontando para os homens a vontade de Deus. É curioso notar que a igreja de Deus hoje necessita muito dos profetas para indicarem ao povo o caminho certo a seguir. Nesse sentido, os profetas têm uma função ética muito importante, dando o norte moral-espiritual para o povo de Deus.

Deus ainda não dispensou os profetas. Ele ainda os usa para darem o rumo certo ao seu povo no meio desta geração pervertida e corrupta, na qual os cristãos têm que resplandecer como luzeiros no mundo.

A necessidade das igrejas locais de profetas no tempo presente vai ficar clara à medida que estudarmos os capítulos seguintes.

B. Funções Básicas dos Profetas nas Igrejas Locais do Novo Testamento

Os profetas das igrejas locais, curiosamente, ao exercer suas funções, atingem duas classes de pessoas: os crentes e os incrédulos. Embora a profecia não seja para os incrédulos, mas sim para os crentes, como Paulo esclarece em 1Coríntios 14.22, ninguém pode evitar que incrédulos venham a um culto público, onde os crentes estejam reunidos. Portanto, Paulo não se contradiz na sua afirmativa de que ela é para os crentes. Se, contudo, primariamente, ela é endereçada aos crentes, secundariamente, a profecia alcança também os incrédulos.

1. Funções com Relação aos Crentes

O que Paulo está dizendo aos crentes de Corinto é: “Quando vocês ficam falando em línguas, ninguém tem proveito algum. Por isso eu quero que os profetas se manifestem, porque quando eles falam a mensagem de Deus há um resultado enorme na vida da comunidade. Quando os profetas falam, os crentes recebem edificação, exortação e consolação” (ver 1Co 14.1-3).

Paulo diz claramente em 1Coríntios 14.3 quais são as funções básicas dos profetas das igrejas locais com relação aos crentes.

a. A Função do Profeta da Igreja Local é Edificar

No capítulo anterior (1Co 13), Paulo enfatizou a importância do amor como o dom supremo que deve permear e regular o exercício de todos os outros dons. Sem o amor todas as manifestações dos outros dons são vãs. Em 1Coríntios 14.1, Paulo usa o verbo “procurai” no sentido de buscar ardentemente os dons espirituais que mais trouxessem edificação. Assim como o amor (o dom maior) deve permear todos os outros dons, a edificação é a tônica para o resultado final de todos eles.

No entender de Paulo, o dom de profecia (em contraste com línguas não interpretadas) é o mais recomendado para haver edificação no culto público. É inequívoco que a ideia de edificação em 1Coríntios 14 está vinculada com a noção de entendimento. Perceba quantas vezes a ideia de “edificação” aparece (1Co 14. 3-5,12, 17) e sempre Paulo adverte da necessidade de a palavra ser proferida no vernáculo, visando o entendimento das pessoas presentes no culto público (1Co 14.6,9,11,19). Paulo tem em vista a ideia de um edifício (que é uma de suas figuras para igreja), e ele quer que a igreja seja devidamente edificada.

A profecia sempre foi dita no vernáculo. Não existia profecia numa língua

desconhecida. Ela era trazida duma forma perfeitamente inteligível. Todos os dons da comunicação têm que ser usados no vernáculo. Se não houvesse o entendimento daquilo que era dito no culto público, a igreja não poderia ser edificada.

O texto de 1Coríntios 14.4 diz que a função do profeta é edificar a igreja como uma totalidade, como corpo, em contraste com a edificação individual daquele que fala em língua. Sobre esse assunto uma palavra merece ser dita. Tem havido uma ênfase na edificação individual daquele que fala em línguas, como produto de uma interpretação distorcida, que reflete uma hermenêutica errônea, que deve ser eliminada de nosso meio. Na verdade, não existe o propósito de edificação pessoal no exercício de um dom. O propósito de Paulo ao enfatizar profecia é a edificação do corpo, e não da própria pessoa. O ensino geral da Escritura sobre os dons espirituais é que nunca ninguém deve usar o dom para benefício próprio, pois esse não é o desígnio de um dom (ver 1Pe 4.10; 1Co 12.25-27). Um dom sempre foi dado para o benefício do corpo e nunca para benefício próprio, ou mesmo para ministrar a Deus. Na verdade, nunca um dom é usado para ministrar a Deus, mas aos homens. Um dom é dado para executar um propósito de Deus na vida do povo, mas nunca foi designado para ministrar a Deus.[18]

Portanto, o profeta, ao usar o vernáculo para transmitir a palavra de Deus, leva a igreja a um entendimento crescente. Isso é edificação!

Todos os dons relacionados com a comunicação têm que ser exercidos no vernáculo, visando à edificação. Por essa razão, Paulo enfatiza o dom da profecia, porque quer que a igreja seja como a construção de uma casa que cresce cada vez mais. Talvez por isso ele use a expressão “edificação”, que literalmente significa “fazer casa”, “construir”. Figurativamente, contudo, essa expressão se refere ao processo de maturação da igreja, o que se dá quando a igreja cresce, não somente quantitativa, mas, sobretudo, qualitativamente.

A função do profeta é edificar, e essa função tem sido durante os séculos aquilo

para que ela foi designada. Conforme o ensino apostólico, os crentes de todas as épocas, que formam a família de Deus, são “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas... o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito” (Ef 2.20-22). Pedro, o apóstolo e profeta, diz que os crentes “são como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual, sendo edificados para serdes sacerdócio santo” (1Pe 2.5).

A função do profeta, e de todos os que possuem os dons relacionados com a fala, é a de edificar com a palavra baseada no fundamento dos apóstolos e dos profetas do Antigo Testamento.

b. A Função do Profeta da Igreja Local é Exortar

A palavra grega usada para exortação em 1Co 14.3 é para/klhsin, do verbo grego parakale)w, que por sua vez, tem a mesma raiz do para/kletoj, um dos nomes do Espírito Santo, que significa o “Consolador”.

A palavra “exortação” tem algumas nuances em nossa língua. Tem a conotação de admoestar, encorajar e fortalecer. Nestas tarefas, a função do profeta é parecida com a de pastor.

1. Uma das funções da exortação é chamar a atenção (admoestar) do povo quando este sai dos caminhos prescritos por Deus. A finalidade de uma exortação é repreender o povo por causa dos seus pecados com o intuito de trazê-lo de volta aos caminhos do Senhor. Em nome de Deus o profeta repreende o povo, chamando-o ao arrependimento. O profeta usa a Palavra como instrumento para exercer essa função dentro do corpo (2Tm 3.16-17).

2. A outra característica da exortação é encorajar o povo no meio da tribulação. É tendência do povo retroceder no meio da luta, mas o profeta anima o povo a andar para frente, não para trás. Parece-me que a ideia de “encorajar” está patente no texto de At 15.31-32, quando Silas e Judas, que eram profetas de igreja local, ministraram a palavra apostólica, que estava contida na Carta enviada pelos apóstolos de Jerusalém. Então, diz o verso 32, foram confirmados (fortalecidos).

A mesma ideia está clara em At 14.21-22

E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus.

3. Outra característica da exortação é fortalecer aqueles que estão fracos. Barnabé, que era um profeta de Deus, juntamente com Paulo, estava na Antioquia da Síria. Certamente eles haveriam de enfrentar muitas tribulações e ficar desanimados. A missão do profeta Barnabé era fortalecer os irmãos, - encorajando-os a permanecer firmes na fé. Aliás, o trabalho profético de - Barnabé combinava com o significado do seu próprio nome, que era “filho da exortação” (At 4.36). Barnabé foi enviado diretamente de Jerusalém para - socorrer os irmãos de Antioquia.

A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia. Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem firmes no Senhor. (At 11.22-23)

Aqui também a palavra grega usada tem a mesma raiz do Consolador. Barnabé,

o filho da exortação, aqui também exercia perfeitamente a sua função profética, como é próprio de todos os profetas das igrejas locais, fortalecendo o povo de Deus.

c. A Função do Profeta da Igreja Local é Consolar

A palavra grega usada em 1Co 14.3 para “consolar” é paramuqi//an, que dá a ideia de conforto. Esta é a única vez que esta palavra aparece no Novo Testamento, e traz unicamente a noção de conforto e consolação. Certamente, o povo de Deus tem muitas tristezas e sofrimento. Por intermédio da Palavra de Deus, o profeta traz conforto e consolação aos que sofrem e estão entristecidos.

Pelo visto, os muitos chamados “profetas” de igrejas locais contemporâneas não estão de acordo com as funções estabelecidas por Paulo, pois o que eles fazem é somente tentar adivinhar a vida pessoal e o futuro dos crentes, provocando nas pessoas um encantamento do qual é difícil demovê-las. Ao invés de fazerem o que está prescrito na Escritura, os chamados “profetas” tentam tornar as pessoas dependentes do seu ministério. O resultado é que muitos da igreja procuram esse tipo de profecia para a vida deles, ao invés de buscarem a orientação na própria Palavra de Deus, como está registrada nas Santas Escrituras. Todavia, essas ideias pregadas pelos profetas modernos não estão no pensamento de Paulo. A preocupação do apóstolo é que os profetas das igrejas locais edifiquem, exortem e consolem o povo de Deus, como transmissores das verdades de Deus que são. (1Co 14.3)

Por todas essas razões, a ministração profética é absolutamente necessária no meio dos filhos de Deus.

2. Funções com Relação aos Incrédulos

Os profetas das igrejas locais não possuíam somente a função de edificar, exortar e consolar os crentes. Ela era primordialmente para os crentes (1Co 14.22b). Todavia, o mesmo Paulo nos ensina que os profetas das igrejas locais do Novo Testamento também dirigiam-se aos incrédulos, porque no meio das reuniões públicas da igreja sempre apareciam aqueles que não eram crentes, a quem Paulo chama de “incrédulos” e “indoutos” (1Co 14.23). Portanto, os profetas das igrejas locais também possuíam funções importantes com relação aos incrédulos. Paulo deixa esse assunto muito claro no mesmo contexto que estudamos no ponto anterior. Ei-lo instruindo:

Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós. (1Co 14.24-25)

Vejamos a análise desses versos para descobrir quais são as funções da profecia proferida pelos profetas das igrejas locais:

a. A Profecia tem a Função de Convencer e Julgar

“Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo... é ele por todos convencido e por todos julgado...” (1Co 14.24).

É importante ter-se em mente que Paulo tem em vista um culto público, no qual hipoteticamente todos profetizem. A função da profecia é julgar e convencer. Paulo empresta estes dois verbos, convencer e julgar, do sistema judicial.[19]

Os indoutos ou incrédulos que vêm ao lugar de adoração são convencidos e julgados pela Palavra de Deus, não por simples palavras humanas. É o Espírito Santo quem aplica as Santas Escrituras aos corações daqueles que as ouvem.

A função do profeta é expor a verdade de Deus de tal forma que as realidades espirituais se tornem visíveis ao incrédulo. Pela mensagem do profeta, aplicada pelo Espírito Santo, o incrédulo deixa a sua incredulidade, tornando-se um crente convencido de seus pecados.

Jesus diz que a capacidade de julgar e convencer os homens é atribuição da palavra profética, por meio do Espírito Santo, que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8).

Paulo também diz que os homens espirituais, isto é, aqueles que são maduros (em contraste com os carnais ou crianças na palavra), têm a capacidade de julgar os homens à luz das Escrituras (1 Co 2.15).

Todos os que possuem o dom da profecia, e que conhecem as grandes verdades da Escritura, sabem aplicá-las às vidas dos que entram no lugar de culto, com o propósito de levá-los ao arrependimento de seus pecados.

É necessário lembrar que uma das funções proféticas é trazer uma mensagem ética, levando os homens ao verdadeiro caminho de Deus, instando-os a abandonarem os seus maus caminhos.

b. A Profecia Torna Manifestos os Segredos dos Homens

“tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração” (1Co 14.25a)

Quando a palavra profética é proclamada, Deus descobre os segredos dos homens. Ele põe a lume os seus pecados e os segredos do seu coração se tornam evidentes.

Há dois textos em que Deus fala a respeito dos segredos dos homens serem manifestos.

O primeiro deles tem a ver com a vinda do Senhor Jesus, quando todas as coisas ocultas virão à tona, e os segredos dos homens serão conhecidos de todos:

Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus. (1Co 4.5)

O segundo texto, contudo, tem a ver com a pregação cotidiana da Palavra. Mas antes que o dia do Senhor venha, a sua Palavra continua sendo pregada. Não temos que esperar até que o Senhor volte para ver os desígnios dos homens revelados. É função da palavra profética trazer à luz os desígnios maus dos homens.

E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha. Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz. (Ef 5.11-13)

A luz referida no texto é a verdade de Deus. Quando a Palavra da verdade é exposta de maneira fiel, ela traz a lume os segredos escondidos dos próprios incrédulos e as coisas escondidas das outras pessoas. Deus sempre trabalha por meio da pregação da palavra para trazer à tona os pecados das pessoas. Essa é a razão pela qual muitas vezes os incrédulos perguntam aos profetas de Deus, depois da pregação: “Quem contou para você a minha vida? Como você veio a saber das coisas que eu faço e quem eu sou?”

A Escritura é o instrumento usado por Deus para discernir o coração dos homens, pois a Palavra de Deus pode penetrar onde nada mais pode fazê-lo. O escritor aos Hebreus diz que

a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12).

Quando um profeta usa a Escritura de maneira própria, ela é a única ferramenta apta para descobrir os segredos mais interiores dos homens. Ela funciona eficazmente na vida das pessoas. Não há outro recurso que um profeta possa usar para falar ao interior das pessoas. A Escritura é singular nessa tarefa de penetrar os corações dos homens. Por essa razão é que podemos entender que Paulo está dizendo aos coríntios que o incrédulo, quando ouve a palavra de Deus, tem os segredos do seu coração revelados.

Essa frase de Paulo em 1Co 14.25 não diz nada a respeito dos profetas modernos que ficam adivinhando as doenças e os problemas das pessoas que estão presentes na hora do culto. A atitude de alguns profetas modernos pode ser de adivinhação, de manipulação mental e, até, de hipnose de um público afoito e carente de manifestações espetaculares para poderem crer, mas a atitude deles está em desarmonia com o ensino de Paulo.

c. A Profecia Leva o Incrédulo a Humilhar-se Diante de Deus

“e assim, prostrando-se com a face em terra...” (1Co 14.25b).

Aqui está a consequência imediata ao convencimento dos pecados e à colocação dos segredos interiores à mostra. Neste ponto, há a pintura do quadro daquele que está sendo completamente iluminado pelo Espírito. Agora, ele se submete ao Senhor dos céus, reconhecendo as suas misérias, pondo-se de joelhos, confesso, perante o Senhor.

A atitude de prostrar-se em terra é de alguém que é reconhecida e confessadamente pecador. É o reconhecimento do pequeno diante do Grande, da criatura diante do Criador, do imundo perante o Santo. Quando o pecador se humilha perante o Senhor, ajoelhando-se diante dele, ele está rejeitando os - outros deuses a quem outrora adorava. A partir de agora, somente o Senhor Deus recebe a sua reverência e humilde adoração.

Este gesto já é o início do passo que o leva a adorar a Deus incondicionalmente.

d. A Profecia Leva o “Incrédulo” a Adorar a Deus

“... e adorará a Deus” (1Co 14.25c)

A prostração diante do Senhor é apenas o começo da adoração. O que Paulo tem em mente é que, quando o incrédulo é convencido de seus pecados, não somente

ele se humilha perante o Senhor, mas certamente participará do culto a Deus em tudo o que for feito no lugar de adoração. Aquele que veio para zombar dos adoradores sai transformado em adorador quando a palavra profética é ministrada e aplicada pela Graça.

Então, pela palavra profética, o outrora incrédulo passa a cantar louvores a Deus e a participar ativamente do todo o processo cúltico da igreja cristã.

e. A Profecia Produz o Testemunho da Presença de Deus

“testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós”

(1Co 14.25d).

Este é o resultado final daquilo que Deus faz por meio da palavra profética. Então, como novo cristão que é, o recém-convertido passa a dar o maior testemunho que um outrora incrédulo pode dar.

Antes, o incrédulo jamais diria coisa como essa. Um pecador impenitente jamais reconheceria tão grande verdade. Somente após o convencimento de pecado, após a fé na Palavra pregada, e somente após a mudança de coração pelo Espírito, é que ele passa a dar testemunho de que está realmente no meio do seu povo.

Quando a palavra profética é fielmente pregada e o Espírito de Deus age, é palpável e sensível a presença do Senhor. Até o recém-convertido pode perceber

inquestionavelmente essa doce presença.

Estes versos mostram a importância moderna da palavra profética. Este é o instrumento que Deus ainda usa para levar os homens ao arrependimento de seus pecados. É essa palavra que convence os homens dos seus maus caminhos, trazendo-os de volta a Cristo. Quando as Escrituras são pregadas fielmente, aqueles que Deus traz para si certamente haverão de testemunhar que Deus, “de fato, está no meio de vós”.

V. Instrumento Usado Pelos Profetas das Igrejas Locais

Se a função profética era edificar, exortar, consolar os crentes e discernir o coração dos incrédulos, como eles faziam isso? Qual era o instrumento que eles usavam?

Certamente, o único recurso que eles tinham era a Palavra autorizada de Deus. Pelo menos é isto o que a própria Escritura diz:

— Quando um profeta quer consolar alguém que está em tristeza, que ferramenta usa? Certamente é a Palavra de Deus. A única coisa que consola em hora de angústia é a Palavra. Davi disse: “O que me consola na minha angústia é isto: que a tua Palavra me vivifica” (Sl 119.50). Assim, o profeta deve usar a lei do Senhor, que é perfeita, para restaurar a alma dos abatidos.

— Quando um profeta quer encorajar alguém que está desanimado, qual é o recurso usado? O pensamento positivo? Não. Ele toma a Palavra de Deus e diz: “Tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor” (Sl 27.14).

— Quando um profeta quer exortar alguém a andar nos caminhos do Senhor, o que faz? Usa seus próprios insights? Não. Ele toma a Escritura e diz: “Toda Escritura é útil para o ensino, para a correção, para educação na justiça...” (2Tm 3.16).

— Quando um profeta quer discernir o coração dos incrédulos, levando-os ao arrependimento e à adoração a Deus, o que ele faz? Usa os seus métodos de persuasão? Não. Ele confia que o Espírito de Deus vai fazer isso somente por meio da Escritura, “porque a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes,... apta para discernir os pensamentos e os propósitos do coração” (Hb 4.12).

Portanto, toda a Palavra Profética dos Profetas das Igrejas Locais deve ser Baseada nas Escrituras, conforme veremos nos exemplos abaixo.

Há alguns exemplos que indicam que a mensagem dos profetas das igrejas locais deve estar centrada única e totalmente na revelação divina previamente outorgada aos profetas do Antigo Testamento e aos apóstolos do Novo Testamento, ao seu povo. Essa revelação está registrada nas Santas Escrituras.

Exemplo A

Instruindo sobre os dons espirituais que nos são dados segundo a graça, Paulo, na Carta aos Romanos, expressa-se desta forma:

Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os

membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé (a)nalogi\an th=j pi/stewj). (Rm 12.4-6)

É muito significativa a formação da frase final feita por Paulo. Tratando do dom de profecia, ele fala que ele deve ser exercido “segundo a proporção da fé”. Estas palavras podem ser entendidas de dois ângulos muito diferentes. A expressão grega que Paulo usa aqui (a)nalogi\an th=j pi/stewj) tem sido interpretada de duas maneiras pelos estudiosos da Bíblia.

Vejamos o sentido das duas expressões:

1. A Palavra Grega Usada para “fé” é pi\stewj

Alguns estudiosos entendem que se trata da fé pessoal em Cristo, pois o texto usa a palavra “fé” em conexão com a palavra graça e a conectam com o v. 3, aonde a palavra “fé” (pi\stewj) vem junto com a palavra “medida” (me/tron). Contudo, esse significado pode ser objetado, porque o exercício de um dom não tem relação com a fé pessoal. O exercício dele é de acordo com a medida do dom que Deus dá. A palavra “fé” nesse contexto não pode ser entendida como fé salvadora, nem como firmeza ou fraqueza de fé.

Outros, entretanto, entendem que a palavra “fé” deve ser entendida como “o conjunto de verdades reveladas” que vieram a ser registradas nas Escrituras. Há algumas razões para se dar suporte a essa ideia. A palavra “fé” tem sido usada muitas vezes na Escritura com esse sentido, por vários escritores sacros:

Lucas - At 13.7-8; At 24.24-25; João - Ap 2.13; Judas - vs. 3,20; Paulo - Rm 10.8; 2Co 13.3-5; Ef 4.5; Ef 4.13; Fp 1.27; Cl 1.22-23; Cl 2.6-7; 1Tm 1.2; 1Tm 1.18-20; 1Tm 4.1; 1Tm 6.10-12,20-21; 2Tm 2.18; 2Tm 3.8; 2Tm 4.7; Tt 1.4,11-14;

Portanto, quando Paulo fala do dom da profecia que deve ser exercido “segundo a proporção da fé”, ele está dizendo a respeito do conteúdo da fé, e não da fé pessoal ou da capacidade de se crer em Cristo.

Teologicamente falando, podemos dizer que essa fé da qual Paulo escreve é a fides quae creditur, isto é, a fé que é crida, ou seja, o conteúdo ou o conjunto daquilo em que cremos, e não a fides qua creditur, ou seja, a fé pela qual cremos, a fé que o crente recebe para crer na revelação de Deus. Paulo está falando aqui da fé objetivamente considerada, não subjetivamente considerada. Paulo está falando do conteúdo do conjunto das verdades reveladas, não da capacidade de crermos em Jesus ou na revelação da verdade revelada.

Nesse contexto, portanto, a “fé” tem a ver com o que é crido, não com a capacidade de crer.

2. A Palavra Grega Usada para “proporção” é a)nalogi\a

Esta última posição sustentada acima é apoiada também em razão da palavra grega usada por Paulo, que é traduzida como “proporção” em nossas versões, e que, segundo a primeira opinião, dá a ideia de quantidade de fé pessoal. Contudo, veremos que a palavra grega usada pode denotar uma outra ideia.

Há um princípio teológico muito usado, especialmente dentro da Fé Reformada,

chamado “analogia fidei” (analogia da fé), que trata da interpretação das coisas que não são claras nas Escrituras à luz de passagens e textos mais claros. Faz-se isso comparando Escritura com Escritura. Por essa razão, esse princípio é também chamado de analogia Scripturae.[20] Os textos devem ser comparados devidamente, para que haja harmonia da interpretação das Escrituras.

A palavra grega a)nalogi\a (que pode ter o sentido de “proporção”) também pode ser traduzida com a ideia de comparar duas coisas. No caso aqui, Paulo estaria dizendo que a profecia deve estar em harmonia com o evangelho ou com o conjunto das verdades reveladas. Portanto, segundo esse entendimento, os profetas das igrejas locais devem exercer o seu dom profético de acordo com a comparação das verdades reveladas, ou seja, ele deve pronunciar a sua mensagem em consonância com o conjunto da revelação divina, como registrada nas Escrituras. Nunca a sua fala profética deve ter outro ponto de referência que não seja a observância comparativa de toda a Escritura. Quando isto é feito, as Escrituras mostram a sua unidade. O profeta de Deus tem que passar as verdades de Deus de acordo com a explicação que a própria Escritura dá de si mesma. Isto é a pregação profética “segundo a analogia da fé”.

Exemplo B

O texto abaixo vai mostrar o conteúdo da mensagem profética de Paulo e Barnabé, que usavam a Palavra de Deus como instrumento de sua palavra profética.

Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo. (At 13.1)

Deve ser observado, primeiro, que havia uma igreja local em Antioquia que

possuía vários mestres e profetas. Juntamente com outros três, Paulo e Barnabé trabalharam temporariamente como profetas nessa igreja local. Depois de um determinado tempo, o Espírito Santo ordenou que esses dois fossem tirados de Antioquia e levados para outras cidades. Deus os havia designado para um trabalho profético em outras igrejas locais (At 13.2).

O texto diz em seguida que os profetas Paulo e Barnabé foram “enviados pelo Espírito Santo” (v. 4), e mostra a finalidade dos profetas enviados para as igrejas locais: “Chegados a Salamina, anunciavam a Palavra de Deus” (v. 5).

O argumento de que eles estavam exercendo a palavra profética está patente do encontro que eles tiveram com um falso profeta, mágico, chamado Barjesus (v.6). O procônsul romano, Sérgio Paulo, que estava em companhia de Barjesus, era um homem inteligente (v. 7). Por graça divina, ele estava procurando alguém que lhe trouxesse a palavra profética verdadeira. Por essa razão, é dito que Sérgio Paulo “diligenciava para ouvir a Palavra de Deus” (v.7b). Quando o procônsul inclinou-se para a palavra profética de Paulo e Barnabé, o falso profeta se insurgiu contra ele (v. 8), procurando afastar o procônsul do verdadeiro conjunto das verdades de Deus. Isto significa que Elimas procurava “afastar da fé o procônsul” (v.8b). Observe que a palavra “fé” aqui também significa a Escritura do Antigo Testamento ou a verdade da palavra apostólica.

Então, o que se pode notar é um combate entre as trevas e a luz, um combate entre o falso profeta e os verdadeiros profetas de Deus, que expunham a Palavra de Deus (vs. 9-12).

Um pouco mais tarde, já em outra comunidade (em Antioquia da Pisídia), Paulo e Barnabé entram novamente numa sinagoga (v.14), como era do seu costume, onde simplesmente abriram a Escritura e leram (v.15). Imediatamente, os chefes da sinagoga lhes disseram:

Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação (lo\goj paraklh/sewj) para o povo, dizei-a" (v. 15b).

Observe que a palavra de exortação (que é uma função dos profetas das igrejas locais) estava baseada naquilo que eles haviam lido na lei e nos profetas do Antigo Testamento. A pregação profética era sempre uma exposição consoladora, confortadora e exortativa baseada numa revelação dada anteriormente.

Então Paulo aplica a Escritura do Antigo Testamento aos ouvintes de Antioquia da Pisídia. Observe todo o texto, desde o v. 16 até o v. 40. No v. 41 ele termina a sua palavra profética com uma citação dos profetas, à moda profética do Antigo Testamento, chamando o povo ao arrependimento e ao espanto sobre o que Deus havia feito, estava fazendo e havia de fazer entre os homens. Essa interpretação que Paulo dá da Escritura revela os insights que, como profeta temporário de uma igreja local, possuía da parte de Deus com respeito às verdades já reveladas.[21]

No sábado seguinte "afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus" (v. 44). Os judeus incrédulos se enraiveciam e blasfemavam, contradizendo o que Paulo dizia. Então, à semelhança de Jesus, o profeta por excelência, que disse que o reino de Deus haveria de ser tirado das mãos dos judeus e entregue a um outro povo, Paulo e Barnabé, os profetas de Deus, disseram que a pregação profética agora iria ser dada aos gentios, para que se cumprisse a Escritura, que anunciava a redenção dos gentios (vs.46-48). O mistério outrora escondido dos homens, agora era absolutamente revelado na prática. Os gentios entravam na igreja de Deus.

Portanto, o instrumento que todos os que trabalham com os dons da comunicação da verdade de Deus usam é a Palavra de Deus, ou seja, a Escritura Sagrada.

Exemplo C

Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros? Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. (1Co 14.36-37)

Paulo faz algumas perguntas aos da igreja de Corinto: “Porventura, a palavra de Deus se originou de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?”- Em outras palavras, Paulo perguntou aos coríntios: “É a igreja de Corinto a igreja-mãe? Foi ela a primeira a ser estabelecida? A palavra de Deus não veio primeiro às outras igrejas, como a de Jerusalém, por exemplo? Vocês devem seguir a palavra de Deus que veio primeiro. Vocês não são o recipiente da revelação apostólica. Vocês têm que estar submissos à palavra que veio primeiro aos outros. Vocês têm permitido que mulheres ensinem na igreja, insubordinando-se contra a autoridade dos homens; vocês têm permitido que elas falem no culto, sem o uso de véu, negando o costume de outras igrejas mais antigas (1Co 11.13). Vocês têm tolerado desordem nesta igreja. Muitas pessoas falam e oram ao mesmo tempo. Existe uma confusão litúrgica nesta igreja. Vocês não têm o direito de ser diferentes das igrejas a quem veio primeiro a palavra de Deus. A palavra de Deus não se originou em vocês, nem veio qualquer revelação exclusiva para vocês. Portanto, obedeçam a palavra apostólica, se vocês são profetas ou espirituais.”

“Se alguém se considera profeta” - Esta parte do v. 37 pode ser traduzida como “se alguém professa-se a si mesmo profeta” ou “se alguém é reputado ser um profeta”. Seja como for, o profeta deveria estar submisso à autoridade apostólica. Ele deveria pregar segundo o costume e a revelação transmitida pelos apóstolos.

Em outras palavras, Paulo está dizendo aos profetas locais da igreja de Corinto:

“Se alguém julga ser profeta, que esteja absolutamente certo de que o que fala esteja de acordo com o ensino apostólico”. Portanto, os profetas das igrejas locais eram sujeitos ao ensino dos apóstolos. A proclamação profética, fosse em forma de pregação ou de elocução espontânea, tinha que ser de acordo com os padrões apostólicos ou com a Escritura. Se não fosse nesses moldes, era contrária à verdade de Deus.

O ponto importante aqui é que Paulo está fazendo valer a sua autoridade apostólica, o que não podia ser dito dos profetas das igrejas locais (no caso aqui é a de Corinto). Esses profetas (ou os espirituais que falavam em língua - 1Co 14.29) tinham de estar sujeitos à palavra apostólica. Paulo está se referindo aqui não ao ofício apostólico (que havia cessado), mas à capacidade daqueles que possuíam dons proféticos. As instruções de Paulo deveriam ser acatadas pelos profetas das igrejas locais, porque Paulo falava inspiradamente, mas os profetas das igrejas locais não. Eles precisavam basear a sua palavra na autoridade apostólica. A autoridade de Paulo vinha, na verdade, de Jesus, porque o - evangelho que Paulo recebeu não procedeu de homem algum, mas de Cristo Jesus

(Gl 1.11-12). Todos os profetas deveriam estar debaixo da autoridade apostólica, sob pena de ser ignorado na sua ministração profética (1Co 14.38).

Nenhuma profecia, portanto, deveria ser separada do ensino apostólico ou do conjunto da revelação divina, que se encontra nas Sagradas Escrituras.

Exemplo D

Instruindo seus leitores sobre o devido exercício dos dons espirituais relacionados com a exposição pública da verdade [22], Pedro lhes recomenda:

Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus (lo\gia Qeou=)); se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém! (1Pe 4.10-11)

O dom de profecia é a qualificação que Deus dá para que se fale diante das pessoas a palavra de Deus. Esse dom tem que ver com a elocução, com a transmissão oral de alguma mensagem. Pedro, neste verso, regula o conteúdo do que se fala numa reunião pública. Ele estabelece o parâmetro para os discursos religiosos. Todas as coisas ditas tinham de ser ditas de acordo com um padrão previamente estabelecido. Está absolutamente evidente que os "oráculos de Deus" (l/ogia Qeou=) aos quais Pedro se refere são as Escrituras.

Há dois exemplos muito claros a respeito dessa matéria, onde a expressão "oráculos de Deus" é indicativa de Escritura:

— O primeiro deles está na Carta aos Romanos. Tratando sobre a enorme vantagem de ser judeu, Paulo dá uma ênfase muito importante à Escritura:

Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, sob todos os aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus (ta) lo/gia tou= Qeou=). (Rm 3.1-2)

Deus havia dado aos judeus a sua palavra escrita. Eles eram os depositários da sua verdade. Essa era a enorme vantagem deles sobre os outros povos. Eles possuíam a verdade da lei e dos profetas. Estes eram os oráculos de Deus. Esses

oráculos deveriam ser cridos e tomados como regra de fé e prática por todos os crentes.

— O segundo exemplo está na Carta aos Hebreus, onde o escritor trata da necessidade de guardar não somente os preceitos primários, mas enfatiza a importância do aprendizado e da prática da totalidade das Escrituras, visando a maturidade para a vida dos crentes.

A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir. Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus (tw=n logi/wn tou= Qeou=); assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça (lo\gou dikaiosu\nhj), porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.(Hb 5.11-14)

Os “oráculos de Deus” referidos pelo autor da carta claramente são uma referência às Santas Escrituras, pois logo abaixo ele menciona que aqueles que se alimentam só dos princípios elementares são inexperientes na “Palavra da Justiça”. O que o escritor constata é que os crentes, devido ao tempo decorrido de fé, a essa altura já deveriam ser mestres da palavra, podendo ter as suas faculdades exercitadas, sendo maduros para discernir o bem do mal.

A ênfase do escritor sacro não é somente o princípio da Sola Scriptura, mas também o princípio da Tota Scriptura. Muitos têm usado somente a Bíblia, mas não a totalidade dela. Quando os profetas das igrejas locais usam somente o primeiro princípio, os crentes podem cair no perigo da imaturidade, mas quando o segundo princípio está em vigor, a comunidade cristã chega à maturidade. Este é o alvo final de Cristo para a sua igreja: ser madura como Jesus Cristo (Ef 4.13).

E o instrumento que os profetas devem usar para isso é a Santa Escritura.

Finalizando a análise do texto de 1Pe 4.10-11, afirmamos sem qualquer medo de errar: os profetas das igrejas locais, quando se atrevessem a falar, deveriam ter como base de sua fala os “oráculos de Deus”, ou seja, as Santas Escrituras. Nunca a sua fala deveria ser baseada em outra coisa senão somente na Palavra, e em toda a Palavra. Nunca a experiência ou outra fonte de consulta deve ser a base da fala profética. Pedro chega à conclusão de que quando a palavra profética é ministrada de acordo com a totalidade dos oráculos de Deus, ele é glorificado. Não é o alvo de todo o cristão “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”?

Exemplo E

Um outro exemplo de que os profetas das igrejas locais falam com base nas Escrituras está evidente do seguinte texto de Paulo, quando devidamente interpretado.

Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal.” (1Ts 5.19-22)

No texto de 1Ts 5.16-22, em nossas versões modernas, há uma série de telegramas bem curtinhos, como se fossem mensagens estanques, compartimentalizadas, separadas umas das outras. Quando o apóstolo escreveu estas coisas, não havia a atual divisão de versículos, nem a mesma pontuação. Quando houve a divisão em capítulos e versículos, alguns textos tiveram a sua compreensão dificultada. Este texto é um deles. Tomamos cada verso isolado, como se não houvesse conexão real entre eles.

Essas admoestações estão vinculadas ao Espírito Santo e ao dom de profecia, que já era muito exercido nos dias em que Paulo falou. O dom de profecia era o mais popular, e deveria ser o mais útil para a igreja de Deus, desde os seus primórdios, se devidamente exercido. Os que possuíam dons proféticos, os exerciam no culto público à medida que o Espírito Santo os levava a falar espontaneamente as verdades de Deus, embora todas as coisas ditas fossem de acordo e em absoluta consonância com as verdades já anteriormente reveladas pelos profetas do Antigo Testamento e pelos apóstolos.

Contudo, nem tudo era como deveria ser. Por causa de problemas havidos em muitas igrejas locais, o dom de profecia não estava sendo tomado em alta conta. As pessoas começavam a desprezar as profecias.

1. O Perigo do Desprezo às Profecias

Desde o início já havia na igreja cristã pessoas que desprezavam a palavra profética. Esse desprezo às profecias era considerado por Paulo uma desonra ao Espírito Santo, porque o Espírito era o autor delas. A voz do Espírito na igreja era a voz da palavra profética. É como se Paulo houvesse dito aos crentes de Tessalônica: “Ao menosprezar a palavra dos profetas que estão no meio de - vocês, vocês estão diminuindo a obra daquele que é nada menos do que o próprio Espírito Santo.” [23]

Portanto, a palavra do Espírito não deveria ser apagada! Apagar o Espírito é o mesmo que desonrar as profecias que tiveram o seu nascedouro nele.

Portanto, “o apagar do Espírito” está vinculado ao “desprezo das profecias”, como o resistir ao Espírito (At 7.51) está vinculado à resistência à Palavra profética, que tinha a sua origem no Espírito Santo (Zc 7.12). Deixe-me explicar melhor esta última parte. Quando Estevão diz que os ancestrais da geração a

quem ele se dirigia haviam resistido ao Espírito Santo, ele não se referia a uma obra interior do Espírito na vida das pessoas, mas à palavra profética, que foi dita ser palavra do Espírito. Quando se resistia à palavra da pregação profética era considerada uma resistência a Deus, porque a palavra vinha dele.

Portanto, quando desprezamos a Palavra que vem de Deus, não dando ouvidos ao que ela nos diz, estamos cometendo uma injustiça contra o autor delas. Se não queremos ser encontrados lutando contra o Espírito, não desprezemos a Palavra de Deus, que é a palavra profética.

2. A Razão do Desprezo às Profecias

A razão do desprestígio não é muito difícil de imaginar. Sempre onde Deus semeou o verdadeiro trigo, Satanás semeou o joio. Satanás sempre aparece com alguma coisa parecida para confundir a mente dos incautos. “Onde quer que Deus erija uma igreja, Satanás faz ao lado uma capela.” [24] O objetivo de Satanás é fazer com que a sua mensagem seja parecida com a de Deus para enganar, se possível, os próprios eleitos. Ele faz isso não somente com a mensagem, mas com o seu poder e com prodígios e sinais (2Ts 2.9-10).

Uma das maiores armas que Satanás usou, e até agora tem usado, é o falso profeta. Onde quer que o Espírito Santo coloque um verdadeiro profeta, Satanás, o espírito imundo, coloca um falso profeta. Quando isso acontece, uma das atitudes mais comuns das pessoas é começar a menosprezar o ministério profético, justamente por causa da confusão causada no meio do arraial de Deus: uns desprezam porque a profecia não concorda com o ensino geral das Escrituras; outros desprezam porque não estão concordando com a verdadeira profecia. Assim, o dom profético começava a cair no desprezo das pessoas, tanto de um lado como de outro.

Mas Deus diz: “Não desprezeis profecias... Se fizerdes isso estareis apagando o Espírito”, porque o Espírito é o autor delas.

3. As Atitudes Diante do Desprezo às Profecias

Como as pessoas estavam desprezando a palavra profética, tanto dos falsos profetas como a dos verdadeiros profetas, no seio da igreja local, Paulo recomenda dois procedimentos extremamente importantes:

a. “Julgai todas as coisas”

O primeiro procedimento ordenado por Paulo é o de que os crentes deveriam testar, examinar, tudo o que ouviam à luz de algum padrão já previamente estabelecido.

Como alguém pode testar ou examinar a veracidade de algo sem um paradigma? Para você julgar, tem que haver um padrão de referência. O único paradigma da igreja sempre foi e é a “única regra de fé e prática” — a Escritura Sagrada.

Não podemos nunca nos esquecer de que Paulo disse que os profetas das igrejas locais tinham que ser julgados nas suas mensagens (1Co 14.29). Eles não falavam inspiradamente, mas interpretavam a palavra de Deus e poderiam estar enganados naquilo em que falavam. Por essa razão, Paulo ordena que eles fossem julgados por outros profetas que estavam ali no meio da congregação. É minha forte convicção de que, mais do que nunca, precisamos ter dentro de - nossas comunidades pessoas que possuam o dom de discernir espíritos [25], porque em todas as épocas tem havido profetas que falam falsamente a palavra de Deus. À medida que o tempo do fim chega, mais falsos profetas haverão de aparecer

no meio do povo de Deus, enganando os desavisados.

É muito importante lembrar que um falso profeta nunca se oporá abertamente ao que Deus diz na Escritura. Se assim o fizesse, não enganaria ninguém. Contudo, sua mensagem é apresentada de uma forma enganosamente sutil, parecendo-se com a verdade. Somente aqueles que possuem uma boa noção da verdade revelada como um todo é que podem detectar a falsa profecia. Por essa razão, os de Bereia eram mais nobres do que os de Tessalônica, porque examinavam todos os dias a Escritura, o paradigma dado por Deus, para ver se a verdade era de fato como estava sendo pregada. Essa atitude de julgamento que Paulo recomenda em 1Ts 5.21 foi estabelecida pelos crentes de Bereia.

Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. (At 17.11)

A palavra grega usada por Lucas em At 17.11, traduzida como “examinando”, é a)nakri/nontej, do verbo grego kri/nw, julgar, a mesma palavra usada por Paulo em 1Co 14.29 (diakrine/twsan) quando Paulo ordena que os profetas sejam julgados em suas mensagens.

Essa atitude dos bereanos foi considerada mais nobre do que a dos crentes de Tessalônica, porque eles julgavam “para ver se as coisas eram de fato assim”, conferindo Escritura com Escritura. As fontes de referência para os crentes de Bereia eram a Palavra Apostólica e as Escrituras do Antigo Testamento, padrões previamente estabelecidos. É bom lembrar que os bereanos não estavam julgando a autoridade apostólica, mas examinando o conteúdo da pregação dos profetas Silas (At 15.32) e Paulo (At 13.1-3). Observe que Paulo, desde o começo, arrazoava com os tessalonicenses “a respeito das Escrituras”

(At 17.2). O fenômeno foi o mesmo na sinagoga dos bereanos (At 17.10). - Contudo, diferentemente dos crentes de Tessalônica, os crentes de Bereia queriam saber somente da verdade profética. Por essa razão é que compararam a pregação dos profetas com um padrão já existente.

Portanto, Paulo queria que os crentes de Tessalônica se portassem como os crentes de Bereia, examinando as Escrituras para verificar a veracidade da palavra dos profetas das igrejas locais. Eles poderiam não estar falando a - verdade, por isso deviam ser “checados” de acordo com o padrão da verdade que é a Escritura.

Se a palavra profética dos profetas das igrejas locais fosse uma palavra inspirada, infalível, produto de uma revelação direta do Espírito de Deus, ninguém poderia estabelecer julgamento sobre o que Deus diz.

b. “Retende o que é bom; Abstende-vos de toda forma de mal”

O segundo procedimento ordenado por Paulo diante da palavra profética era absorver o que é bom. As coisas boas pregadas deveriam ser abraçadas com todo o coração, pois eram necessárias. Paulo queria que a totalidade dos crentes fosse santificada pela Palavra da Verdade (1Ts 5.23).

Quando se retém o que é bom, inversamente tem-se que jogar fora todas as formas de mal que eram comunicadas pelos falsos profetas. Todas as mensagens perniciosas deveriam ser desprezadas pelos verdadeiros crentes. Tudo o que não se harmonizava com a revelação divina deveria ser deliberadamente desprezado pelos cristãos. A expressão “toda forma de mal” indica não somente o que se refere à Teologia, mas também à prática religiosa.

Quando vemos o texto no seu conjunto, percebemos que há uma unidade. O objetivo de Paulo era tornar os crentes de Tessalônica íntegros e irrepreensíveis na espera da vinda do Senhor Jesus (v. 23).

Exemplo F

Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.” (Ap 19.10)

A grande questão aqui é definir se o testemunho é aquele que Jesus dá de si mesmo ou o testemunho que os conservos, os irmãos, dão de Jesus. A ideia parece ser a de que Jesus deu primeiramente o testemunho de si mesmo, e depois, a igreja sustentou esse testemunho dele. Seja como for, o testemunho de Jesus está vinculado diretamente ao espírito da profecia. O que isso significa?

O desígnio da profecia é dar testemunho de Jesus. O texto não indica que este é o único desígnio da profecia, mas diz que este é o propósito definitivo da profecia.

Todo aquele que é dotado pelo Espírito com o dom profético, tem o espírito profético. Este vive testificando da verdade de Jesus aos homens. O profeta é aquele que expõe a palavra de Deus (testemunho de Jesus).

Todos os que tiveram o ofício profético, falando inspiradamente nos tempos do Antigo Testamento, apontaram o foco de sua mensagem para Jesus, testemunhando a respeito de Jesus, para a sua primeira vinda e para o seu ministério. Todos os que possuem o dom profético devem apontar para Jesus

com base naquilo que o próprio Jesus disse de si próprio. Todos os verdadeiros profetas apontam de alguma forma para Jesus: uns para a sua vinda, outros para o que ele ensinou em sua vinda. Aqueles eram os profetas do Antigo Testamento e estes são os profetas das igrejas locais. Estes últimos devem basear toda a sua elocução na palavra inspirada de Jesus Cristo.

No Antigo Testamento, o espírito de profecia era o Espírito de Cristo que estava nos profetas (1Pe 1.10). No período apostólico, esse mesmo Espírito de Jesus é o espírito de profecia (At 16.6-7). Nas igrejas locais, os profetas deveriam ter o mesmo espírito da profecia, proclamando as suas mensagens baseadas no testemunho que Cristo deu de si próprio. E tudo o que devemos saber sobre Jesus Cristo está registrado nas Escrituras Sagradas (Jo 5.39). Toda mensagem que o Espírito Santo traz aos profetas tem de ser relacionada ao testemunho de Jesus, pois esta é função principal do Espírito Santo (Jo 15.16). O Espírito da profecia nunca autoriza uma mensagem à parte do testemunho de Jesus.

Exemplo G

Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. (Hb 1.1-2)

Deus revelou-se nas duas dispensações com algumas semelhanças e com algumas diferenças.

a. Revelação no Antigo Testamento

1. O tempo da Revelação divina no Antigo Testamento - “Outrora”

A expressão grega pa/lai, é traduzida como “outrora”. Esse tempo se refere ao do Antigo Testamento, que começou quando Deus chamou o primeiro homem para com ele andar e conversar no Jardim. Depois, a revelação continuou por cerca de 1500 anos, quando se produziram os escritos do Antigo Testamento. O “outrora” diz respeito ao período todo que antecede a libertação do cativeiro da Babilônia. Os que viveram nessa época são chamados de “os pais”.

2. Os destinatários da Revelação divina no Antigo Testamento -

“os Pais”

Estes eram os antigos na fé. Aqueles que viveram pela fé, e que morreram sem terem visto a concretização das promessas. Eles foram os destinatários da revelação divina. Eles foram os depositários de toda a revelação de Deus. Tudo o que viemos a saber sobre Deus estava com os judeus, a quem Deus se revelou. A eles foram confiados “os oráculos de Deus” (Rm 3.2).

3. A multiplicidade de modos da Revelação divina no Antigo Testamento

O escritor aos Hebreus faz aqui um jogo de palavras na língua original. Ele disse que Deus falou polumerw=j (em muitas porções) e que Deus falou polutro/pwj (em muitos modos).

(polumerw=j) “Muitas porções” - Deus revelou muitas porções de suas verdades

nos tempos antigos. Essas “muitas vezes” revela a multiplicidade de vezes que ele falou, ou ainda podemos entender essa expressão como significando que Deus falou em alguns tipos de literatura: Lei, profetas e Salmos e escritos.

(polutro/pwj) “Muitos modos” - Deus falou por teofanias, visões e sonhos, por meio de parábolas, figuras, tipos e símbolos.

4. O conteúdo da Revelação divina no Antigo Testamento - “Palavras”

O Deus do teísmo não é um Deus silente. Ele sempre se manifestou aos homens, relacionando-se com eles. Ele nunca ficou separado da sua criação. Logo que a terminou, ele “andava” com Adão pela viração da tarde. E conversava com o homem. Mesmo depois, quando não mais se apresentava diante dos homens como havia se apresentado a Adão, Deus comunicou-se com eles. Nunca deixou de dar testemunho de si mesmo.

Sempre que Deus revelou-se aos homens, ele o fez com palavras. Mesmo quando ele revelou-se nas teofanias, usou palavras que explicavam a sua presença reveladora e os seus atos reveladores. As palavras são absolutamente necessárias para que haja comunicação de alguma verdade da sua vontade.

Por essa razão é que o texto menciona que Deus tenha “falado

(lalh/saj) outrora”.

5. Os instrumentos da Revelação divina no Antigo Testamento - “os Profetas”

Eles eram chamados por Deus para exercer o ofício profético, sendo portadores da mensagem de Deus. A princípio, os profetas recebiam as mensagens em forma de teofania (como é o caso de Abraão e Moisés). Posteriormente, Deus usou outras formas para falar aos profetas. Eles foram os mais importantes instrumentos da revelação divina. Deles a Escritura fala abundantemente, pois a eles coube a tarefa de comunicar a verdade de Deus ao povo. A mensagem que eles traziam era o referencial para a conduta do povo.

b. Revelação no Novo Testamento

Mas a revelação trazida pelos profetas, embora absolutamente verdadeira, não era completa. MacArthur diz que “mesmo bela, importante e autoritativa como ela (a revelação) é, (nesse sentido) o Antigo Testamento é fragmentário e incompleto.” [26] A revelação dada por Deus desde o Gênesis tem um caráter - progressivo. “Ela progrediu da promessa ao cumprimento. O Antigo Testamento é a promessa; o Novo Testamento é o cumprimento”.[27] Os santos do Antigo Testamento morreram sem terem visto o cumprimento das promessas. É até possível que alguns dos escritores do Antigo Testamento, embora escrevendo inspiradamente, não tenham compreendido o pleno significado das coisas que haviam escrito com respeito à redenção que seria trazida pelo Messias, mas a mensagem de redenção estava latente na sua mensagem profética, pois o espírito de Cristo estava neles (1Pe 1.10-12).

O Antigo Testamento não errou nenhuma de suas promessas. Sempre disse a verdade, porque é a revelação de Deus, mas houve um desenvolvimento posterior dessa revelação, até que a verdade fosse completamente anunciada nos tempos do Novo Testamento. Aqui, a questão não é o fato de a revelação ser correta, mas de ser uma revelação ainda incompleta e fragmentária. Os profetas lançaram os primeiros rudimentos da revelação pela obra do Espírito Santo neles (2Pe 1.21), mas esta revelação foi completada nos tempos do Novo Testamento.

O Antigo Testamento é somente uma parte da verdade de Deus, mas ele não é parcialmente sua verdade. Ele não é sua verdade completa, mas ele é completamente a sua verdade. Ele é a revelação de Deus, sua revelação progressiva preparando seu povo para a vinda do seu Filho, Jesus Cristo."[28]

1. O Ápice da Revelação divina no Novo Testamento - "Cristo"

Jesus Cristo veio para cumprir a lei e os profetas, não para revogá-los. O Novo Testamento é o cumprimento e, ao mesmo tempo, a ampliação da revelação do Antigo Testamento. Ele é o profeta por excelência, a quem todos os outros profetas se referiram, e de quem todos os profetas posteriores devem depender nas suas mensagens, pois ele é a fonte de referência, pois o parâmetro para toda a pregação cristã é aquilo que Jesus Cristo disse.

Ele é o máximo da revelação divina. Nada além do que Cristo disse de Deus pode ser dito a respeito dele. Jesus é tudo o que o homem pode receber de Deus. Ele não somente traz a mensagem de Deus como é a expressão exata do ser de Deus. Quem conhece a Cristo conhece a Deus, quem ouve as palavras de Cristo ouve Deus.

2. O tempo dessa Revelação divina no Novo Testamento - "Últimos Dias"

Essa frase usada pelo escritor de Hebreus pode ser entendida de vários modos: primeiro, pode ser que o escritor esteja falando daqueles dias como sendo os últimos dias da revelação; segundo, pode ser que o escritor esteja querendo dizer que esses dias sejam a revelação final de Cristo, e que nada mais deva ser acrescentado a ela; terceiro, pode ser que o autor esteja se referindo àqueles dias como sendo os dias da era messiânica, uma era escatológica prometida nos

tempos do Antigo Testamento, e que agora começava a se cumprir nos dias da vinda de Jesus. Esta última interpretação é a mais correta neste texto.

A frase “os últimos dias” era muito comum na literatura do Antigo Testamento [29], e é usada por escritores do Novo Testamento [30], com um significado escatológico, que apontava para a vinda do Messias e para as consequências da sua vinda.

Portanto, a revelação final de Deus se deu nos “últimos dias”, o período escatológico que teve a sua inauguração na vinda do Messias. Depois de Cristo, ninguém mais revela nada a respeito de Deus. Jesus Cristo é a expressão maior da revelação divina. “Ele é a expressão exata do ser de Deus.”

3. Os destinatários da Revelação divina no Novo Testamento - “nós”

O texto diz que “nestes últimos dias nos falou pelo Filho.” Todos os cristãos que querem conhecer a Deus e sua revelação têm que se dirigir ao Filho. No Antigo Testamento os destinatários primeiros eram os pais, apenas os membros do povo de Israel. No Novo Testamento os destinatários primeiros são os crentes em geral. Houve a ampliação da revelação divina quanto ao conteúdo e quanto ao número de destinatários, porque ela se estende a toda igreja de Cristo espalhada pelo mundo inteiro e de todas as épocas.

4. O conteúdo da Revelação divina no Novo Testamento - “Palavras”

Novamente, Jesus Cristo revelou seu Pai e a si próprio por meio de palavras. Por várias vezes, Jesus disse: “Se não ouvirdes as minhas palavras”. As palavras de Jesus são reveladoras de quem Deus é. Portanto, se quisermos conhecer sobre

Jesus, temos que recorrer às palavras de Jesus.

Se algum profeta de Deus quiser trazer o povo ao conhecimento da revelação de Deus, ele tem de recorrer às palavras de Jesus. Se ele quiser saber sobre Jesus, ele tem de ir às Escrituras, “porque são elas que testificam de mim”, disse o próprio Jesus (Jo 5.39).

Com esses sete exemplos dados, podemos concluir, inequivocamente, que o instrumento usado pelos profetas das igrejas locais do Novo Testamento era a revelação de Jesus Cristo por meio dos seus santos apóstolos-profetas, que é a Palavra de Deus, como registrada nas Sagradas Escrituras.

Conclusões

Depois das várias comparações feitas entre os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento, assim como os profetas das igrejas locais do Novo Testamento, passamos a algumas conclusões finais sobre a matéria, com a finalidade de sanar alguns pontos ainda não esclarecidos.

A. A origem da Palavra Profética Nunca será Encontrada na Experiência Subjetiva do Homem

O homem nunca deve arvorar-se em fonte da palavra profética. Nenhum genuíno profeta de Deus deve dar largas à sua imaginação, nem expressar aquilo que vai no seu coração, pois o que ele fala pode perfeitamente ser produto do engano do seu coração. O subjetivismo do nosso pensamento nunca deve ser a fonte da mensagem profética. Mesmo nos tempos antigos já era comum ao profeta, que não era vocacionado por Deus, “o engano do coração” (Jr 14.14;

Ez 13.1-23).

O grande agente causador dos desapontamentos entre os defensores do movimento carismático é o profetismo subjetivista, que arroga o recebimento de mensagens da parte de Deus, quando claramente se vê que elas vêm do coração enganoso do ser humano.

O ponto de referência da palavra profética é sempre uma palavra objetiva de Deus, como registrada nas Santas Escrituras. A base da pregação profética é a Palavra de Deus, conforme ele a tem anunciado desde muitos séculos, que se tornou a regra de vida para o seu povo. O verdadeiro profeta de Deus possui um paradigma onde baseia as suas mensagens. O ponto de referência para os profetas de Deus é a Escritura Sagrada.

Nos tempos do Antigo Testamento, o profeta a quem Deus vocacionava falava inspiradamente. Desde os tempos do Novo Testamento (exceto possivelmente no tempo apostólico), quando Deus deu às igrejas o dom profético, o profeta vem expondo e interpretando a Palavra de Deus já revelada. Não há base em nenhum de nós para se afirmar o caráter revelacional de um profeta hoje, enquanto sobejam nas Escrituras as bases para que possamos refutar àqueles que pensam de forma contrária. O profeta de hoje é aquele que expõe a Palavra de Deus dirigindo eticamente o povo para os caminhos de Deus.

B. A Palavra Profética não Deve ser Entendida Primariamente como Preditiva na sua Natureza

O vaticínio, ou predição, é um elemento secundário no ministério de um profeta, mesmo nos moldes do profetismo do Antigo Testamento. O profeta é o que fala

em nome de Deus, seja com o elemento preditivo ou não. No Antigo Testamento, ocasionalmente em uma mensagem, o profeta podia apresentar o elemento de predição de um evento futuro, mas essa não era a sua mensagem fundamental.[31] Quando havia esse elemento, certamente o elemento revelacional estava presente. Mas o elemento mais importante da missão profética era o falar verdadeiramente a mensagem de Deus. Via de regra, a finalidade da mensagem do profeta era colocar o povo nos trilhos certos. Portanto, palavra profética sempre foi exposta em tons fortemente éticos. Os profetas do Antigo Testamento tiveram a função de serem preditores. Eles predisseram os acontecimentos relacionados com a história da redenção, e tiveram a tarefa de passar adiante aquilo que havia sido já revelado anteriormente.

Aqueles que possuem dons proféticos hoje têm que trabalhar com a verdadeira Palavra objetiva de Deus, sem o elemento subjetivo do seu coração. Contudo, temos que ser extremamente cautelosos com os que dizem ouvir a palavra de Deus hoje. Embora eu creia na atualidade do dom profético, que se constitui na capacidade dada por Deus de expor a verdade de Deus de modo espontâneo, levado pela agência do Espírito Santo, não creio na possibilidade de se ter o elemento preditivo que caracterizava o profetismo do Antigo Testamento e alguns profetas do Novo Testamento, como é o caso de Ágabo.

C. A Palavra Profética Deve Expressar a Relação do Pacto de Deus com seu Povo

Nos tempos do Antigo Testamento, o profeta era uma espécie de mediador entre Deus e o povo. Deus não falava com o povo, mas sim com o profeta que descia do seu encontro com Deus e ia encontrar-se com o povo para anunciar-lhes o que havia visto em sonhos e visões, da parte de Deus. Havia uma espécie de barreira entre Deus e o povo, não uma comunicação direta.

Na consumação do pacto, com a vinda de Jesus Cristo, não há mais profetas

intermediando a verdade de Deus. O autor aos Hebreus diz que Deus falou aos homens de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas nestes últimos tempos tem falado por meio do Filho. Agora o Filho é o único Mediador da verdade de Deus. É o próprio "Deus-conosco" nos falando. Palmer Robertson diz:

A presença de um mediador implicitamente sugere a separação do povo de um outro. Somente se o próprio Deus se tornasse o que intermedia a Palavra divina, poderia a unidade da comunhão pretendida pelo pacto ser cumprida. Então, a necessidade de uma obra intermediária de uma figura profética chegaria ao fim. [32]

Não existe mais o ofício profético, como houve na administração passada do pacto. Agora, com a vinda de Cristo para cumprir as promessas do pacto da graça, não há mais intermediários. Ele próprio intermedia a Palavra de Deus, sendo a essência e a encarnação da própria verdade.

Se temos um trabalho de profeta hoje, é o de expor aquilo que é dado a nós por meio de Cristo que, por sua vez, passou aos apóstolos originais. E se quisermos saber sobre Cristo, temos de ler nas Escrituras, pois são elas que testificam dele. [33] Deus fala conosco hoje por meio da Palavra de Cristo, e esse é o meio pelo qual os homens vêm à fé e são tornados maduros. Somente a Palavra de Cristo, que está registrada na Escritura, é fonte confiável da verdade. E é esta palavra que o profeta tem que expor e fazer brilhar, a fim de convencer os homens a andarem nos caminhos de Deus.

D. O Dom Profético não é o Mesmo que o Dom Pastoral ou outro Qualquer

Os dons espirituais não são compartimentos estanques completamente separados

uns dos outros, sem qualquer conexão entre si. Há coisas que os distinguem entre si, mas há elementos que mostram que eles se sobrepõem. Exemplifico:

A tarefa de encorajar as pessoas cabe, primordialmente, àquele que tem o dom de exortação, como preceitua a Escritura (Rm 12.8a), mas também cabe ao pastor (ovelheiro), que é aquele que possui em alta medida o dom de exortação, que significa encorajar, animar, fortalecer e consolar. Contudo, essa função não é exclusiva daquele que tem o dom de exortação ou do pastor, pois a Escritura nos autoriza a dizer que o profeta também pode fazer essa tarefa no corpo de Cristo. Paulo fala de maneira clara que o profeta da igreja local "edifica, exorta e consola" (1Co 14.3). A diferença entre o pastor e o profeta nessa matéria está no escopo. O pastor é mais um curador de almas, tratando diuturnamente com os feridos, individualmente, enquanto que o profeta procura trazer a igreja de volta aos caminhos do Senhor, encorajando-a como um grupo, pois é a função do profeta falar a grupos.

A tarefa de ensinar, de acordo com a Escritura, cabe primordialmente ao mestre, mas o ensino não é tarefa exclusiva dele, pois a própria Escritura fala que o profeta também ensina, mesmo que falsamente (Is 9.15), mas certamente é finalidade do profeta ensinar o caminho que as pessoas devem seguir. A diferença entre o mestre e o profeta na tarefa do ensino está nos detalhes. O mestre se afadiga no ensino, visando orientar doutrinariamente a igreja, enquanto que o profeta ensina o caminho a seguir, visando o aprendizado ético da vida, a fim de levar o povo aos caminhos corretos.

A tarefa de evangelizar cabe primordialmente ao evangelista, que é aquele dotado por Deus para levar almas ao conhecimento do Salvador. Todavia, o apóstolo também faz isto quando ele é o fundador de novas igrejas. A diferença entre eles está apenas na esfera de ação. O evangelista, parece-nos, evangeliza dentro de uma esfera mais localizada, enquanto que o apóstolo (missionário) é o que alarga as fronteiras da igreja universal.

A tarefa de socorrer pessoas em necessidade cabe primordialmente aos que possuem o dom de “ministério” (diakoni/a) ou socorros (antilh/myeij), como preceitua a Escritura (Rm 12.7a; 1Co 12.28). Contudo, a tarefa de ajudar pessoas em necessidade também é a função daquele que tem o dom de misericórdia (e)lew=n) em Romanos 12.8c. Os dois dons são de ajuda, mas em níveis diferentes. A diferença entre o dom de diaconia e o de misericórdia está na profundidade da ajuda. O que possui o dom de misericórdia ajuda numa esfera mais profunda da necessidade humana, enquanto que o dom de socorro numa esfera necessária, mas mais comum do cotidiano.

Portanto, alguns dons na Escritura se assemelham e se sobrepõem quando do seu exercício. Os dons não são absolutamente estanques, completamente independentes uns dos outros. Afinal de contas, os membros cooperam - igualmente em favor uns dos outros, visando sempre o bem-estar da totalidade do corpo.

E. O Dom Profético Distingue-se dos outros Relacionados com a Palavra pelo Modo como ele é Exercido

Todos os dons relacionados com a Palavra têm que ser exercidos de modo que evidencie um real estudo da revelação divina. Os profetas das igrejas locais, pelo menos no período neotestamentário, parece-nos, possuíam uma característica ligeiramente diferente dos outros, que foi típica do período em que eles viveram. Eles possuíam algumas intuições que lhes eram dadas pela agência do Espírito Santo, que eram como que entendimentos da verdade de Deus que lhes eram passados e tinham de ser comunicados à igreja. A única justificativa para essa ideia está no ensino de Paulo, na primeira Carta aos Coríntios.

Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem. Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem

consolados. (1Co 14.29-31)

É importante observar que havia vários profetas na igreja de Corinto. Quando um profeta falava, ele poderia ter a sua mensagem julgada por outros que estavam assentados no meio da congregação. Contudo, se um dos profetas que estivesse sentado tivesse uma “revelação”, que entendo ser uma compreensão melhor do assunto sobre o qual o outro está falando, o primeiro deve sentar-se e dar lugar ao que recebeu o insight, a fim de que todos pudessem ser consolados e ensinados. Certamente essa compreensão melhor do assunto era uma espécie de “iluminação” vinda do Espírito para a ocasião. Essa “revelação” não deve ser entendida como algo autorizado como o que os profetas do Antigo Testamento recebiam, pela simples razão de que todos os profetas poderiam ser julgados nas suas mensagens. Os profetas das igrejas locais do Novo Testamento se diferenciavam dos outros, no meu entender, no modo como eles recebiam os insights, no sentido de não terem estudado previamente a matéria para dirigirem-se à congregação. Aos outros profetas presentes cabia a tarefa de verificar a veracidade daquilo que o profeta comunicava à congregação, mediante o exame do parâmetro apostólico já previamente estabelecido.

Pessoalmente, não creio que temos pessoas com essa capacidade hoje, mas não é impossível que alguém com dons proféticos receba uma luz para esclarecer a Palavra que está sendo exposta, com a finalidade de edificar e consolar uma igreja numa ocasião específica. Na verdade, nós estamos precisando de muitas pessoas com dons proféticos para fazerem com que a igreja contemporânea volte aos moldes prescritos por Deus na sua Palavra, pela compreensão e aplicação exata do sentido da revelação divina já anteriormente registrada.

Contudo, se por alguma razão, a oportunidade de falar na igreja não for dada a essa pessoa com dons proféticos, a igreja pode até perder a oportunidade de aprender, mas o profeta que recebeu a iluminação sobre o assunto em pauta não ficará traumatizado, pois a compulsão de falar pode ser perfeitamente controlável. Afinal de contas, diz Paulo, “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas” (1Co 14.32). Este ensino de Paulo implica em que, pelo

fato de alguém ter o insight de alguma verdade, não o leva obrigatoriamente a falar em público, criando um mal-estar na igreja, porque, segundo Paulo, “Deus não é de confusão, e sim de paz” (1Co 14.33).

Além disso, convém observar que este aspecto da prática profética das igrejas locais do Novo Testamento cessou durante o decorrer da história. Não vemos profetas com esses insights nos cultos, interrompendo outros que já estão falando, mesmo entre os pentecostais, os neopentecostais e os carismáticos. O que temos visto entre eles é a prática perniciosa de pretensos profetas adivinhando a vida pessoal dos crentes, dizendo falar por revelação direta de Deus. Essas coisas devem ser definitivamente abolidas de nossas comunidades cristãs, por serem contrárias às práticas permitidas pela Escritura. Contudo, a prática profética, que cessou historicamente, se retomada nos moldes neotestamentários, não seria má se viesse para contribuir para o real consolo, exortação e edificação da igreja de Cristo. Mas essa não é uma questão que nós temos que decidir. É do arbítrio do soberano Deus que essa prática volte a existir. Isso certamente ele fará se lhe aprouver.

F. Aplicação

1. Uma Palavra aos que Possuem Dons Proféticos

Há muita coisa que pode ser feita hoje pelos ministros de Deus que possuem dons proféticos. A igreja contemporânea carece de fiéis ministros da Palavra que tenham as seguintes atitudes:

a. Animem os crentes a viverem de conformidade com a Palavra de Deus

O declínio ético de nossas igrejas é espantoso. Os que possuem dons proféticos devem instar os cristãos a uma volta à prática das coisas santas, à prática da santidade “sem a qual ninguém verá o Senhor”. A igreja cristã precisa ser conhecida, de novo, como uma igreja de gente séria, decente, leal, honesta, ilibada, impoluta, e outros adjetivos semelhantes a esses. Essa é uma tarefa de profetas. Assim se portaram tanto os profetas do Antigo Testamento como do Novo Testamento.

b. Exortem os líderes políticos da nação a se portarem como verdadeiros cristãos.

Com tristeza no coração pudemos notar em nosso país que a chamada “bancada evangélica” nem sempre correspondeu às expectativas dos cristãos que a elegeram. Em alguns casos, conforme amplamente divulgado pelos jornais e televisão, alguns políticos evangélicos se portaram de maneira indecente, vergonhosa, que trouxe zombaria da parte dos não-evangélicos. Cabe aos profetas encorajar esses irmãos eleitos pelos cristãos a se portarem como luz no meio dessa geração perversa e corrupta que campeia nos arraiais do poder legislativo, judiciário e administrativo de nosso país.

c. Advirtam os pecadores sobre a ira de Deus sobre eles

A tarefa de advertir os homens de seus maus caminhos não é dos evangelistas, mas dos profetas de Deus. Sempre foi assim na história da igreja. Vivemos num país onde a impunidade campeia e os pecadores tiram proveito dessa situação, afundando-se cada vez mais nos seus pecados. O profeta de Deus deve anunciar de todas as maneiras, como um atalaia que é, o destino daqueles que se recusam a ouvir a voz de Deus. O anúncio da condenação dos pecadores cabe aos irmãos dotados por Deus com dons proféticos, e o nosso tempo carece - desesperadamente desse tipo de ministério que há muito foi abandonado, porque não é o tipo de pregação que as pessoas querem ouvir. Essa mensagem do juízo de Deus deve ser pregada nos púlpitos e fora deles, para que todos ouçam em

alto e bom som que o juízo de Deus vem sobre eles, a menos que eles se arrependam de seus pecados.

2. Uma Palavra aos Crentes em Geral

a. Orem a Deus para que ele levante pessoas com dons proféticos

Certa vez Jesus instou aos seus discípulos que orassem ao seu pai para que ele enviasse trabalhadores para a sua ceifa, porque havia poucos deles. Da mesma forma, devemos pedir a Deus que dote mais pessoas para serem seus porta-vozes, os profetas, para executarem grandes tarefas no meio do povo de Deus e da sociedade em que vivemos. Muito poucos têm exercido essa função nos dias de hoje. Supliquem a Deus por homens mais corajosos, destemidos em falar a verdade.

b. Incentivem as pessoas que já possuem os dons proféticos para o exercício devido deles

Há, certamente, uma porção de pessoas que já possuem dons proféticos, mas que, por razões várias, não o estão exercendo. Esse é um mal com respeito a vários dons espirituais. Precisamos que Deus dote mais pessoas com esses dons, mas precisamos que os já dotados exerçam o seu ministério fielmente. Uma igreja sem profetas é uma igreja que não enxerga os seus pecados, que não tem consciência da voz de Deus. Os profetas são os arautos dessa voz.

c. Alertem os profetas para serem fiéis à Escritura Sagrada

A Escritura tem de ser o padrão da pregação profética até que Cristo volte. Que eles nunca se aventurem a falar alguma coisa que esteja além do que Deus já revelou. Muitos há em nosso meio que se arriscam em falar algo em nome de Deus que Deus não disse, seguindo o engano do seu próprio coração. Esses haverão de receber o pagamento por sua deslealdade à verdade registrada nas Escrituras. Que Deus se apiede deles. Todavia, as pessoas com dons proféticos hoje têm de falar somente a verdade e nada mais do que a verdade. A fonte de inspiração das suas mensagens deve ser a Santa Palavra de Deus.

---

1. Este tipo de comunicação de Deus é chamado em Teologia de teofania, onde Deus toma alguma forma visível para revelar-se aos homens. Ele apresentou-se em forma de homem, fogo, fumaça, nuvem, etc. A teofania é uma manifestação visível de Deus até que seus propósitos reveladores terminem. Teofania é uma palavra de origem grega que significa “aparência de Deus”. Nos tempos do Antigo Testamento, Deus sempre assumiu alguma forma temporariamente para poder comunicar a sua salvação ou o seu juízo aos homens. Esse foi o primeiro modo de revelação que Deus usou.

2. Deus falou a Pedro (e outros) em visões (At 10.9-16) e por intermédio de mensageiros especiais (At 5.19-20). Deus falou a Paulo em visões (2Co 12.1) e falou a ele também por meio de um anjo (At 27.23).

3. F. David Farnell, When Will the Gift of Prophecy Cease?, em Bibliotheca Sacra, 150, (April-June 1993), p.188.

4. Ibid., p. 189.

5. Há a possibilidade (embora exegeticamente remota) de se entender a expressão “santos apóstolos e profetas” como se referindo ao mesmo grupo de pessoas, isto é, aos apóstolos, que também eram profetas. Essa interpretação fortaleceria a tese de que há semelhança entre os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento, já que ambos, como veremos, tiveram um conhecimento do “mistério”.

6. Não posso fechar os olhos aos que pensam que esses apóstolos e profetas mencionados neste texto se referem às mesmas pessoas. Tenho que admitir que, especialmente neste texto, o peso dessa ideia é mais forte, por causa da palavra “agora” que aparece. Contudo, a despeito da força desse argumento, não posso negar que aos profetas do Antigo Testamento, assim como aos apóstolos do Novo Testamento, foi revelado o “mistério”de que trata este ponto.

7. Uma outra hipótese levantada por alguns é a de que os profetas referidos em Efésios 3.5 sejam os profetas em vigor no tempo dos apóstolos, embora sem haver qualquer menção de nomes. É possível haver a inclusão desses profetas do tempo do Novo Testamento, devido ao aparecimento da palavra “agora” (nu=n), e do fato de, naquela época, haver profetas a quem a revelação de Deus ainda vinha. Não havia cessado ainda o processo revelador de Deus. Eles eram profetas do período do Novo Testamento, mas que serviam a igreja como um todo, na época. Não há nenhum outro nome no Novo Testamento, exceto Ágabo, que tenha recebido diretamente as mensagens autorizadas de Deus, embora não saibamos nada do que disse, exceto aquilo que está registrado no Livro de Atos.

8. 1Rs 17.12-24 que trata da multiplicação do azeite da botija da viúva de Sarepta e da ressurreição de seu filho por intermédio do profeta Elias.

9. 2Rs 2.19-22 relata Eliseu tornando saudáveis as águas de Jericó; 2Rs 4.1-37 relata a multiplicação do azeite de uma viúva e a ressurreição do filho da Sunamita; 2Rs 6.1-7 relata a flutuação do machado.

10. Exceto os apóstolos, uma rara menção de realização de sinais e prodígios é feita a Estêvão e Filipe, evangelistas e diáconos da igreja apostólica (At 6.8; 8.6-8,13), que também tinham que ter as suas mensagens evangelísticas autenticadas no período apostólico. É importante observar que ambos foram diretamente comissionados pelos apóstolos, com imposição de mãos (At 6.6).

11. Ver 1Co 12.9-10,28

12. Há alguns problemas textuais com esta passagem de Marcos (dos quais não trataremos neste ensaio) que impedem que este texto seja considerado como base fundamental de uma doutrina. Em vários manuscritos de grande importância ele não aparece. Por isso, devemos ter cuidado em não firmarmos um ponto absolutamente importante num texto com problemas dessa natureza.

13. Um exemplo bem típico dessa corrente é a de F. David Farnell, professor do Departamento de Estudos Ministeriais do Southeastern Bible College, em Birmingham, no Alabama. Ele escreve vários artigos no periódico Bibliotheca Sacra, que mostram a posição supracitada. Veja Farnell, When Will the Gift of Prophecy Cease?, Bibliotheca Sacra, vol. 150, abril-junho de 1993.

14. Embora a revelação venha por sonhos e visões, a pregação da mensagem não é algo mecânico. Contudo, o profeta deve ser fiel na transmissão do recado.

15. Este assunto será desenvolvido adiante, na última parte deste ensaio, que trata do instrumento usado por eles.

16. Esse é um verbo grego que significa “proclamar”, “pregar”.

17. F. David Farnell, When Will the Gift of Prophecy Cease?, em Bibliotheca Sacra, (abril-junho de 1993), p. 173.

18. Há que se lembrar, todavia, que um dom que é dado para servir aos homens pode ser usado para glorificar o nome do Senhor, como é o exemplo das línguas em Atos 2 e 10, onde as pessoas exaltavam o nome de Deus, mas isto não significa servir a Deus como se Deus necessitasse de alguma coisa. Quando o dom é ministrado aos homens isso significa que eles têm necessidade de serem servidos, pois eles não podem viver a vida cristã sem serem servidos devidamente por aqueles que possuem seus dons espirituais.

19. Conf. comentário sobre ICoríntios 14:24 – Simon Kistemaker, ICoríntios, Editora Cultura Cristã

20. Richard Muller, Dictionary of Latin and Greek Theological Terms, (Grand Rapids: Baker, 1986), p.33.

21. Este aspecto da profecia dos profetas das igrejas locais do Novo Testamento está enfatizado na última das conclusões deste trabalho.

22. Os dons espirituais que tratam com a Palavra são: evangelista, apóstolos, pastores, mestres e profetas. Todos eles tinham que falar publicamente, e a recomendação de Pedro é que eles todos falassem “de acordo com os oráculos de Deus”.

23. William Hendriksen, 1&2 Tesalonicenses (Grand Rapids: Subcomision Literatura Cristiana, 1980), p. 163.

24. Ibid.

25. Quando Paulo fala do dom de “discernir espíritos”, ele usa a mesma palavra grega

(diakri\seij) em 1Co 14.29, e que trata da capacidade dada por Deus de julgar entre o que é errado e o que é certo. A Palavra profética era julgada pelos homens. Se a palavra profética dos profetas das igrejas locais fosse uma palavra inspirada, produto de uma revelação direta do Espírito de Deus por meio de sonhos e visões, ninguém poderia estabelecer julgamento sobre o que Deus diz.

26. John MacArthur, Hebrews (Chicago: Moody Press, 1983), p. 4.

27. Ibid.

28. Ibid., p. 5.

29. Is 2.2-3; 9.1-2 (últimos tempos); Mq 4.1-3.

30. At 2.17.

31. O. Palmer Robertson diz que “profecia não deveria ser definida principalmente como a predição do futuro. Ao contrário, ela é a ‘transmissão’ da revelação de Deus que ocasionalmente pode envolver a predição de eventos futuros” (The Final Word, Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1993). p 4.

32. Ibid., p. 5.

33. Jo 5.39.

Capítulo IV

A “Batalha Espiritual” em Perspectiva

Augustus Nicodemus Lopes

Introdução

As igrejas históricas do mundo todo têm sido desafiadas nestas últimas três décadas a dar respostas às ênfases de um movimento dentro das suas fileiras que ficou conhecido como “movimento de ‘batalha espiritual’”. O nome em si já sugere do que se trata: é um movimento cuja ênfase maior é na luta da Igreja de Cristo contra Satanás e seus demônios, conflito este de natureza espiritual, quanto aos métodos, armas, estratégias e objetivos.

Esse crescente interesse em círculos evangélicos por Satanás, demônios, espíritos malignos e o misterioso mundo dos anjos, corresponde ao surto de misticismo atual, um interesse crescente no mundo nos dias de hoje pelos anjos maus e bons e pelo oculto. Mas não somente no mundo; dentro da própria igreja cristã assistimos ao crescimento vertiginoso da busca pelo miraculoso e pelo sobrenatural, na esteira do neopentecostalismo. Por neopentecostalismo quero dizer aqueles movimentos surgidos em décadas recentes como desdobramentos do pentecostalismo clássico do início do século; o neopentecostalismo caracteriza-se entre outras coisas pelo abandono de algumas das ênfases características do pentecostalismo clássico e por ter adquirido marcas próprias, como ênfase em revelações diretas, curas, batalha espiritual, e particularmente uma maneira de encarar a realidade espiritual.

Esse movimento é caracterizado por uma leitura das Escrituras e da realidade sempre em termos da ação sobrenatural de Deus. Deus é percebido somente em termos de sua ação extraordinária. Assim, para o neopentecostal típico, Deus o guia na vida diária por meio de impulsos, sonhos, visões, palavras proféticas, e dá soluções aos seus problemas via de regra de forma miraculosa, por meio de libertações, livramentos, exorcismos e curas. A doutrina que caracteriza, mais que qualquer outra, as igrejas evangélicas no Brasil hoje é a crença em milagres. É claro que não estou dizendo que crer em milagres seja errado. O que estou dizendo é que, na hora em que a crença em milagres contemporâneos e diários passa a ser a característica maior da igreja evangélica, algo está errado.

A hermenêutica sobrenaturalista do neopentecostalismo representa um desafio para uma das doutrinas típicas da tradição reformada, que é a providência de Deus. Partindo das Escrituras, os reformados usam o termo providência para se referir à ação de Deus, pelo seu Espírito, agindo no mundo por meio de pessoas e circunstâncias da vida para atingir seus propósitos. Esses meios não são intervenções miraculosas ou extraordinárias de Deus na vida humana, mas simplesmente meios naturais secundários. Os calvinistas reconhecem que Deus intervém miraculosamente neste mundo, mas sempre em regime de exceção. Normalmente, ele age por intermédio dos meios naturais.

O neopentecostalismo, por enfatizar a ação sobrenatural e miraculosa de Deus no mundo (a qual não negamos, diga-se), acaba por negligenciar a importância da operação do Espírito Santo por meios secundários e naturais. Essa negligência torna-se mais séria quando nos conscientizamos de que o Espírito normalmente trabalha por intermédio de meios ordinários (em contraste aos extraordinários) para salvar os pecadores. Acredito não ser difícil provar que a esmagadora maioria dos cristãos foi salva por intermédio de meios secundários – como o testemunho de alguém, a leitura da Bíblia, a pregação da Palavra – e não por intervenções miraculosas e extraordinárias, como foi a conversão de Paulo.

Como resultado do sobrenaturalismo neopentecostal, as igrejas reformadas por

ele afetadas tendem a considerar os meios ordinários como sendo espiritualmente inferiores. Um bom exemplo é a tendência de considerar o fato de tomar remédios como falta de fé por parte do crente adoentado. Um outro resultado é a diminuição da pregação do Evangelho como meio de salvação dos pecadores e a ênfase na realização de milagres como meio evangelístico. Assim, a obra do Espírito na Igreja e no mundo mediante meios naturais secundários é negligenciada, com graves e perniciosos efeitos na vida dos que abraçam a cosmovisão neopentecostal.

As consequências desta maneira de ver a realidade espiritual são sérias para a área do conflito da igreja contra as hostes das trevas, pois a concebe apenas em termos do sobrenatural, negligenciando o ensino bíblico de que Satanás procura atingir a Igreja de Cristo pela carne e pelo mundo – meios que não são necessariamente sobrenaturais.

Conquanto devamos dar as boas-vindas a todo e qualquer movimento na igreja que venha a nos ajudar a melhor nos preparar para enfrentar os ataques das hostes malignas contra a igreja, este movimento polêmico tem trazido algumas preocupações sérias a pastores, estudiosos e líderes evangélicos no mundo todo, não somente das igrejas evangélicas históricas, como até mesmo de igrejas pentecostais clássicas.1 Mesmo organizações evangélicas internacionais de caráter inclusivista, como o Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial, têm expressado suas preocupações com os ensinos deste movimento, numa - declaração do seu Grupo de Trabalho feita em 1993, em Londres.2

Existem várias razões para essa preocupação. Uma delas é que o movimento, onde tem ganho a adesão de pastores e comunidades, tem produzido um tipo de cristianismo em que a luta contra a atividade satânica se tornou o centro e mesmo a razão de ser da existência desses ministérios e igrejas. Nesses casos, embora geralmente as doutrinas fundamentais da fé cristã não tenham sido negadas (há exceções), elas são, via de regra, relegadas a plano secundário, desaparecendo do ensino e da liturgia. O que resulta é um cristianismo distorcido, deformado, reduzido e incompleto, onde doutrinas como a salvação

pela fé somente, mediante o sacrifício redentor, único e expiatório de Cristo, a doutrina da pessoa de Cristo, sua mediação e ofícios, e doutrinas como a da queda, da depravação do homem, da santificação progressiva mediante os meios de graça, são negligenciadas. Não é que essas igrejas e os proponentes do movimento neguem necessariamente esses pontos; mas certamente não lhes dão a ênfase necessária e devida, que recebem nas próprias Escrituras.

O fato é que o movimento de "batalha espiritual" tem produzido o surgimento de novas igrejas (e mesmo denominações) cujo ministério principal é a expulsão de demônios e a "libertação" de crentes e descrentes da opressão demoníaca em todos os níveis (espiritual, moral e física, bem como geográfica, estrutural e social). Mas não somente isso — as ideias e práticas difundidas pelo movimento têm se infiltrado nas igrejas históricas, cativando muitos dos seus pastores, oficiais e membros.

O objetivo deste capítulo é apresentar alguns princípios bíblicos pelos quais os evangélicos em geral poderão orientar sua compreensão acerca de tema tão atual e polêmico.[3]

A Necessidade de Princípios Bíblicos

A melhor maneira de abordarmos assuntos polêmicos é colocá-los dentro de seus contextos maiores. Se tivermos a visão do todo, poderemos com mais exatidão entender suas partes. Por exemplo, uma pessoa que tenta achar um endereço numa cidade simplesmente procurando as placas com o nome das ruas pode acabar desorientada e perdida. Se ela, porém, tiver um mapa que lhe dê uma visão mais ampla da área onde se encontra, que lhe mostre as ligações entre as ruas, poderá mais facilmente encontrar seu destino. Da mesma forma, quando colocamos o tema do confronto da igreja com as hostes das trevas dentro de um contexto maior e percebemos as ligações com outras áreas teológicas, podemos melhor entendê-lo.

Em termos do conhecimento teológico global, o assunto não pertence a uma área somente. Quando falamos da polêmica entre salvação pela fé e/ou pelas obras, facilmente identificamos que o assunto pertence à área de soteriologia, ou seja, o estudo da salvação, uma área da enciclopédia teológica. Se tivermos uma boa compreensão dos princípios e fundamentos que orientam a soteriologia, poderemos mais facilmente entender tudo o que está envolvido nessa polêmica. Mas a luta entre a igreja e Satanás não se enquadra em uma área somente, muito embora a demonologia bíblica, que por sua vez é um departamento da angelologia (o estudo dos anjos bons e maus), certamente seja a principal área afim. O fato é que os ensinos e práticas da "batalha espiritual" levantam questões sérias relacionadas com diversas áreas do nosso conhecimento de Deus.

Quando, por exemplo, alguns dos defensores do movimento falam de Satanás como se fosse um poder independente, autônomo e livre para fazer o mal neste mundo, está indiretamente entrando na área que trata dos decretos de Deus e da sua maneira de governar o mundo. Ainda, quando alguns revelam possuir informações extrabíblicas sobre o mundo invisível dos anjos e demônios – como, por exemplo, o nome de determinados demônios e os locais geográficos onde supostamente habitam – está entrando na epistemologia, ou teoria do conhecimento. Essa área trata do modo pelo qual conhecemos as coisas ao nosso redor, inclusive o acesso humano ao conhecimento do mundo espiritual invisível, onde habitam e atuam os seres espirituais como anjos e demônios. Semelhantemente, quando todo tipo de mal que existe no mundo, quer moral ou circunstancial (como doença, dor, desemprego, etc.), é atribuído aos demônios, levanta-se a antiga discussão acerca da origem dos males e sofrimentos neste mundo presente. E quando é dito que os cristãos podem ser possuídos por um espírito maligno (ou ficar demonizados, para usar um termo mais em voga), estamos de volta à soteriologia – ou seja, qual a situação dos salvos diante dos ataques de demônios – e entramos também na cristologia, indagando qual a relação entre a obra vitoriosa e consumada de Cristo e a atividade satânica no presente.

Quando procuramos entender os conceitos da "batalha espiritual" a partir de

princípios gerais que controlam as diversas áreas abrangidas pelo tema, poderemos ter alguns trilhos sobre os quais poderemos conduzir o assunto. No que se segue, procuro analisar quatro desses princípios que têm importância fundamental para ele: a soberania de Deus, a suficiência das Escrituras, a queda da raça humana e a suficiência da obra de Cristo. Acredito que se forem compreendidos adequadamente pelos leitores, funcionarão como balizadores seguros pelos quais poderão prosseguir com maior certeza no conflito diário que enfrentamos contra as hostes espirituais da maldade.

Quatro Princípios Fundamentais

1. Deus é Soberano Absoluto do seu Universo

O título acima expressa um dos ensinamentos mais relevantes das Escrituras para o tema desse ensaio. Um soberano é alguém que está revestido da autoridade suprema, que governa com absoluto poderio, que exerce um poder supremo sem restrição nem neutralização. Quando dizemos que Deus é soberano, significa que ele tem poder ilimitado para fazer o que quiser com o mundo e com as criaturas que criou, e que nenhuma delas pode, ao final, frustrar seus planos. Podemos fazer algumas afirmações quanto a essa doutrina:

A soberania absoluta de Deus sobre sua criação percebe-se claramente nas Escrituras. No Pentateuco, Deus revela-se como o Criador do mundo visível e invisível e da raça humana. Ele é o Libertador dos seus e o Legislador que soberanamente passa leis que refletem sua santidade e exigem obediência plena de suas criaturas. Ele exerce total controle sobre a natureza que criou, intervindo em suas leis naturais, suspendendo-as (milagres). Assim, em contraste com os deuses das nações, ele é o supremo soberano do universo, acima de todos os deuses, que os julga e castiga, bem como aos que os adoram. Nos livros Históricos, lemos como Deus cumpre soberanamente suas promessas feitas a Abraão de dar uma terra aos seus descendentes, introduzindo-os e

estabelecendo-os em Canaã, e ali mantendo-os, até expulsar os cananitas por causa da desobediência deles. Os Salmos e os Profetas celebram a soberania de Deus sobre sua criação e sobre seu povo. É ele quem reina acima das nações e de seus deuses falsos, quem controla o curso desse mundo. Nele seu povo sempre pode confiar e depender.

O mesmo reconhecimento encontramos nas Escrituras do Novo Testamento. Na plenitude dos tempos, Deus envia soberanamente seu filho e dá testemunho dele por meio de milagres poderosos, ressuscitando-o de entre os mortos. Esses eventos, bem como os que se seguiram na vida dos apóstolos e da igreja nascente, ocorreram como o cumprimento da vontade de Deus. Esse ponto vemos claramente nos Evangelhos e no livro de Atos: a morte e a ressurreição de Jesus (At 2.23), bem como a oposição contra a igreja (At 4.27-29), são simplesmente o cumprimento da soberana vontade divina, acontecendo como cumprimento das Escrituras. Para os apóstolos, "as profecias feitas no Antigo - Testamento governavam o decurso da história da igreja"[4]. Assim, o derramamento do Espírito (2.17-21), a missão aos gentios (13.47), a entrada dos gentios na igreja (15.16-18), a rejeição de Cristo por parte dos judeus (28.25-27) – todos esses eventos e outros mais são vistos pelos autores do Novo Testamento como atos redentores de Deus na história. No livro de Atos encontramos claramente o conceito de que a vida da igreja foi dirigida por Deus. A cada etapa do progresso dos missionários, Deus intervém para guiá-los, pela atuação do Espírito (At 13.2; 15.28; 16.16), anjos (At 5.19-20; 8.26; 27.23), de profetas (At 11.28), e, às vezes, por intermédio dele próprio (At 18.9; 23.11). A presença dos sinais e prodígios realizados em nome de Jesus pelos apóstolos e pelas pessoas associadas aos apóstolos (At 3.16; 14.3; 19.11) atestava que era o próprio Deus que levava avante a história da igreja (15.4).

A soberania de Deus é ensinada no conceito de reino de Deus. Talvez seja o conceito bíblico do reino de Deus o que melhor expressa a soberania de Deus sobre o universo que formou. Tal conceito está presente em toda a Bíblia e mesmo estudiosos renomados têm insistido em que é o conceito central das Escrituras, do qual se derivam todos os demais.[5] De maneira simples e sucinta, significa o domínio supremo de Deus sobre suas criaturas, mesmo as que se encontram em estado de rebelião aberta contra ele; embora na época presente

Deus permita que essa rebelião permaneça, já tem determinado o dia em que será conquistada e quando então reinará tendo tudo e todos sujeitos ao domínio de seu Filho (1Co 15.23-28). O domínio de Deus se estende no presente sobre as ações e vida de suas criaturas, sem que isso represente uma intrusão na liberdade delas em escolher e decidir moralmente. Ao final, porém, a vontade do Rei prevalecerá sobre todas elas, sem que nenhuma delas possa acusá-lo de determinista.

A igreja sempre reconheceu o ensino bíblico sobre esse ponto. Os autores da Confissão de Fé de Westminster exprimiram o conceito da soberania de Deus de forma muito adequada. Eles escreveram que existe apenas um Deus vivo e verdadeiro, que é um espírito puríssimo, infinito em seu ser e em seus atributos, invisível, imutável, amoroso, misericordioso, gracioso, paciente, imenso, incompreensível, todo-poderoso, santíssimo, livre e totalmente absoluto, fazendo todas as coisas de acordo com sua santíssima vontade e de acordo com o seu querer justo e imutável (Capítulo 2, § 1). Eles ainda acrescentaram que Deus possui em si mesmo toda vida, glória, bem-aventurança, e que é suficiente em si mesmo, e que não precisa de nenhuma das criaturas que fez, que ele exerce o mais soberano domínio sobre elas, para por meio delas, para elas e sobre elas, fazer o que lhe agradar. A ele é devido, da parte de anjos e homens, ou qualquer outra criatura, a adoração, o serviço e a obediência que ele assim requerer (Capítulo 2, § 2). Uma das evidências bíblicas que citam é que foi do agrado desse Deus soberano escolher os que quis para salvação e destinar os rebeldes para o castigo eterno (Capítulo 3, § 7; cf. Mt 11.25-26; Rm 9.17-18,21-22; 2Tm 2.19-20; d 4; 1Pe 2.8).

A tradição reformada – seguindo o ensino de Agostinho – entende o ensino bíblico sobre a soberania de Deus em termos absolutos. Agostinho considerava que os planos de Deus não podiam ser obliterados, nem sua vontade obstruída ao final. Calvino, similarmente, concebia a soberania de Deus como o poder determinante do universo (ao mesmo tempo em que insistia que a responsabilidade dos seres morais não era aniquilada). Veja, por exemplo, o que ele escreveu nas Institutas, no capítulo “O Resumo da Vida Cristã”:

Nós não somos de nós mesmos, nós somos de Deus. Para ele, então, vivamos ou morramos. Nós somos de Deus. Para ele, então, dirijamos cada parte de nossas vidas. Nós não somos de nós mesmos; então, até onde possível, esqueçamo-nos de nós mesmos e das coisas que são nossas. Nós somos de Deus; então, vivamos e morramos para ele (Rm 14.8) e deixemos a sua sabedoria presidir todas nossas ações.[6]

Não quero com isso dizer que outras linhas teológicas não reconheçam o ensino bíblico sobre a soberania de Deus. Na verdade, creio que teólogos em geral, de qualquer orientação doutrinária, estão prontos a reconhecer o ensino bíblico sobre esse assunto. Apenas destaco que, na minha opinião, foram os reformadores e os puritanos que mais coerentemente entenderam e enfatizaram a soberania de Deus sem com isso detrair da responsabilidade das criaturas moralmente responsáveis, como os homens e os anjos, bons e maus, e Satanás, entre esses últimos.

O próprio Satanás está debaixo da soberania divina. Embora não esteja muito claro na Bíblia, a Igreja cristã sempre entendeu que Satanás foi originalmente um dos anjos criados por Deus, talvez um querubim de grande beleza e poder, que desviou-se do seu estado original de pureza e, motivado pela vaidade e pela soberba, rebelou-se contra Deus, desejando ele mesmo ocupar o lugar da divindade (Isaías 14 e Ezequiel 28). Punido por Deus com a destruição eterna, o anjo rebelde tem, entretanto, a permissão divina para agir por um tempo na humanidade, a qual, por intermédio de seu representante Adão, acabou por seguir o mesmo caminho do querubim soberbo. Pela permissão divina, Satanás e os demais anjos que aliciou dos exércitos celestiais cumprem nesse mundo propósitos misteriosos, que pertencem a Deus apenas. Alguns deles transparecem das Escrituras, que é o de servir como teste para os filhos de Deus e agente de punição contra os homens rebeldes.

O ensino bíblico é claro. Satanás, mesmo sendo um ser moral responsável e retendo ainda poderes inerentes aos anjos, nada mais é que uma das criaturas de Deus, e, portanto, infinitamente inferior a ele em glória, poder e domínio.

Mesmo que a Bíblia fale do reino de Satanás e de seu domínio nesse mundo (Ef 6.12; Lc 4.6; Jo 14.30) e advirta os crentes a que estejam alertas contra suas ciladas (Ef 6.11; 1Pe 5.8; Tg 4.7), jamais lhe atribui um poder independente de Deus, ou liberdade plena para cumprir planos próprios, ou capacidade para frustrar os desígnios do Senhor.

Assim, a Bíblia nos ensina que Satanás não pode atacar os filhos de Deus sem a permissão dele. Foi somente assim que Satanás pôde atacar o fiel Jó (Jo 1.6-12; 2.1-7), incitar Davi a contar o número dos israelitas (1Cr 21.1 com 2Sm 24.1) e peneirar Pedro e demais discípulos (Lc 22.31-32). Os crentes têm a promessa de que Deus só permitirá a tentação prosseguir até o limite individual de cada um (1Co 10.13), o que só faz sentido se o Senhor tiver pleno controle sobre a atividade satânica. Os autores bíblicos não viam esse controle do Deus santo e puro sobre a atividade satânica como uma insinuação potencial de que Deus era o autor do mal ou mesmo pactuasse com ele. Num universo em estado de rebelião contra o seu santo e soberano criador, onde habitavam seres morais responsáveis, decaídos espiritual e moralmente, é perfeitamente concebível que Deus, em seu plano de redenção, interagisse com homens e anjos decaídos, usando-os conforme seu querer soberano.

Em nossos dias, percebe-se claramente que a doutrina da soberania de Deus, como entendida pelos reformados, não é muito popular. Algumas dificuldades têm sido levantadas contra ela, como se vê das seguintes afirmações:

Homens e anjos podem frustrar os planos de Deus. Essa estranha ideia predomina em alguns arraiais evangélicos.[7] Estou bem consciente de que a doutrina de que há um Deus que reina supremo não é recebida favoravelmente entre os incrédulos. O salmista menciona que os príncipes desse mundo se uniram para tomar conselho contra Deus e seu Ungido (Sl 2.2-3). Nietzsche anunciou a morte de Deus e os secularistas e ateus resolveram ignorar Deus como uma realidade. Essa resistência está presente até mesmo entre cristãos. Para alguns deles, Deus é um ser divino afável, como eles mesmos. Devemos reconhecer que até mesmo os crentes mais fiéis lutam com o conceito da plena

soberania de Deus quando estão passando por sofrimentos. Contudo, o conceito bíblico da soberania do Senhor Deus permanece claramente expresso nas Escrituras.

Não há uma determinação última de Deus quanto ao universo. Teólogos famosos como Clark Pinnock têm defendido em nossos dias uma compreensão mais "moderada" da soberania de Deus do que a compreensão de Agostinho e de Calvino. Pinnock afirma que um controle soberano da parte de Deus nega a habilidade e a liberdade das pessoas em escolher obedecer a Deus ou voltar-se contra seu propósito. Ele sugere que Deus criou o mundo com uma certa medida de autodeterminação, e que governa um mundo livre e dinâmico, onde não há nada determinado de forma fixa ou definitiva. A soberania de Deus, ele sugere, é algo aberto e flexível.[8] Pinnock tem recebido muitas críticas de teólogos reformados hoje. Sua ideia de soberania de Deus não faz justiça ao ensino da Bíblia acerca do reino de Deus nesse mundo.

A soberania de Deus o torna autor do pecado e do mal. Muitas pessoas não conseguem entender como Deus pode ser soberano e ao mesmo tempo permitir que o mal impere. James Long, preocupado com essa questão, escreveu:

Eu me importo com paradoxos. Deus reina. O mal também parece reinar. Eu quero ver como as Escrituras relacionam os dois. Quase 20% dos seis bilhões de pessoas desse planeta vivem em absoluta pobreza e sofrimento. A fé cristã deve ter uma boa explicação para isso, se é que vai fazer sentido para eles.[9]

Sem querer fazer de Deus o autor do mal, e sem querer menosprezar o sofrimento desses milhões de pessoas, ouso dizer que a Bíblia tem, de fato, uma solução para esse problema. Possivelmente, a melhor maneira de entender como os autores bíblicos – em especial os do Novo Testamento – abordaram esse - ponto, é tomarmos conhecimento do que eles ensinaram acerca das duas eras.

Enquanto os gregos tinham uma ideia da história como se movendo em círculos, uma repetição sem fim dos eventos — e, portanto, algo sem sentido, sem controle, sujeito ao acaso e ao capricho dos deuses — os judeus tinham um conceito linear da história. A história, para eles, se dividia em duas partes, o olam hazé, a era presente, em que Israel estava sofrendo debaixo do domínio de seus inimigos, e o olam habá, a era vindoura, o mundo por vir, quando Israel seria libertado pelo Messias de seus inimigos, se tornaria o centro do mundo e Deus seria adorado e reconhecido por todas as nações pagãs. Essa nova era seria introduzida pelo Messias, quando viesse em glória e poder para destruir os opressores do povo de Deus.

Segundo o Novo Testamento, vivemos hoje no período em que as duas eras se sobrepõem. A coexistência das duas eras traz tensões que o Novo Testamento expõe de forma clara: Cristo já reina, mas ainda não liquidou literalmente todos os seus inimigos, como Satanás e a morte (1Co 15.20-28; Hb 2.8). O reino de Deus já está entre nós, mas ainda temos de orar “venha o teu reino”. Já estamos salvos da condenação do pecado, mas ainda não da sua presença e da morte que ele acarreta. Já temos as primícias do Espírito, já experimentamos os poderes do mundo vindouro, mas ainda não em sua plenitude (1Co 13.9-13). Já estamos ressuscitados com Cristo, mas ainda não fisicamente. É à luz desta tensão que podemos entender que o diabo já foi vencido, despojado, limitado e amarrado, mas ainda não destruído (cf. 1Co 15.24).[10]

Procuremos entender claramente este ponto. Nos Evangelhos, Satanás é representado como sendo um inimigo vencido. Os demônios são expulsos inexoravelmente. Eles se aproximam de Jesus não como negociadores em pé de igualdade, mas como suplicantes (Mc 1.23-28; 5.1-20). O Senhor Jesus declara que Satanás está amarrado (Mc 3.27; Mt 12.29; Lc 11.21-22). Por outro lado, a destruição final de Satanás é vista como ainda no futuro (Mt 25.41). Esta tensão faz parte do ensino de Jesus acerca do Reino de Deus, que já é presente, mas ainda vindouro.[11]

Temos de manter os dois pontos desta tensão em perfeito equilíbrio. Somente

assim poderemos conciliar os dois ensinos bíblicos de que, por um lado, o Deus santo e bom reina supremo no mundo, e por outro, que Satanás e o mal parecem igualmente reinar.

O reconhecimento da soberania de Deus tem profundas implicações na vida do cristão. Em meio às dificuldades, provações, sofrimento e adversidade da época presente, ele encontrará profundo conforto em confiar no Deus que está em perfeito controle da situação, e que a seu tempo e ao seu modo haverá de prover o que for necessário para o bem de seu filho. A Bíblia está repleta de exemplos de heróis e heroínas da fé que repetidamente afirmaram sua confiança no poder de Deus para fazer tudo certo. Segundo Jay Adams, "a soberania de Deus é a verdade última e definitiva que satisfaz as necessidades humanas".[12]

Quando essa doutrina não é corretamente entendida e aplicada, duas consequências igualmente perniciosas se seguem. Uma é a frustração em vez de resignação humilde. Os que aplicam a doutrina da soberania de Deus inconsistentemente e de forma superficial acabam caindo no "louvar a Deus apesar de tudo…" Em vez de uma submissão voluntária e paciente à vontade do soberano e amoroso Senhor do universo, desenvolvem um espírito de rebeldia e ingratidão. E a outra tendência é esquecer a responsabilidade pessoal. Essa última tendência ataca especialmente os calvinistas.

Mas o entendimento correto da soberania de Deus pode trazer ao aflito e deprimido muita paz e esperança, pois lhe assegura que existe ordem e propósito para todas as coisas.[13] Um bom exemplo disso é o famoso batista calvinista Charles Spurgeon. Ele padeceu de gota e artrite durante toda sua vida, bem como da profunda depressão causada por essas doenças. Segundo John Piper, o segredo de sua perseverança foi entender a depressão como parte do plano de Deus para sua vida. Sua confiança inabalável na soberania divina evitou que ficasse amargurado com Deus, e habilitou-o a perceber que Deus estava usando o sofrimento para derramar ainda mais abundantemente o poder de Cristo por meio de seu ministério, e prepará-lo para ser ainda mais frutífero.[14]

Quando as pessoas perdem a soberania de Deus de vista, acabam por exagerar os poderes de Satanás e a sua liberdade para fustigar e afligir os crentes. Acabam por perder a paz, a alegria e a liberdade para servir ao Senhor livremente. Portanto, reconhecer que Deus é soberano absoluto do universo que criou, nos permite entender o ensino bíblico sobre a batalha espiritual da perspectiva correta e colocar o diabo em seu devido lugar.

2. As Coisas de Deus só Podem ser Conhecidas pelas Escrituras

Esse é o segundo ponto que, no meu julgamento, tem importância crucial para nosso entendimento da batalha espiritual. Ele trata da suficiência das Escrituras quanto ao conhecimento que precisamos ter acerca de Deus, da sua vontade, suas promessas e do misterioso mundo celestial, onde invisivelmente se movimentam os anjos e os demônios. Há dois aspectos que precisamos destacar aqui.

A exclusividade da Escritura. A Bíblia é a única fonte adequada e autorizada por Deus pela qual obter informações acerca das coisas espirituais e que pertencem à salvação. Portanto, ela exclui qualquer outra fonte. Muito embora Deus se revele por meio da sua imagem em nós (consciência, Rm 2.14-15) e das coisas criadas (Rm 1.19-20), entretanto é por intermédio de sua revelação especial nas Escrituras que nos faz saber acerca do mundo invisível e espiritual que nos cerca. Assim, muito embora possamos depreender alguma coisa acerca de Deus pelo conhecimento de nós mesmos e do mundo criado, é exclusivamente nas Escrituras que encontraremos a revelação clara e plena de Deus para a humanidade.

A suficiência da Escritura. A Bíblia traz todo o conhecimento que precisamos para servir a Deus de forma agradável e para vivermos alegres e satisfeitos no mundo. Mesmo não sendo uma revelação exaustiva de Deus e do reino celestial, a Escritura, entretanto, é suficiente naquilo que nos informa a esse respeito.

Aplicando ao tema do nosso ensaio, isso implica duas coisas:

A única fonte autorizada que temos para conhecer o misterioso mundo angélico onde se movem anjos e demônios é a Bíblia. Mesmo que existam muitos conceitos e ideias acerca dos demônios, advindos da superstição popular, da crendice e de experiências pelas quais as pessoas passam, é somente nas Escrituras que encontramos conhecimento seguro acerca de Satanás e de sua atividade nesse mundo. Ela é singular e exclusiva.

A Bíblia contém tudo o que Deus desejava que conhecêssemos a respeito de Satanás. O ensino que ela nos oferece sobre os demônios e suas atividades é suficiente para que possamos estar sempre prontos para resistir às suas investidas e para ajudar as pessoas que se encontram cativas por eles. Ou seja, tudo que precisamos saber para travarmos uma guerra espiritual contra as hostes espirituais da maldade está revelado nas páginas da Escritura, e isso inclui conhecimento das ciladas astutas do diabo e a maneira correta de procedermos diante delas. A Bíblia é nosso manual de combate espiritual. Ela nos revela o caráter de nosso inimigo, suas intenções e artimanhas, e de que modo podemos ficar firmes contra suas ciladas.

Assim, os estudiosos costumavam escrever “demonologias bíblicas” que nada mais eram que uma sistematização do ensino das Escrituras acerca de Satanás, seus anjos, e sua atividade nesse mundo.[15] Os puritanos, por exemplo, escreveram muitas obras acerca do conflito entre os cristãos e o diabo, que, no geral, sempre eram baseadas no que a Bíblia dizia sobre os demônios e suas atividades.[16] Contudo, em nossos dias, assistimos com perplexidade ao crescimento espantoso de “demonologias” que se utilizam de outras fontes de - conhecimento acerca do reino das trevas além das Escrituras, a ponto de afinal contradizerem o ensino da mesma, ou de a complementarem. Tanto a exclusividade quanto a singularidade da Escritura nesses assuntos foram deixados para trás. O resultado tem sido um ensino acerca de batalha espiritual e de métodos de evangelização bem distorcido e diferente daquele ensinado pelas

Escrituras. Em geral são usadas quatro fontes de onde se extraem conhecimento extrabíblico sobre a atividade demoníaca.

Experiências pessoais. Alguns exemplos deverão bastar para que possamos entender o que estou dizendo. Uma das mais sérias deficiências do livro "A igreja e a Batalha Espiritual", escrito por Neusa Itioka, diz respeito às suas fontes. É surpreendente encontrar nas notas bibliográficas fontes como "fatos constatados e verificados nas ministrações pessoais", depoimentos pessoais e testemunhos de ex-pais-de-santos. É dessas últimas "fontes" que a autora tira o fundamento para grande parte do seu livro. Por exemplo, a sua convicção de que crentes verdadeiros podem ficar endemoninhados baseia-se não em exegese das Escrituras, mas na narrativa de várias experiências que teve.[17] *Itioka frequentemente menciona experiências pessoais para provar suas convicções. Ela afirma, com base na sua experiência de aconselhamento, que certos demônios "adquirem" o direito de se sentarem no pescoço das pessoas. Com base em testemunhos, ela afirma que as orações da igreja diminuem o índice de criminalidade, roubo e violência, que as entidades de uma rua podem ser atadas, etc. Uma de suas crenças mais curiosas, a de que determinadas igrejas têm entidades malignas que se alimentam dos pecados não resolvidos da comunidade e seus pastores, é defendida principalmente com base em vários testemunhos. O que é ainda mais preocupante: Itioka faz várias especulações sobre os demônios que dominam o Brasil baseadas na doutrina da umbanda sobre estas entidades.*[18]

Um outro exemplo é o artigo seminal de Peter Wagner sobre "Espíritos Territoriais e Missões Mundiais" publicado em 1989.[19] Nesse artigo, Wagner admite que seu conhecimento sobre "espíritos territoriais" baseia-se - principalmente na sabedoria popular sobre o assunto.[20] Mas não para aí. Ele tenta um cálculo do número de demônios que existem baseado nas informações de um ex-pai-de-santo da Nigéria, a quem Satanás teria designado autoridade sobre um determinado número de demônios, que por sua vez tinham controle sobre outro número.[21] Wagner defende a tese de "casas mal-assombradas" com base na experiência de missionários em Serra Leoa.[22] A maior parte do artigo é empregado por Wagner para amontoar experiências após experiências de campos missionários, que supostamente provam a existência de demônios que são

autoridades locais.[23] Wakely observa que as experiências citadas por Wagner para defender a existência e atuação de “espíritos territoriais” são muito - limitadas e cuidadosamente selecionadas.[24] Ele mostra, por exemplo, que a maioria das ilustrações que Wagner usa em seu livro Oração de Guerra são tiradas da Argentina, especialmente do ministério do evangelista argentino Carlos Annacondia, que se utiliza das táticas da “batalha espiritual”. Wakely nota, porém, que Wagner não menciona os casos em que estes métodos foram empregados sem qualquer resultado, e nem os casos em que houve conversões em massa, implantação de novas igrejas e crescimento genuíno de igrejas sem que esses métodos tivessem sido utilizados. Por deixar de mencionar que outras igrejas e missões, que não a de Annacondia, estão tendo o mesmo resultado quanto ao crescimento numérico, Wagner deixa de fornecer uma informação importante para que o leitor julgue os métodos de Annacondia dentro do contexto argentino global.[25]

Revelações dos próprios demônios. A certa altura do seu artigo já mencionado, Wagner menciona seis potestades mundiais que estão imediatamente abaixo de Satanás na hierarquia satânica, cujos nomes são Damião, Asmodeo, Menguelesh, Arios, Beelezebub, e Nosferatus. Estes demônios e seus nomes, segundo Wagner, foram descobertos por Rita Cabezas, que fez pesquisas extensas sobre a hierarquia satânica, usando métodos que Wagner prefere não citar, mas que estão relacionados com o ministério de psicologia e libertação de Cabezas e com revelações divinas que ela recebeu por meio de “palavras de conhecimento”.[26] Não é difícil, para quem lê as obras de Rita Cabezas, perceber qual o método que ela usa para “descobrir” os mistérios da hierarquia satânica. Em seu último livro (Desmascarado [São Paulo: Renascer, 1996]), Cabezas narra longos diálogos que teve com demônios (falando por meio de pessoas endemoninhadas), os quais não somente lhe revelaram seus nomes, como também lhe deram informações sobre outros demônios. Ela afirma que não é correto basear sua teologia no que demônios dizem, mas acrescenta “... tenho a impressão que aquele demônio dizia a verdade...” (p. 216). Esse é apenas um exemplo. Nos ensinos e práticas do movimento há muitas outras informações sobre os demônios adquiridas pelo mesmo método.

Pesquisas psicológicas. Uma outra fonte extrabíblica utilizada para se obter

conhecimento sobre o mundo espiritual são as pesquisas científicas. Mais - conhecimento sobre os sintomas da possessão demoníaca em contraste a distúrbios mentais tem sido buscado por intermédio desse método. Estudiosos na área de psicologia pastoral têm publicado relatórios onde procuram distinguir a possessão demoníaca de doenças mentais pela observação e análise em seus consultórios médicos.[27] A Bíblia narra diversos casos de possessão demoníaca, mas nos oferece pouca informação acerca dos seus sintomas. No geral, os autores bíblicos não estão interessados na psicologia desses casos, e os narram apenas do ponto de vista teológico, para mostrar o poder libertador de Deus por meio de Cristo e sua soberania sobre o reino das trevas.

Devemos obter toda a ajuda que pudermos para diagnosticar as verdadeiras causas do sofrimento das pessoas. Nesse sentido, pesquisas assim são bem-vindas. Mas não é fácil distinguir entre possessão demoníaca e distúrbios - mentais. O Senhor Jesus e os apóstolos não tinham qualquer dificuldade em saber o que era o que, mas gozavam de uma posição especial que não nos parece ser a mesma que os cristãos de hoje ocupam. Muito embora os cristãos tenham discernimento espiritual, é patente que muitos erros e abusos têm ocorrido nessa área, por parte de pastores, conselheiros e obreiros em geral, especialmente nos chamados "ministérios de libertação". Num recente artigo acerca do tratamento dos distúrbios da "múltipla personalidade" (um estado psiquiátrico doentio em que as pessoas apresentam várias diferentes personalidades), Christopher Rosik adverte que os pastores devem ter cuidado para não diagnosticar DMP (distúrbios de múltipla personalidade) como sendo possessão demoníaca. Usar exorcismo num paciente de DMP é uma atitude inaceitável, e muitos terapeutas a consideram como sendo extremamente prejudicial ao paciente.[28]

A necessidade de cautela fica ainda mais patente quando descobrimos, para nosso desânimo, que os pesquisadores nessa área não conseguem chegar a um acordo quanto aos sintomas que claramente distinguem possessão demoníaca de desordens mentais. Alguns estudiosos, como Isaacs, afirmam que a perda do autocontrole, ouvir vozes ou ter visões, a presença de outras personalidades dentro da pessoa, rejeição de itens religiosos, flutuações entre personalidades, comportamento suicida e destrutivo, ocorrências paranormais ou parapsicológicas, são sintomas claros de possessão demoníaca.[29] Geralmente

apontam para abuso sexual na infância como sendo uma das portas de entrada dos demônios. Rosik, por outro lado, identifica um passado de abuso sexual, ouvir vozes dentro da cabeça, comportamento anormal do qual o paciente não se lembra, tratamentos anteriores que não funcionaram, comportamento autodestrutivo, depressão e dor de cabeça severa, como sintomas de DMP. Afirma ainda que o doente típico de DMP pode ter até mesmo quatorze personalidades distintas.[30] Não é meu objetivo nessa parte do estudo entrar no assunto da possessão demoníaca, apenas quero mostrar que andamos em terreno escorregadio quando tentamos obter conhecimento acerca do mundo espiritual usando outras fontes que não a revelação divina.

Conceitos pagãos sobre demônios. Muita coisa ensinada pela "batalha espiritual" assemelha-se à sabedoria pagã sobre os espíritos maus, como os conceitos de "casa mal-assombrada", quebra de maldições, etc. Gary Greenwald afirma num artigo que é possível que espíritos malignos sejam transferidos para crentes de seis maneiras: viver numa cidade onde os espíritos dominantes seduzem os crentes; viver em associação com descrentes; assistir fitas de cinema ou vídeo que expõem pornografia e violência; transferência de espíritos de antepassados ímpios; imposição de mãos por parte de pessoas erradas; líderes espirituais que não são realmente homens de Deus.[31] Podemos concordar que algumas dessas coisas mencionadas acima são perniciosas para o crente e que ele deve evitá-las. Mas daí a aceitarmos a ideia de que elas transferem maus espíritos aos crentes, vai uma grande distância. Essa conclusão não é corretamente inferida das Escrituras, muito embora o autor tente fazer referência a algumas passagens que julga que provam seu ponto. O conceito de transferência de espíritos malignos para crentes parece muito mais um conceito pagão do que bíblico. Soa como o conceito de "mau-olhado" da umbanda.[32]

Já outro autor, escrevendo sobre como uma família crente deve consagrar ao Senhor a casa onde mora, defende que pode haver demônios morando nela se os moradores anteriores foram ímpios, e recomenda que os crentes façam uma operação de limpeza, removendo todos os traços de pecado e expulsando os demônios daquele lugar. O mesmo deve ser feito em quartos de hotéis e escritórios.[33] Evidentemente, todos os cristãos desejam morar num lugar onde Deus seja o Senhor, mas as Escrituras não nos ensinam a fazer rituais de

purificação de casas ou outros locais para que isso ocorra. Deus habita em nós, e se habitamos numa casa, nossa presença santifica aquele local. A ideia parece ter sido importada das religiões pagãs, especialmente da umbanda e do baixo espiritismo.

Os perigos que correm os cristãos que adotam uma demonologia ou uma visão de batalha espiritual que vai além dos padrões da Palavra de Deus são devastadores. Via de regra, os que têm ido além das Escrituras acabam caindo numa demonologia semipagã. Defensores dessa nova teologia, mesmo apresentando às vezes bom material bíblico, são tendentes a especulações fantásticas e imaginações espetaculares. Os que veem a dor, o sofrimento, as doenças, a depressão, o desemprego, os conflitos pessoais e o pecado — enfim, toda a miséria que existe no mundo ao seu redor — sempre em termos de batalha espiritual, correm diversos riscos quanto à sua fé. Enumero em seguida três deles:

Falsa compreensão. Quando aceitamos a ideia de que vivemos num mundo onde todo mal se origina na atuação direta de Satanás ou alguns de seus demônios, perdemos de perspectiva o ensino bíblico de que somos responsáveis pelos nossos pecados e pelas consequências dos mesmos, que geralmente nos trazem dor e sofrimento. E podemos até mesmo começar a questionar se a disciplina espiritual é de algum valor para quebrarmos o poder dos hábitos pecaminosos em nossa vida, já que acreditamos que estes se resolvem pela expulsão de entidades espirituais responsáveis pelos mesmos.

Temor doentio. Pessoas que percebem a vida cristã exclusivamente em termos de batalha espiritual, logo começam a ver conexões sinistras e macabras entre os eventos do dia-a-dia e as atividades de demônios, o que pode levá-las ao pânico ou a um comportamento paranoico.

Ilusão. Pessoas que experimentam umas poucas vezes a “vitória” sobre o inimigo podem adquirir uma falsa sensação de superioridade, de orgulho ou a

ilusão de terem "poder". Entretanto, a vitória pertence a Deus. Devemos nos lembrar que a maioria dos problemas que os cristãos experimentam procede de suas próprias faltas, defeitos, incoerências, idiossincrasias e enfermidades espirituais. Não estou negando que Satanás usa essas coisas para prejudicar nossa vida, apenas estou destacando que elas têm origem em nossa natureza decaída.

Se, porém, permanecermos confiantes na exclusividade e na suficiência do ensino da Escritura e permanecermos firmes no que ela nos ensina, poderemos entrar no combate espiritual perfeitamente equipados e tendo a perspectiva correta do que está acontecendo. Esse é um princípio fundamental que devemos manter a todo custo quanto ao tema da batalha espiritual.

3. A Humanidade está Decaída e Debaixo do Justo Juízo de Deus

Um terceiro princípio fundamental para colocarmos o assunto de "batalha espiritual" na perspectiva correta é lembrarmos do verdadeiro estado da humanidade diante de Deus. Creio que na raiz de uma demonologia defeituosa e inadequada, como a abraçada pelo moderno movimento de "batalha espiritual", encontra-se uma visão incorreta acerca da extensão dos efeitos do pecado na natureza humana e do estado do homem diante de Deus. Em outras palavras, falta o conceito bíblico de que o homem é um ser decaído moral e espiritualmente e debaixo do justo juízo divino.

Uma das grandes disputas durante a Reforma protestante versou sobre a natureza e a extensão do pecado original. Ele afetou Adão somente ou todo o gênero humano? A vontade do homem decaído é ainda livre ou escravizada ao pecado? No quinto século, Pelágio havia debatido ferozmente com Agostinho sobre esse assunto. Agostinho mantinha que o pecado original de Adão foi herdado por toda a humanidade e que, mesmo que o homem caído retenha a habilidade para escolher, ele está escravizado ao pecado e "não pode não pecar". Por outro lado, Pelágio insistia que a queda de Adão afetara apenas a Adão, e que se Deus exige

das pessoas que vivam vidas perfeitas, ele também dá a habilidade moral para que elas possam fazer assim. Ele reivindicou mais adiante que a graça divina era desnecessária para a salvação, embora facilitasse a obediência.

Agostinho teve sucesso refutando Pelágio, mas o pelagianismo não morreu. Várias formas de pelagianismo recorreram periodicamente através dos séculos. Lutero escreveu um livro A Escravidão da Vontade em resposta a uma diatribe de Erasmo, onde o mesmo defendia conceitos pelagianos. Lutero acreditava que Erasmo era “um inimigo de Deus e da religião Cristã” por causa do ensino dele sobre o pecado original.[34]

Embora nem sempre houvesse total concordância entre os cristãos, o ensino defendido por Agostinho, Calvino, Lutero, puritanos e teólogos reformados mais modernos, representou durante muito tempo o pensamento da maioria dos evangélicos. Atualmente, conceitos bastante similares aos de Pelágio parecem ter conseguido prevalecer entre os protestantes de maneira geral. Mas a teologia reformada continua afirmando que o pecado de Adão trouxe gravíssimas consequências aos seus descendentes. As duas principais são essas, como se segue:

A corrupção da natureza humana. Com esse termo se queria indicar a degeneração, perversão, depravação ou decadência espiritual e moral à qual a raça humana ficou sujeita após o pecado de seus primeiros pais, Adão e Eva. O pecado maculou a personalidade humana de tal maneira, que o homem é mais inclinado a praticar o mal que o bem. O primeiro casal, criado puro e inocente, após experimentar o pecado, já exibia sinais da corrupção interior: cada um tentou justificar seu erro colocando a culpa no outro e afinal em Deus (Gn 3.10-13). Depois disso, a história de seus descendentes é uma triste história de violência (Gn 4.8), poligamia (Gn 4.19), soberba e vingança (Gn 4.23) e -imoralidade (Gn 13.13; 18.20-21). Apesar de ainda existir algum bem nesse mundo (e isso somente pela graça de Deus), as pessoas sempre estão pensando em fazer coisas erradas (Gn 6.5). A descrição dada pelo salmista é estarrecedora:

Todos se tornaram imorais e fazem coisas horríveis; não há uma só pessoa que faça o bem... todos se desviaram do caminho certo e são igualmente maus. Não há mais ninguém que faça o que é direito, não há ninguém mesmo. (Sl 14.1-3, BLH)

O Senhor Jesus, ao explicar de que forma o homem se torna verdadeiramente impuro, apontou para o coração do homem como a fonte de toda sorte de impureza moral e espiritual:

É do coração que vêm os maus pensamentos que levam ao crime, ao adultério e às outras coisas imorais. São os maus pensamentos que levam também a pessoa a roubar, mentir e caluniar. São essas coisas que fazem alguém ficar impuro. (Mt 15.19-20, BLH)

Semelhantemente, o apóstolo Paulo, escrevendo aos Romanos e desejando mostrar que todos, sem exceção, são naturalmente corrompidos e inclinados ao mal, cita em série várias passagens do Antigo Testamento como prova da depravação total do homem:

Não há ninguém justo, ninguém que tenha juízo; não há quem adore a Deus. Todos se desviaram do caminho certo, todos se perderam. Não há mais ninguém que faça o bem, não há ninguém mesmo. Mentem e enganam sem parar. Mentiras perversas saem de suas línguas, e palavras de morte, como veneno de cobra, saem de seus lábios. As suas bocas estão cheias de terríveis maldições. Eles têm pressa de ferir e de matar. Por onde passam, deixam a destruição e a desgraça. Não conhecem o caminho da paz e não aprenderam a temer a Deus (Rm 3.10-18, Bíblia na Linguagem de Hoje).[35]

Essas passagens da Bíblia são suficientes para demonstrar o nosso ponto (ainda outras poderiam ser acrescentadas). Basta uma consulta sincera à nossa consciência, aliada a um exame da história humana e a uma olhada ao nosso redor para verificarmos que a Bíblia diagnostica de forma exata a situação da raça humana. Mesmo quem não abraça o ensino bíblico sobre a corrupção inata ao ser humano, não pode deixar de perceber como ela macula todas as instituições sociais. Escreveu Shakespeare:

Ah, se as propriedades, títulos e cargos não fossem fruto da corrupção! E se as altas honrarias se adquirissem só pelo mérito de quem as detém! Quantos, então, não estariam hoje melhor do que estão? Quantos, que comandam, não estariam entre os comandados?[36]

Os autores da Confissão de Fé de Westminster expressaram o ensino bíblico de forma sucinta e clara, no capítulo sobre a queda do homem, seu pecado e castigo (VI):

Por este pecado eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma.

Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária.

Desta corrupção original pela qual ficamos totalmente indispostos, adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal, é que procedem todas as transgressões atuais.

Todo o pecado, tanto o original como o atual, sendo transgressão da justa lei de Deus e a ela contrária, torna, pela sua própria natureza, culpado o pecador e por essa culpa está ele sujeito à ira de Deus e à maldição da lei e, portanto, exposto à morte, com todas as misérias espirituais, temporais e eternas.

Existem algumas ressalvas importantes a serem feitas para evitarmos uma falsa compreensão desse ensinamento. Seguem-se quatro delas.

A queda do homem não contradiz a presença do bem nele. Quando dizemos que a depravação é total, não estamos com isso querendo dizer que nunca ninguém tem pensamentos bons ou faz coisas certas. "Não há depravação, por absoluta que seja, que não traga, em seu aspecto exterior, algum traço de virtude".[37] O termo total aponta para o fato de que o pecado penetrou em todas as faculdades do homem e as contaminou, como pensamentos, emoções, vontade. Também indica que essa contaminação é de tal forma que, se deixado entregue a si mesmo, o homem seguirá naturalmente caminhos que o desviam de Deus e o levam cada vez mais ao pecado.

A queda do homem não contradiz a presença do bem no mundo. É preciso ressalvar que o ensino reformado da total depravação do homem não ignora a realidade óbvia de que há pessoas nesse mundo que fazem obras de caridade, que demonstram sentimentos de misericórdia e compaixão e que são capazes de sacrifícios os mais heroicos e altruístas por causas humanitárias e nobres. Apenas atribui tais atos não à natureza do homem em si, mas ao que denomina de a graça comum de Deus. Por esse termo os reformados designam aquelas operações graciosas e soberanas da providência de Deus, pelo seu Espírito, na humanidade em geral, restringindo as corrupções e as tendências malignas dos corações e promovendo atitudes de misericórdia, independentemente das crenças religiosas das pessoas, com o objetivo de preservar por mais um tempo o convívio humano, a existência da sociedade e a sobrevivência da raça humana. Dessa forma, se por um lado a humanidade é totalmente inclinada a fazer coisas erradas, por outro, é levada (na maioria das vezes de forma

inconsciente) por Deus a realizar atos de misericórdia e bondade, pelos quais a sua sobrevivência em sociedade é preservada. Caso Deus deixasse de atuar assim, a humanidade já teria se destruído há muito tempo (veja Gn 20.6; Sl 33.5; 104.13-15; Mt 5.45).

A queda do homem não exclui sua responsabilidade. O ensino reformado da depravação total também não exclui o reconhecimento de que as Escrituras ensinam que o homem, mesmo nesse estado decaído, é responsável pelos seus maus feitos. Alguns estudiosos alegam que o homem não pode ser responsabilizado pelos seus atos pecaminosos desde que é irresistivelmente inclinado a praticá-los. Porém, entendemos que a queda do homem de um estado de pureza e inocência para o de depravação moral e espiritual não anulou a sua responsabilidade diante de Deus. As Escrituras, mesmo afirmando a depravação moral e espiritual das pessoas, avisam-nas que são responsabilizadas por Deus pelos seus atos, e que sofrem as consequências dos mesmos (cf. Jz 9.56; Pv 5.22; 22.8; Jr 21.14; Rm 6.21,23; 2Co 5.10; Gl 6.8-9). Não é difícil constatar que frequentemente sofremos com os resultados de decisões, palavras e atitudes erradas que tomamos. A preguiça tem trazido pobreza a muitos. Uma vida desregrada traz doenças. A falta de domínio próprio tem provocado reações que levam ao homicídio. A embriaguez e o uso de drogas têm trazido sofrimentos indizíveis aos seus usuários e familiares. O amor ao dinheiro, a cobiça e a inveja têm traspassado a muitos com muitas dores. Nas palavras do escritor Jules Romains (1885-1972), "Se nossa época, se nossa civilização corre a uma catástrofe, isto se dá menos por cegueira, do que por preguiça e por falta de mérito."[38]

Este é o ponto que desejamos enfocar nesta parte do nosso ensaio: grande parte da miséria espiritual, moral, social, individual, financeira e estrutural que sempre aflige a humanidade é fruto, em primeiro lugar, dos pecados que ela comete. A humanidade em geral é responsável, em grande medida, pelo sofrimento moral, espiritual e físico que suporta durante sua existência. É verdade que há muitos e muitos casos em que pessoas sofrem como consequência não de seus erros, mas dos erros de outros — como por exemplo, os pais que perdem um filho atropelado por um motorista bêbado, ou os civis que sofrem durante uma guerra. Negar isso seria cruel. Mas não é esse o nosso ponto. O que estamos querendo

dizer é que, ou por nossa culpa ou pela de outros humanos, grande parte da miséria que nos acomete tem como raiz última esse estado de depravação e corrupção a que a desobediência dos nossos primeiros pais nos lançou, desobediência essa na qual incorremos por nós mesmos; pois até mesmo as catástrofes naturais — como terremotos, ciclones, secas e dilúvios — são atribuídos na Bíblia à desordem cósmica gerada pela queda do homem no jardim do Éden (cf. Gn 3.17-18; Rm 8.20-22).

A condenação e o castigo de Deus. Essa é a segunda consequência da queda enfatizada pelos reformadores. A humanidade não somente vive num estado lastimável de depravação espiritual, provocando muitas dores em si mesma — ela está debaixo do mais severo juízo de Deus por causa do estado de rebelião em que vive, atraindo sobre si castigos temporais impostos por ele. As Escrituras declaram abertamente que Deus, mesmo tendo reservado para o futuro as penas eternas merecidas pelos pecadores impenitentes, aqui e agora já impõe castigos temporais aos mesmos. As Escrituras nos dão inúmeros exemplos dos castigos temporais de Deus sobre o pecado do homem. A começar com os castigos impostos ao primeiro casal no Éden (Gn 3), passando pelo dilúvio

(Gn 6-8), a confusão das línguas (Gn 10) e a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 13-17), a Bíblia nos deixa muito claro que, aqui e agora, no presente tempo em que vivemos, Deus está executando, mesmo que parcialmente, juízos sobre os homens pecadores. Esses juízos por vezes tomam a forma de flagelos físicos. Deus disse por intermédio de Moisés que castigaria os israelitas com toda sorte de misérias temporais em caso de desobediência. O catálogo de sofrimentos em Deuteronômio 28 é impressionante: diminuição do patrimônio (v.18), doenças contagiosas, infecções, inflamações e febres (vs. 21-22), pragas (v. 22b), secas (v. 23), tumores, chagas, úlceras e coceiras (v. 27), cegueira (vs. 28-29), fracasso financeiro e escravidão (v. 29) — a lista é infindável (cf. o restante dela nos vs. 30-44; ver também Levítico 26.14-46).

Não pretendo fechar os olhos ao fato de que as Escrituras ensinam que Deus é paciente, complacente e misericordioso para com a humanidade rebelde, e que

apesar da desobediência e rebelião das pessoas, ele graciosamente lhes dá a vida, saúde, bens e até longevidade. Mesmo as pessoas mais ímpias por vezes experimentam nessa vida privilégios materiais que excedem em muito a porção magra com que frequentemente os justos são agraciados. A constatação dessa realidade levou muitos santos antigos a inquirir acerca da justiça de Deus (ver Salmo 72; o livro de Jó; o livro de Eclesiastes). A resposta é que Deus, em sua muita misericórdia e seguindo propósitos frequentemente ocultos aos nossos olhos, nem sempre nesta vida castiga o pecado imediatamente e na proporção que o mesmo merece. O juízo e a condenação final dos ímpios são certos e Deus tem reservado a punição deles para aquela ocasião. Aqui, no presente, ele os castiga por vezes com flagelos e aflições temporais, como prenúncios daquela condenação eterna que os aguarda.

A ideia de que todo mal — quer sob a forma de sofrimento e misérias, quer sob a forma de pecado — provém da atuação direta de demônios é bastante difundida pelo movimento de batalha espiritual. Na verdade, acredito que o conceito de que "todo mal é demoníaco" é a mais fundamental doutrina desse movimento. A esses espíritos malignos é atribuída a responsabilidade não somente de doenças, desastres, fracassos, divórcios, desemprego e coisas semelhantes, mas também de atitudes pecaminosas, como o uso de drogas, a prostituição, o homossexualismo, o consumo de pornografia e todos os distúrbios morais de comportamento. Segundo o entendimento de muitos proponentes da "batalha espiritual", essas entidades maléficas se instalam na vida das pessoas (crentes e descrentes) e nas estruturas sociais, políticas e econômicas de determinadas regiões geográficas. Resta à igreja somente o método de expelir essas entidades dos locais estratégicos onde se instalaram, como meio eficaz de combatê-las e libertar as pessoas debaixo de seu controle.

O ponto que desejo frisar é que esse ensino do movimento de "batalha espiritual" é uma perspectiva limitada e reducionista do ensino bíblico acerca do sofrimento humano, bem como uma avaliação distorcida da realidade que nos cerca. Os diferentes sofrimentos experimentados nessa vida pelos homens têm como origem, muitas vezes, não somente a desobediência humana, como também o castigo divino. Evidentemente, não sabemos ao certo dizer quando um termina e o outro começa. E é preciso reconhecer que, em casos como o de Jó,

Satanás pode servir como instrumento dentro dos propósitos divinos. Provavelmente os efeitos do pecado, os juízos divinos e a atuação dos demônios estão tão interligados em alguns casos que a separação na prática é impossível. De qualquer forma, creio ter ficado claro que o conceito defendido pelo movimento de batalha espiritual, de que todo sofrimento, toda miséria e todo mal circunstancial que sobrevêm às pessoas hoje tem origem demoníaca, não tem qualquer sustentáculo bíblico.

Não estou dizendo que os espíritos malignos não atuam na promoção da miséria e da dor, bem como na disseminação do pecado. Negar isso seria negar o ensino da Bíblia. Ela afirma que o diabo veio para matar, roubar e destruir (João 10.10). Afirma também que ele é o pai da mentira (Jo 8.44). Sabemos que Satanás se utiliza da nossa natureza depravada como instrumento de tentação, como se fosse um aliado interno, para nos levar ao pecado.[39] O que estou questionando é a ênfase do movimento de batalha espiritual de que toda forma de mal (circunstancial e moral) provém diretamente de Satanás, e que ele é, em última análise, o responsável pela nossa escravidão a determinados pecados.

Reconheço que muitos cristãos acham extremamente difícil romper com determinados comportamentos compulsivos que sabem serem pecaminosos, como ver pornografia, comer em excesso, sentir autopiedade ou mentir. Estou também pronto a admitir que Satanás procura levar as pessoas a permanecer escravas desses hábitos e padrões pecaminosos. Questiono, porém, a ideia de que tais crentes não conseguem se livrar porque estão debaixo do poder de um determinado espírito maligno que os levam a pecar sempre que esses demônios assim o desejem. Questiono essa ideia porque creio estar claro nas Escrituras que o homem é corrompido o suficiente para atrair sobre si sofrimentos e aflições decorrentes de seus próprios atos (sem que nenhum demônio esteja necessariamente envolvido). A ideia de que todo comportamento compulsivo é decorrente de demonização é um diagnóstico inadequado e abre portas para soluções inadequadas.

A Bíblia também ensina, como vimos, que Deus envia aflições sobre os ímpios

(e mesmo sobre seus filhos, para corrigi-los). Com isso não estou, nem por um segundo, sugerindo que Deus é o autor do pecado, ou que seja, no mínimo, cúmplice do mesmo.

Quando começamos a ir além da Escritura e responsabilizamos o diabo por todo o mal que ocorre nesse mundo, corremos alguns riscos:

Perder de vista o ensino bíblico acerca da queda e depravação do homem. Num artigo crítico contra os ensinos de Peter Wagner e demais proponentes do movimento de batalha espiritual, Mike Wakely acusa a teologia do movimento de ser pobre, descuidada e inferior, pois apresenta uma perspectiva inadequada do ensino bíblico acerca da queda do homem. Satanás, continua Wakely, é visto como operando primariamente por meio de instituições políticas, econômicas e religiosas. Uma vez que seu poder sobre esses sistemas é quebrado, as pessoas prontamente se converterão a Cristo.[40] *Mas esse ensino, diz Wakely, está em completo desacordo com o ensino bíblico de que o coração do homem é endurecido, teimoso e rebelde. Esse ensino de Wagner e de outros tende a justificar os pecados dessas pessoas e sua recusa em submeter-se a Cristo.*[41]

Perder de vista o ensino bíblico acerca da responsabilidade pessoal de cada indivíduo pelos atos que comete. Num artigo sobre como os cristãos podem se libertar de comportamentos compulsivos — outra maneira de se referir à prática costumeira de determinados pecados —, o autor Lester Sumrall corretamente menciona que o diabo ilude as pessoas com conceitos errados acerca do pecado e de Deus para mantê-las escravizadas a determinados hábitos pecaminosos, mas responsabiliza tais indivíduos por não serem capazes de romper com tais hábitos: (1) muitos não desejam realmente renunciar ao prazer que o pecado lhes traz; (2) outros são orgulhosos demais para buscar ajuda; (3) outros se concentram em assuntos secundários em vez de irem à raiz do problema; (4) ainda outros são inconstantes: desejam mudar, mas não a ponto de renunciar àqueles hábitos e sentimentos familiares. Ele conclui dizendo que é somente pelo esforço espiritual constante que poderemos nos libertar de padrões rotineiros de pecado.[42] *O que desejo destacar nesse artigo de Sumrall é a combinação*

equilibrada entre o reconhecimento de que Satanás pode iludir as pessoas ao pecado e a responsabilidade última que cada pessoa tem diante de Deus por se deixar iludir e praticar a iniquidade. Infelizmente, essa última ênfase tem faltado em muitas das publicações defendendo a "batalha espiritual". A tendência geralmente é resolver o problema da escravidão ao pecado em termos de expulsão de demônios supostamente responsáveis pelos mesmos, em vez do emprego dos meios bíblicos como a disciplina espiritual, como mencionado no artigo de Sumrall.

Perder de vista o ensino bíblico de que devemos resistir ao pecado. É importante observar que nem sempre é fácil distinguir entre os problemas comuns da vida e ataques de espíritos malignos. A dificuldade aumenta quando descobrimos que a Bíblia menciona que, além de Satanás, somos ainda tentados pela carne, pelo mundo e pelas circunstâncias adversas dessa vida. O que muitos defensores da "batalha espiritual" parecem não perceber é que a maioria dos nossos problemas, dificuldades e sofrimentos diários se originam da combinação entre nossa "bagagem de miséria humana básica" (predisposições genéticas, ambiente familiar, deficiências pessoais) e nossas tendências pecaminosas (amargura, ira, raiva, egoísmo). O mundo e o diabo completam o quadro, interagindo entre si para criar situações de conflito, que são por vezes tão complexas que não conseguimos classificá-las claramente. O que é mais interessante em tudo isso é que as Escrituras oferecem aos crentes uma maneira padrão de agir nessas circunstâncias, seja qual for a origem — ou origens — do conflito: submeter-se a Deus, arrepender-se dos pecados e resistir ao diabo — e ele fugirá

(Tg 4.7-10).[43] Entendendo a batalha espiritual somente em termos de ataques de espíritos malignos, muitos hoje têm negligenciado o ensino bíblico acerca da - necessidade de santificação, disciplina espiritual e resistência moral contra as tentações — sejam elas da carne, do mundo ou do diabo.

Portanto, é extremamente importante que mantenhamos firmes em nossas mentes o ensino bíblico de que o homem é um ser decaído e que está debaixo do

justo juízo de Deus. É importante não porque desejamos enfatizar morbidamente essas tristes verdades, mas porque precisamos compreender claramente a natureza das misérias e dos males que acometem as pessoas, a responsabilidade que têm nelas e de que forma devem reagir.

4. Se Alguém está em Cristo é uma Nova Criação

O leitor deverá ter percebido que o título acima é na verdade uma parte das palavras de Paulo em 2Coríntios 5.17, “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram nova” (ARA). Preferi traduzir a palavra ktisis como “criação” e não como “criatura” pelos seguintes motivos: (1) Das 19 vezes que a palavra ktisis ocorre no Novo Testamento, a grande maioria é traduzida por “criação” (cf. Mc 10.6; 13.19; Rm 1.20; 8.19-22; Cl 1.15, entre outros), embora em alguns casos a tradução “criatura” seja possível. (2) Algumas das traduções mais respeitadas internacionalmente preferem também “criação” em vez de “criatura”, como a RSV e a NVI. (3) “Criação” expressa melhor o sentido do que Paulo deseja dizer em 2Co 5.17. Seu ponto não é a transformação psicológica e espiritual que acontece com uma pessoa que está em Cristo (como na tradução da BLH, “é uma nova pessoa”), mas sua participação na nova criação que já foi iniciada por Deus em Cristo. O contraste entre coisas “antigas” e “novas” não é um contraste entre o tempo antes e depois da conversão da pessoa a Cristo, mas entre o período antes e depois da vinda de Cristo, entre a velha era e a nova. As palavras de Paulo devem ser entendidas não psicologicamente, mas escatologicamente, em termos do seu ensino sobre o raiar da nova era em Cristo, do início da nova criação em Cristo, da qual ele é o primogênito.[44] Já tratamos acima acerca do ensino paulino sobre as duas eras. Evidentemente esse conceito abrange o outro, de que a pessoa se torna uma nova pessoa interiormente, mas aponta para ainda outras características da obra de Cristo em favor da sua igreja.

Entendido dessa perspectiva, o verso está dizendo que se alguém está em Cristo ele faz parte da nova criação, da nova humanidade cujo cabeça é Cristo, e desfruta de todos os privilégios desse novo status. Outras passagens do Novo

Testamento nos completam o quadro: quem está em Cristo goza aqui e agora da presença do Espírito Santo como penhor do que ainda há por vir (Ef 1.14); experimenta o gozo e os poderes do mundo vindouro (Hb 6.4-5); compartilha da natureza de Cristo, que é o primeiro da ressurreição ainda por ocorrer

(Cl 1.18); já tem a vida eterna que significa conhecer a Deus e ao seu Filho Jesus Cristo (Jo 17.1-3); desfruta de um novo coração (Sl 51.10; Ez 11.19; 36.26); foi liberto do domínio do pecado e da lei (Rm 6.1-14; 7.1-6); é guiado pelo Espírito de Deus (Rm 8.1-17).

As Escrituras enfatizam especialmente a nova relação que aquele que está em Cristo mantém com Deus. Antigamente era filho da ira, dominado pelo mundo, pela carne e pelo diabo e debaixo do juízo de Deus (Ef 2.1-3); agora, foi perdoado e aceito por Deus, adotado como filho em Cristo; já nenhuma condenação existe contra ele (Rm 8.1). Ele não mais pertence a esse mundo que se desfaz, mas à época vindoura que já raiou no presente. Assim, Satanás já não tem mais qualquer autoridade ou direito sobre ele, apesar de ainda tentá-lo ao pecado. Nas palavras do apóstolo João, “o Maligno não lhe toca” (1Jo 5.18). Basta um estudo simples, nas Escrituras, da linguagem usada para descrever nossa redenção, para que não fique qualquer dúvida de que o crente, à semelhança de um escravo exposto à venda na praça, foi comprado por preço, e que, agora, passa a pertencer totalmente ao novo dono. O antigo patrão não tem mais qualquer direito sobre ele, como rezava a legislação romana da época. Assim, Paulo diz que fomos comprados por preço

(1Co 6.20; agorazw, “comprar, redimir, pagar um resgate para libertá-lo”), e que sendo agora livres, não devemos nos deixar outra vez escravizar (1Co 7.23). Fomos resgatados (lutrow) pelo precioso sangue de Cristo (1Pe 1.18-19; cf. Ap 5.9).

O ensino bíblico acerca da relação que o crente desfruta com Deus precisa ser enfatizado em nossos dias, particularmente as suas implicações. A julgar por

muito do que é dito por defensores do movimento de “batalha espiritual” quanto à atuação e ao poder dos espíritos malignos na vida dos crentes, falta-lhes uma visão e uma compreensão mais exata quanto ao ensino do Novo Testamento sobre o ser nova criatura, ou melhor, nova criação, bem como quanto às implicações desse ensino para a “batalha espiritual”. Há pelo menos dois ensinamentos da “batalha espiritual” que acabam por minimizar a eficácia da obra de Cristo, que são: a demonização de crentes verdadeiros e a necessidade de quebrar maldições.

Primeiro, vejamos o conceito de que crentes verdadeiros podem ser demonizados. Ele tem se tornado tão popular que muitos artigos de revistas teológicas especializadas em aconselhamento, ao tratar das características da demonização, não fazem qualquer distinção entre crentes e descrentes.[45]

Mas, o que é “demonização”? É importante entendermos bem o que querem dizer quando empregam esse termo. Há quatro coisas que definem bem esse conceito:

Demonização é diferente de possessão demoníaca. Frank Peretti, pastor licenciado da Assembleia de Deus e autor do best-seller de 1986, Esse Mundo - Tenebroso, defende que um cristão não pode ficar possuído por um demônio, mas pode ser “demonizado”.[46] *Não somente Peretti, mas muitos líderes do movimento de “batalha espiritual” seguem a mesma distinção, como por exemplo, Gilberto Pickering, no Brasil. Em seu livro Guerra Espiritual, ele acusa os tradutores da versão King James de terem colocado a igreja na direção errada ao traduzir o termo grego daimonizomai e seus cognatos por “possessão demoníaca”, tradução também adotada pela Almeida.*[47] *A expressão “possessão demoníaca” e mesmo “endemoninhamento”, segundo Pickering, implica posse por parte de Satanás da vida e do destino de uma pessoa.*[48] *Nesse caso, só há duas opções: ou alguém está possuído por um espírito maligno, ou não está.*

Demonização é um fenômeno parcial. O ponto defendido é que existem graus

diferentes em que uma pessoa — mesmo um crente — está debaixo do controle e influência de Satanás. Daí a preferência pela tradução "demonizado" ou "endemoninhado", pois expressa a ideia de que uma pessoa, mesmo um crente, pode ter alguma área de sua vida debaixo do controle parcial de um ou mais demônios, sem necessariamente estar "possesso" por eles. Powlison, em sua crítica à "batalha espiritual", descreve este conceito fazendo um paralelo entre a personalidade humana infestada em diversas áreas por demônios e o disco rígido de um computador, onde determinadas áreas estão infectadas com um ou mais vírus.[49]

Portanto, muitos defensores da "batalha espiritual" negariam que um crente pode ficar possesso de um espírito imundo, mas afirmam que ele pode ficar "demonizado", isto é, com alguma área de sua vida debaixo do controle de um ou mais demônios.[50] Na verdade, vão ao ponto de dizer que não existe "possessão demoníaca" nem mesmo de incrédulos — o que há é "demonização".[51] Portanto, a explicação que dão para um comportamento moral ilícito é de que os demônios do pecado estão entrincheirados no coração humano.

A demonização ocorre por causas bem definidas. Aparentemente, eles entendem que a "demonização" é uma influência maligna na vida de uma pessoa, superior à daquela da tentação, em que um ou mais demônios vêm habitar na pessoa, fazendo-a ficar confusa, incrédula e especialmente escravizada a determinados hábitos pecaminosos. A pessoa cai vítima desta opressão demoníaca por causa de seus pecados ou por causa dos pecados de outros contra ela, como por exemplo, a molestação sexual durante a infância.[52] *A "demonização" de um crente verdadeiro pode ocorrer ainda por vários outros motivos: o pecado de seus antepassados, ódio, amargura e rebelião durante a infância, pecados sexuais, maldições e pragas rogadas por outros e envolvimento com o ocultismo.*[53]

Tais coisas dão autoridade aos demônios para invadi-las. O mesmo ocorre por causa de maldições hereditárias. Qualquer que seja a causa, os demônios

invadem a vida das pessoas e nelas habitam. No caso dos crentes, eles - permanecem em constante conflito com o Espírito Santo, que também habita nos crentes.[54] Segundo alguns, estes demônios invasores podem ficar habitando no corpo ou na alma do crente.[55]

Demonização e vida em pecado andam juntas. O efeito da demonização de crentes ou descrentes, segundo Murphy, é uma vida em pecado, geralmente nas áreas de práticas sexuais ilícitas, ódio, mágoa, rancor, rebelião, sensação de culpa, rejeição e vergonha, atração ao ocultismo e ao mundo dos espíritos.[56] Para Murphy, o processo de demonização de um crente é geralmente o seguinte: o primeiro demônio invade a sua vida e abre as portas para que outros venham. Se não forem detectados e expulsos, permanecerão lá, habitando no crente, e gradativamente ganharão controle sobre as suas emoções, até finalmente atingirem o centro de sua personalidade. Crentes demonizados não poderão prosseguir sozinhos na vida cristã; precisam de ajuda de alguém que expulse essas entidades de suas vidas.[57]

Embora o conceito de "demonização" seja uma ótima explicação para os hábitos pecaminosos que escravizam muitos crentes, ele esbarra em algumas dificuldades exegéticas e teológicas. Há pelo menos quatro delas que podemos mencionar.

O problema é mais que uma questão de tradução. Mudar a tradução de daimonizomai ("possessão demoníaca") para "demonização" não resolve o problema levantado pela sugestão de que crentes verdadeiros podem se tornar escravos de demônios, mesmo que seja em apenas algumas áreas morais da sua vida. Embora o último termo traduza de forma mais literal a expressão bíblica, o primeiro expressa melhor o seu sentido. Alguém "demonizado" está debaixo do controle de um demônio. Existe alguma área de sua vida — ou sua vida toda — que está possuída por aquela entidade. É este o sentido da expressão.

Nos casos mencionados nos Evangelhos e Atos, os endemoninhados estavam

afligidos por distúrbios, quer mentais ou físicos (paralisia, cegueira, surdez, epilepsia, loucura, cf. Mt 4.24; 8.28; 12.22; 15.22). Seus corpos e mentes haviam sido invadidos por demônios. A causa nunca é citada. O efeito é que tais pessoas estavam debaixo do controle desses seres, que não somente as afligiam, mas as haviam privado da razão, às vezes da saúde e do controle físico.

Nos Evangelhos, as atitudes e reações das pessoas "demonizadas" são atribuídas aos demônios que as invadiram, ver Mc 3.11; Mt 8.31; Mc 1.26;

Lc 4.35; At 5.16; et al. Portanto, não é de se admirar que os tradutores, quase que universalmente, têm traduzido o verbo daimonizomai indicando possessão demoníaca. É que se trata da invasão de demônios na vida, no corpo, na mente e na personalidade das pessoas, chegando ao ponto de escravizá-las a certos pecados e atitudes. Admitir que um crente esteja "demonizado" é admitir que ele está debaixo do controle de Satanás, cativo à sua vontade, impelido a essas atitudes compulsivas. E, portanto, mesmo que a terminologia seja trocada, permanece a questão sobre se um crente pode ter demônios habitando em seu corpo, o qual é igualmente habitado pelo Espírito Santo.[58]

O conceito agride textos claros quanto aos privilégios dos crentes. A questão é realmente aguda, pois a Escritura ensina que o crente está assentado com Cristo nos lugares celestiais, acima de todos os principados e potestades (Ef 1.21-22). O crente está em Cristo, e Cristo nada tem a ver com o maligno (Jo 14.30). E, naturalmente, o diabo não toca os que são de Cristo (1Jo 5.18), pois o que está no crente (o Espírito Santo) é maior que os espíritos malignos que habitam neste mundo (1Jo 4.4).

O pecado é atribuído à natureza decaída do homem. Os demônios denominados pela "batalha espiritual" como sendo demônios da lascívia, do ódio, da ira, da vingança, da embriaguez, da inveja, e assim por diante, não aparecem no Novo Testamento. Essas coisas são, na verdade, as obras da carne mencionadas por Paulo em Gálatas 5.19-21 e em outros lugares. A solução para estes pecados

não é expulsar demônios que supostamente os produzem, mas arrependimento, confissão e santificação. O conceito de "crente demonizado", na realidade, em vez de produzir a mortificação da nossa natureza pecaminosa como as Escrituras determinam (Cl 3.8; Rm 8.13), fornece uma desculpa e uma racionalização para o pecado, as quais a nossa natureza pecaminosa sempre é rápida em usar.

Falta comprovação bíblica da demonização de crentes. Além disso, falta a necessária comprovação bíblica de que podemos e devemos expulsar demônios da vida de crentes verdadeiros. Jesus nunca expulsou demônios de quem era seu discípulo — Maria Madalena, de quem Jesus expulsou sete espíritos malignos, certamente se converteu naquela ocasião (Lc 8.2). O Novo Testamento é silencioso quanto aos apóstolos expulsarem demônios de crentes das igrejas locais; silencia igualmente quanto às causas que levaram determinadas pessoas a ficarem endemoninhadas. O Novo Testamento apenas descreve o encontro de Jesus e dos apóstolos com pessoas endemoninhadas, mas em nenhum caso revela como o endemoninhamento aconteceu, se foi por causa de pecados pessoais, pelos pecados de outros, por maldições hereditárias, ou qualquer outros dos motivos alegados pelos proponentes da "batalha espiritual". Não devemos tentar satisfazer a nossa curiosidade baseados em especulações e experiências pessoais.

Segundo, a quebra de maldições. Esse ensinamento característico da "batalha espiritual" tende igualmente a minimizar a perfeição e a eficácia da obra de Cristo na vida do crente. Podemos resumir esse conceito em quatro pontos.

Os filhos pagam pelos erros dos pais. Os pecados, vícios e pactos demoníacos feitos pelos antepassados de um crente afetam negativamente a sua existência presente, segundo esse entendimento. Maldições hereditárias são aquelas que herdamos dos nossos pais e antepassados em decorrência desses erros que eles cometeram. Esse conceito procura basear-se em Êxodo 20.5, onde Deus afirma que castiga a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração.

A transmissão genética de demônios. Autores como Robson Rodovalho chegam a sugerir que os espíritos "familiares" passam dos pais para os filhos através dos genes.[59] Dessa forma, eles se perpetuam na família geração após geração. Isso explicaria porque determinadas famílias sofrem de pecados ou tragédias características em suas linhagens. Por exemplo, famílias que através dos séculos são marcadas por casos e mais casos de suicídios são vítimas de um "espírito familiar" de suicídio, que entrou na linhagem por algum motivo e só sairá com a quebra da maldição e a reparação do pecado que lhe deu a oportunidade.

O poder abençoador e amaldiçoador das palavras. As pragas, maldições ou palavras más proferidas diretamente contra nós no presente também têm o poder de nos tornar infelizes, de perturbar nossa vida. Maldições podem incluir frases dos nossos pais como "menino, vai para o diabo que te carregue!". Por meio delas, os demônios recebem autoridade para entrar em nossa vida e torná-la em miséria, dor e sofrimento.

A necessidade de quebrar essas maldições. Mesmo um verdadeiro crente pode deixar de alcançar a plena felicidade nesse mundo caso esteja "amaldiçoado", isso é, debaixo de alguma maldição. Caso não as quebre, padecerá nas mãos dos demônios, que recebem poder para atormentá-lo por meio delas. O processo consiste em localizar e identificar estas maldições, e anulá-las "em nome de Jesus". A "quebra" dessas maldições abre o caminho para a libertação.[60] No caso de maldições hereditárias, alguns aconselham que se trace a árvore genealógica da nossa família, procurando identificar as pragas, maldições, pecados e pactos com demônios feitos por eles no passado, para depois anulá-los, quebrando-os e rejeitando-os em nome de Jesus.[61]

É verdade que podemos experimentar as consequências dos erros da nossa família. Também é verdade que as palavras podem ser usadas para destruir vidas. É igualmente verdadeiro que devemos rejeitar todas as obras das trevas, cuidar das nossas palavras e não sermos coniventes com os pecados de nossos antepassados e parentes ao nosso redor. Contudo, o ensino de "quebra de

maldições” vai muito além disso. Existem quatro críticas que podemos fazer a ele.

Uso parcial da evidência bíblica. Geralmente o texto usado para defender o conceito de que os filhos pagam pelos erros dos pais é Êxodo 20.5, onde Deus ameaça visitar a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração dos que o aborrecem.

Entretanto, ensinar que Deus faz cair sobre os filhos as consequências dos pecados dos pais é só metade da verdade. A Escritura nos diz igualmente que se um filho de pai idólatra e adúltero vir as obras más de seu pai, temer a Deus e andar em seus caminhos, nada do que o pai fez virá cair sobre ele. A conversão e o arrependimento individuais “quebram” na existência das pessoas a “maldição hereditária” (um efeito somente possível por causa da obra de Cristo).

Esse foi o ponto enfatizado pelo profeta Ezequiel em sua pregação ao povo de Israel da época (leia cuidadosamente Ezequiel 18). A nação de Israel havia sido levada em cativeiro para a Babilônia, e os judeus cativos se queixavam de Deus dizendo “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram...” (Ez 18.2b) — ou seja, “nossos pais pecaram, e nós é que sofremos as consequências”. Eles estavam transferindo para seus pais a responsabilidade pelo castigo divino que lhes sobreveio, que foi o desterro para a terra dos caldeus. Achavam que era injusto que estivessem pagando pelo pecado de idolatria dos seus pais. Usavam um provérbio da época, que nos nossos dias seria mais ou menos assim: “Nossos pais comeram a feijoada, mas nós é que tivemos a dor de barriga...”

Por intermédio do profeta Ezequiel, Deus os repreendeu, afirmando que a responsabilidade moral é pessoal e individual diante dele: “A alma que pecar, essa morrerá — não o seu pai ou a sua mãe” (Ez 18.4b,20). E que pela conversão e por uma vida reta o indivíduo está livre da “maldição” dos pecados de seus antepassados, (ver 18.14-19). Esta passagem é muito importante, pois nos mostra

de que maneira o próprio Deus interpreta (por intermédio de Ezequiel) o significado de Êxodo 20.5. Aplicando aos nossos dias, fica evidente que o crente verdadeiro já rompeu com seu passado e com as implicações espirituais dos pecados dos seus antepassados, quando, arrependido, veio a Cristo em fé.

Minimização dos efeitos da obra de Cristo. Esse é a nossa maior preocupação. O apóstolo Paulo nos esclarece que o escrito de dívida que nos era contrário, a maldição da lei, foi tornado sem qualquer efeito sobre nós: Jesus o anulou na cruz (Cl 2.13-15; Gl 3.13). Ou seja, toda e qualquer condenação que pesava sobre nós foi removida completamente quando Cristo pagou, de forma suficiente e eficaz, nossa culpa diante de Deus. Ora, se a obra de Cristo no Calvário em nosso favor foi poderosa o suficiente para remover de sobre nós a própria maldição da santa lei de Deus, quanto mais qualquer coisa que poderia ser usada por Satanás para reivindicar direitos sobre nós, inclusive pactos feitos com entidades malignas, por nós ou por nossos pais, na nossa ignorância.

Basta um estudo simples, nas Escrituras, da linguagem usada para descrever nossa redenção, para que não fique qualquer dúvida de que o crente, à semelhança de um escravo exposto à venda na praça, foi comprado por preço, e que, agora, passa a pertencer totalmente ao seu novo senhor. O antigo patrão não tem mais qualquer direito sobre ele, como rezava a legislação romana da época. Assim, Paulo diz que fomos comprados por preço (1Co 6.20; agorazw, comprar, redimir, pagar um resgate — termo usado para o ato de comprar um escravo na praça, ou pagar seu resgate para libertá-lo), e que sendo agora livres, não devemos nos deixar outra vez escravizar (1Co 7.23). Fomos resgatados

(lutrow) pelo precioso sangue de Cristo (1Pe 1.18; cf. Ap 5.9).

Quando vivemos à luz da gloriosa verdade de que “se alguém está em Cristo é nova criação” não tememos pragas, maldições, encostos, mau-olhado, “olho gordo”, despachos, trabalhos. Igualmente vivemos seguros de que não somos “amaldiçoados” por qualquer dos pecados de nossos pais: tudo foi anulado na

cruz. Não estou dizendo que os verdadeiros cristãos gozam de uma imunidade automática quanto à influência de espíritos malignos. É preciso revestir-se da força do Senhor e de toda armadura de Deus para que possam resistir às astutas ciladas do diabo.[62] Meu objetivo foi deixar clara a importância de abraçarmos o ensino correto sobre a situação daquele que está em Cristo. Saber o que isso significa nos dará os parâmetros corretos para avaliarmos os frequentes relatos de experiências estranhas que ouvimos de evangélicos ao nosso redor, que parecem minimizar ou diminuir a suficiência da obra de Cristo em favor dos que são seus (Mt 16.23).

Conclusão

Meu alvo nesse capítulo foi abordar alguns dos principais ensinos do movimento de "batalha espiritual" partindo do contexto doutrinário maior onde o mesmo se encaixa. Analisando os temas maiores que controlam a área de demonologia bíblica, procurei mostrar que muitas das distorções apresentadas pela demonologia do movimento se devem ao fato que ele enfoca determinados ensinos fora dos contextos a que pertencem. Quando analisamos a atuação demoníaca da perspectiva do ensino bíblico sobre a soberania de Deus, a suficiência das Escrituras, a queda do homem e a plena redenção em Cristo, verificamos que a "batalha espiritual" não pode se tornar a porta de entrada ou o tema dominante de uma Teologia ou de uma estratégia missionária adequados para a Igreja de Cristo. Seria reduzir e distorcer o ensino mais completo das Escrituras.

Embora reconheçamos que existe um conflito se desenrolando no presente entre a igreja e as hostes das trevas, temos dúvidas de que o mesmo deva ser o ponto focal da reflexão e da praxis da igreja de Cristo em nossos dias, visto que está subordinado a muitos outros pontos mais abrangentes e fundamentais.

Ao mesmo tempo, é importante observar que eventualmente as igrejas locais poderão defrontar-se com situações em que seja necessário um profundo esforço

espiritual contra as obras das trevas. Pessoalmente não penso que deva haver um ministério nas igrejas locais especificamente para lidar com essas situações. As comunidades como um todo deveriam envolver-se, cada um de acordo com os seus dons e capacidades. O combate espiritual contra Satanás não é atribuição ou ministério de uma só pessoa e nem mesmo de um grupo dentro da igreja, mas da comunidade local como um todo. Efésios 6 foi escrito não para o "ministério de batalha espiritual" da igreja de Éfeso, mas para a igreja de Éfeso como um todo.

A igreja deve guiar-se pelos pontos mais centrais do ensinamento bíblico. Por meio deles colocará na perspectiva correta qualquer novo assunto que surja. Neste capítulo enumerei quatro desses pontos que controlam, ao meu ver, a compreensão adequada dos ensinamentos da "batalha espiritual: a soberania de Deus, a suficiência das Escrituras, a decadência da raça humana e a suficiência da obra de Cristo. Uma vez que esses pontos sejam firmemente defendidos e ensinados, haverá pouco espaço para que os erros da "batalha espiritual" penetrem.

---

1. Por exemplo, veja-se o livro de Paulo Romeiro, da Assembleia de Deus, Evangélicos em Crise: Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira (São Paulo: Mundo Cristão, 1995), onde ele faz severas críticas ao movimento.

2. Veja extratos dessa declaração em Mike Wakely, "A critical look at a new 'key' to evangelization", em Evangelical Missions Quarterly, (Abril, 1995), p. 156-57.

3. Boa parte do material aqui apresentado apareceu na minha obra, O que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1997), e é reproduzido aqui com permissão.

4. I. H. Marshall, Atos: Introdução e Comentário, em Série Cultura Bíblica (São Paulo, Vida Nova: 1982).

5. Cf. por exemplo, Gerhard Van Groningen, Revelação Messiânica no Antigo Testamento (Campinas: Luz Para o Caminho, 1995); O. Palmer Robertson, O Cristo de Todos os Pactos (Campinas: Luz para o Caminho, 1997); Mauro Meister, Uma Breve Introdução ao Estudo do Pacto em Fides Reformata 3/1 (1998), p. 110-122.

6. Institutas, III, 7, 1. O reconhecimento da soberania de Deus era uma das principais características da doutrina de Calvino, cf. Ken Myers, Calvin and culture, em Tabletalk, 19/10 (1995), p. 58-59.

7. Um exemplo é o artigo escrito por Ross Marrs, onde afirma que as pessoas estão sempre arruinando o bom plano de Deus, e que Deus sempre está pronto para começar outra vez, cf. Ross W. Marrs, God's nest egg, em Clergy Journal, Maio/Junho de 1989, p. 30-34. Outros autores falam de Deus como soberano, mas não no sentido de pleno domínio sobre suas criaturas morais. Cf. por exemplo Quetin Schultze, Culture watch: the crossover music question, em Moody, Out. 1992, p. 30-32; Spiros Zodhiates, Signs — why God gives them or refuses them, em Pulpit Helps, Maio de 1990, p. 1-5.

8. Clark Pinnock, God's sovereignty in today's world, em Theology Today, 53/1 (1996), p. 15-21.

9. J. Long, em Discipleship Journal, Março/Abril de 1992.

10. Para maiores detalhes sobre esta abordagem histórica, redentiva-escatológica dos ensinos do Novo Testamento, veja George Ladd, Teologia do Novo Testamento, 2a. edição (Rio: JUERP, 1985) p. 24-32; Herman Ridderbos, Paulus: Ontwerp van zijn theologie (Kampen: Uitgeversmaatschappij, 1966) p. 40-55; The Coming of the Kingdom (Filadélfia, PA: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1976) p. 104-115; Geerhardus Vos, Redemptive History and Biblical Interpretation (Phillipsburg, Nova Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980).

11. Robert A. Guelich, Spiritual Warfare: Jesus, Paul and Peretti em Pneuma 13/1 (1991), p. 39.

12. Ver o excelente livro de F. Solano Portela Neto, Cinco Pecados que Ameaçam os Calvinistas (São Paulo, PES, 1997).

13. Jay Adams, Counseling and the sovereignty of God, em Journal of Biblical Counseling, Inverno de 1993, p. 4-9.

14. John Piper, Charles Spurgeon: preaching through adversity, em Founders Journal, 23 (1996) p. 5-21.

15. Cf. por exemplo Merrill Unger, Biblical Demonology (Wheaton, IL; Scripture Press, 1952; 7a. edição, 1967).

16. Exemplos de obras assim são William Gurnall, The Christian in Complete Armour (1662); Thomas Brooks, Precious Remedies Against Satan's Devices (Great Britain: Banner of Truth, 1984), John Bunyan, Holy War.

17. Neusa Itioka, A igreja e a Batalha Espiritual: Você Está em Guerra! em Série Batalha Espiritual (São Paulo: Editora SEPAL, 1994) p. 29-30; 61-64.

18. Ibid., p. 30, 52-53; 67-69; 49.

19. C. Peter Wagner, Territorial Spirits and World Missions, em Evangelical Missions Quarterly, p.25 (1989).

20. Ibid., p. 278.

21. Ibid., p. 279.

22. Ibid., p.278.

23. Ibid., p. 282-284.

24. Wakely, A critical look, p. 158.

25. Ibid., p.159.

26. Wagner, Territorial Spirits and World Missions, p. 284.

27. Veja, por exemplo, Samuel Southard e Donna Southard, “Demonizing and mental illness (III): explanations and treatment, Seoul”, em Pastoral Psychology, (Inverno de 1986) p. 132-151; T. Craig Isaacs, The possessive states disorder: the diagnosis of demonic possession, em Pastoral Psychology, (Verão de 1987) p. 263-273.

28. Christopher Rosik, Multiple personality disorder: an introduction for pastoral counselors, em Journal of Pastoral Care, (Outono de 1992) p. 291-298

29. Cf. Isaacs, The possessive states disorder, p. 263-73.

30. Rosik, Multiple personality, p. 291-298.

31. Gary Greenwald, The dangerous transference of spirits, em Charisma & Christian Life, (Outubro de 1990) p. 110-120.

32. Entretanto, o conceito de transferência (sem entrar no mérito de que espírito) ocorre em várias passagens bíblicas; Nm 11.17; 2Re 2.9,15; 1Co 2.12.

33. Thomas White, Establishing your home as a spiritual refuge, em Equipping the Saints, (Inverno de 1993) p. 14-16.

34. É bom notar que o catolicismo medieval, sob a influência de Aquino, adotara um semipelagianismo, mesmo que na antiguidade houvesse rejeitado o pelagianismo puro. Neste sistema, acreditava-se que o homem cooperava com a graça de Deus para a salvação.

35. É interessante que Paulo escreveu essas palavras aos cristãos de Roma, cidade conhecida pela degradação moral já em sua época. Deste mesmo período são as palavras Romae omnia venalia esse (“Em Roma tudo está à venda”), usadas por jovens aristocratas romanos na tentativa de descrever para Jugurta, jovem príncipe númida, a corrupção reinante em sua pátria.

36. Shakespeare, O Mercador de Veneza, Ato II (palavras de Aragão).

37. Ibid. (palavras de Bassânio).

38. Jules Romains, Ascensão dos Perigos.

39. Cf. Curtis C. Mitchell, Tactics against Temptations, em Moody (Junho de 1989), p. 30-35.

40. Veja a resenha do livro Espíritos Territoriais, editado por Peter Wagner, em Fides Reformata, 1/2 (1996) 133-36.

41. Wakely, A Critical look, p. 160ss.

42. Lester Sumrall, Breaking compulsive behavior, em Carisma & Christian Life (Outubro de 1990) p. 68-72.

43. Veja esse ponto em detalhes em Tom White, Is this really warfare? em Discipleship Journal, 81 (Maio/Junho de 1994) p. 32-37.

44. Veja a excelente exposição dessa passagem por Ridderbos em Paulus,

Ontwerp van zijn Theologie, p. 41-42.

45. Isso não quer dizer que os autores não reconheçam que há uma distinção, mas sim que, em termos práticos de aconselhamento, a filiação religiosa do paciente não faz diferença, cf. T. Carig Isaacs, The possessive states disorder: the diagnosis of demon possession; Christopher Rosik, Multiple personality disorder.

46. Veja a resenha desse livro feita por Dan O'Neil, The supernatural world of Frank Peretti em Charisma & Christian Life (Maio de 1989) p. 48-52.

47. Gilberto Pickering, Guerra Espiritual: Estratégias Missionárias de Cristo (Rio de Janeiro: CPAD, 1987) p.116.

48. Ibid., p.116-7.

49. David Powlison, Power Encounters: Reclaiming Spiritual Warfare (Grand Rapids: Baker, 1995), p. 30.

50. Cf. Ed Murphy, The Handbook for Spiritual Warfare (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1992) , p. 50-51; Rita Cabezas, Desmascarado (São Paulo: Renascer, 1996), p. 216-19.

51. Murphy, Handbook, p. 51.

52. Murphy defende veementemente esse ponto, cf. Ibid., p. 449-462.

53. Ibid., p. 437-48. Cf. Itioka, A igreja e a Batalha Espiritual, p. 61-63.

54. Murphy, Handbook, p. 429-30.

55. Itioka, A igreja e a Batalha Espiritual, p. 65.

56. Murphy, Handbook, p. 433-44.

57. Ibid., p. 434.

58. Pickering, na tentativa de evitar o problema criado pela palavra do apóstolo João que o diabo não toca o que é nascido de Deus (1Jo 5.18), chega ao ponto de dizer que essa passagem se refere apenas à nova natureza dentro do crente, enquanto que a velha natureza é sujeita a invasões demoníacas! (cf. Guerra Espiritual, p.118-20) É um exemplo claro de uma exegese a serviço de conceitos

teológicos preconcebidos.

59. Robson Rodovalho, Quebrando as Maldições Hereditárias (Brasília: Koinonia, 1992; 5a. edição, 1995). Ele baseia sua afirmação de que espíritos de necromancia, adivinhação e feitiçaria passam de geração em geração, no termo “espírito familiar”, que aparece na King James, uma conhecida versão inglesa da Bíblia (Rodovalho, Quebrando as Maldições, p. 12). Trata-se de uma interpretação grosseira. O termo “familiar spirits” em Inglês não quer dizer “espírito de famílias”, mas simplesmente um espírito conhecido, com o qual alguém tem familiaridade, intimidade. A King James traduziu corretamente o par de termos {yino(:D Yah-le) w tobo)fh-le) (´él ha´ovot ve ´él háyyidd`onîm) que aparecem sempre juntos indicando necromantes e adivinhos. O segundo termo (({yno(:D Yah)) vem da raiz “conhecer”, e significa literalmente os “conhecedores”,

referindo-se aos necromantes que consultam – e portanto tem intimidade e conhecimento – os espíritos dos mortos. Daí o conceito de ter um “espírito familiar”, isto é, conhecido.

60. Um dos livros que mais tem servido para difundir estas ideias no Brasil é o da pentecostal Marilyn Hickey traduzido no Brasil com o título Quebre a Cadeia da Maldição Hereditária (Adhonep, 1988). Representantes brasileiros seriam, por exemplo, Valnice Milhomens, Robson Rodovalho (Quebrando as Maldições Hereditárias), Jorge Linhares (Bênção e Maldição, [Belo Horizonte, MG: Betânia, 1991] 2a. edição, 1992), entre outros.

61. Esse é o tema do livro de Rodovalho, Quebrando as Maldições Hereditárias.

62. Cf. Clinton Arnold, “Giving the devil his due”, em Christianity Today (Agosto de 1990), p.16-19.